

LEIA O LIVRO. SIGA AS PISTAS. VENÇA O JOGO

INFINITY RING™



LIVRO 6

ATRÁS DAS LINHAS INIMIGAS

JENNIFER A. NIELSEN

SEGUINTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





LIVRO 6
**ATRÁS DAS LINHAS
INIMIGAS**

JENNIFER A. NIELSEN

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Para Noah, que um dia terá o mundo nas mãos. Existe um preço a pagar pela grandeza, por se destacar da multidão. Não é fácil, mas no fim sempre vale a pena.

EUROPA, 1943



Cair, levantar e correr

RIQ CHEGOU À NOVA REALIDADE se esbarrachando no chão duro. Ele gemeu e apalpou rapidamente o corpo para ver se algo estava quebrado. Por algum motivo, havia um graveto no bolso da calça, uma lembrança de sua recente aventura na expedição de Lewis e Clark. Estava quebrado, mas não era isso que o preocupava. O joelho no qual ele havia aterrissado doía e em pouco tempo surgiria um hematoma feio. Quando se juntou aos Guardiões da História, ninguém o avisou sobre os riscos inerentes ao trabalho.

— Vocês estão bem? — ele perguntou a Dak e Sera. Como não ouviu nenhuma resposta, levantou e olhou ao redor. Onde eles estavam?

— Uma mãozinha, por favor!

Era a voz de Dak, mas Riq demorou um pouco para localizá-lo. Quando conseguiu vê-lo, soltou um suspiro de desânimo. Dak e Sera haviam aterrissado sobre o toldo de um prédio. Sortudos como eram, poderiam muito bem ter caído sobre uma pilha de travesseiros. Riq estendeu a mão para ajudá-los a descer, mas Sera segurou a barra metálica do toldo e saltou sozinha para o chão.

— Quer me fazer passar vergonha, é? — Dak perguntou, rindo. — Tudo bem, pode deixar que eu desço sozinho.

Ele se segurou na mesma barra mas, em vez de deslizar pelo toldo, caiu como um saco de batatas e acabou preso pelo cinto em um dos postes de sustentação.

Em meio a gargalhadas, Riq disse:

— Não sei como você sobreviveu sem mim por tantos anos.

— Fique sabendo que da última vez que caí em cima de um toldo consegui descer sozinho numa boa — Dak disse em sua defesa.

Riq ficou curioso para saber quando e como isso tinha acontecido, já que não fora em suas viagens no tempo. Mas achou melhor não perguntar.

Em vez disso, ergueu Dak pelo cinto e, com a ajuda de Sera, tirou o garoto dali. Quando Dak se soltou, caiu em cima dos outros dois, que se estatelaram no chão. Riq tinha certeza de que ganharia um hematoma no outro joelho com essa queda. Mais uma vez Dak tinha aterrissado em algo macio: ele.

Os amigos se levantaram e sacudiram a poeira das roupas enquanto observavam o local: uma cidadezinha silenciosa com lojas e prédios comerciais simpáticos, todos fechados, pois

já era noite.

— Está tarde — comentou Sera. — Acho que eu deveria estar com sono, mas para nós é como se ainda fosse dia claro no Velho Oeste.

Riq suspirou. Fazia tempo que não pensava em como *deveria* se sentir.

— É tudo relativo — ele disse. — O tempo, o dia da semana, as estações do ano... Não interessa o que diz o relógio, nós dormimos quando dá sono e comemos quando temos fome.

— Bom, eu estou sentindo os dois. — Dak lambeu os lábios para enfatizar a parte da fome. — Vamos dar uma volta na cidade e procurar comida e um lugar pra ficar. Dever ter queijo por aqui.

As ruas eram estreitas e seguiam trajetos que pareciam aleatórios. Os olhos de Riq procuravam instintivamente os letreiros, para tentar descobrir onde estavam. Muitas construções pareciam antigas, mas havia carros estacionados junto ao meio-fio, além de cabines telefônicas e caixas de correio nas calçadas.

— Estamos no século xx — Sera falou quando começaram a caminhar. — E em algum lugar da Europa, certo? Queria que o SQuare informasse o lugar e a época para onde estamos indo, não só as coordenadas para inserir no Anel.

Riq apontou para uma placa à sua esquerda.

— “Açougue McGregor e Família” — ele leu. — Está em inglês.

— Estamos em Aberdeen, na Escócia — informou Dak. — No dia 21 de abril de 1943. Bem no meio da Segunda Guerra Mundial.

Riq detestava admitir, mas às vezes Dak era muito preciso em suas deduções. Ele ia começar a dizer isso em voz alta, mas desistiu quando olhou para o garoto.

— Que foi? — perguntou Dak, segurando um jornal todo amassado. Mesmo à distância, Riq conseguiu ler o nome da publicação: *The Aberdeen Press & Journal*. Sem dúvida a data estava logo abaixo.

— Você é mesmo um baita Sherlock Holmes — comentou Riq.

— Se quer dizer que sou bom em encontrar pistas para minhas deduções brilhantes, vou aceitar como um elogio.

— Certo, Sherlock, agora tente descobrir por que estamos aqui. — Riq olhou ao redor. — Quem está com o SQuare?

Sem soltar o jornal, Dak enfiou uma das mãos dentro da calça, sacou o tablet e o ofereceu a Riq.

— Que nojo! — Riq não entendia por que o garoto insistia em carregar o dispositivo dentro da calça.

— Pode deixar comigo — falou Sera, estendendo a mão. — Ele não está funcionando direito desde que precisou ser desmontado em Bagdá, então acho que vou precisar fazer uns ajustes.

Os três pararam sob um poste de luz e Sera ligou o dispositivo. A tela demorou mais do que o normal para acender, o que deixou Riq preocupado. Na primeira metade do século xx, a tecnologia ainda era bastante primitiva. Os melhores computadores da época ocupavam salas inteiras e só serviam para fazer cálculos matemáticos. Onde eles conseguiriam outro SQuare se aquele não funcionasse mais?

Só havia uma resposta para aquela pergunta: no futuro. Na verdade, os Guardiões da História já tinham avisado que o trio precisaria voltar ao futuro para pegar um SQuare novo antes de corrigir a Fratura Fundamental, que deu origem a todas as outras. Riq, porém, queria adiar essa viagem o máximo possível. Ele interagira com seus antepassados em uma das Fraturas anteriores e estava apavorado com as possíveis consequências. Principalmente se isso significasse que, quando voltasse ao século XXI, ele não existiria mais.

Sera deu um tapinha na lateral do tablet e as letras apareceram na tela. Elas formavam uma única palavra que a garota se inclinou para ler melhor.

— Deve estar quebrado — ela falou. — Só tem um pedaço do código aqui.

— O que está escrito? — Riq perguntou.

Sera encolheu os ombros.

— “Corram.”

Riq cruzou os braços, tentando imaginar que tipo de pista poderia estar escondida naquela palavra.

— “Corram”? Mas isso pode significar qualquer coisa.

— Nesta época, em Aberdeen, só tem um significado — Dak disse. — *Corram!*

Ele disparou pela rua, com Riq e Sera logo atrás. Pouco depois, Riq ouviu o ruído grave de motores vindo em sua direção. Motores de aviões, vários deles.

— Bombardeiros! — Riq gritou.

Dak parou por um momento e se virou. Quando olhou para cima, o medo ficou estampado em seu rosto. Riq também ergueu a cabeça. Contra o céu noturno era possível distinguir a silhueta de vários aviões, voando baixo o suficiente para que as suásticas nazistas pintadas de preto ficassem perfeitamente visíveis em suas caudas brancas. Riq estremeceu só de olhar.

— Parece que tem gente gritando — Sera falou, tapando os ouvidos para bloquear o ruído assustador.

— São sirenes instaladas nos aviões — explicou Dak. — É uma estratégia de guerra psicológica, para assustar as pessoas.

— Os bombardeios não são assustadores o suficiente? — rebateu Sera.

— Todo mundo tinha medo dos bombardeios — afirmou Dak, olhando para trás. — A força aérea alemã era uma das mais poderosas do mundo.

— Esquece a história e vê se corre mais rápido! — Riq pediu.

A resposta de Dak foi abafada por mais uma sirene, que parecia soar bem perto deles. O barulho ensurdecido ecoou pela noite, avisando sobre o ataque aéreo.

E de repente os aviões estavam bem acima deles.

Dak entrou em uma rua à esquerda mas, com o canto do olho, Riq viu um avião lançar alguma coisa naquela direção. Ele segurou Dak pela manga da blusa e o puxou de volta. Sera gritou quando outra bomba foi despejada na rua à direita. Estilhaços de vidro se espalharam pelo ar, e o muro de um prédio desabou.

Poderia ter gente lá dentro, pensou Riq.

— Vamos pra lá! — Sera chamou, correndo para uma igreja adiante.

— Não! — gritou Dak. — Eu já vi fotos dessa igreja... depois do bombardeio.

A essa altura, mais pessoas corriam pelas ruas, homens e mulheres de pijama, carregando crianças no colo ou as puxando pela mão. Os pequeninos choravam em meio às explosões que ecoavam pela cidade como um show pirotécnico mortal. Riq, Sera e Dak se viram cercados e forçados a seguir a multidão. Riq não sabia aonde estavam indo, e não gostava da ideia de ser guiado por um bando de gente em pânico. Quando viu uma abertura, puxou Dak e Sera para uma ruela lateral.

Eles deram de cara com um batalhão de soldados que vinha correndo em auxílio das pessoas. Riq e Dak se encostaram na parede para sair do caminho, mas Sera não foi tão rápida e caiu no chão. Um dos soldados parou, um jovem magrelo de sorriso fácil e cabelo ruivo bem curto. Ele estendeu a mão para ajudar Sera a se levantar.

— Vocês não são de Aberdeen. — O soldado observou as roupas dos três e concentrou seu olhar no Square nas mãos de Sera. — Cadê o seu pessoal?

— Nossas famílias? — perguntou Riq, enquanto Sera tirava a sujeira da roupa. — Estamos sozinhos, e muito longe de casa. Precisamos de abrigo.

— Sou o cadete Duncan Shaw — apresentou-se o soldado. — Posso ajudá-los, mas cuidado com as bombas.

Duncan os guiou até um beco. Riq olhou para as paredes altas dos dois lados da passagem e pensou que, se uma bomba caísse ali, as construções ao redor desabariam e eles não teriam a menor chance de escapar.

— Pra onde você está levando a gente? — ele questionou.

— Abrigo antibomba. — Ele os conduziu até uma pequena estrutura de metal com teto arredondado, semienterrada no chão. — De joelhos!

Ele praticamente jogou Sera no chão. Dak e Riq engatinharam para dentro do abrigo logo em seguida. Alguma coisa explodiu atrás deles, obrigando-os a ir mais depressa. Duncan vinha atrás, e alguns segundos depois o som das paredes de pedra e outros detritos despencando sobre o beco invadiu o abrigo, junto com a poeira e fragmentos de granito.

— A tunda dos nazistas está pesada hoje! — Duncan comentou.

— Tunda? — Dak cochichou para Riq.

— Significa “surra” — Riq suspirou.

— Meu tradutor não está pegando algumas palavras — Sera murmurou para Riq. — Deve estar quebrado também.

— Está funcionando muito bem — Riq disse baixinho. — É que, apesar do vocabulário meio diferente, Duncan também está falando inglês.

Eles ficaram sentados em silêncio por um momento, em um espaço para no máximo seis ou sete pessoas. Riq se perguntou se mais alguém entraria no abrigo, mas ninguém veio. Dak começou a ficar inquieto e Riq já sabia por quê: ele estava pensando em algum fato histórico que precisava ser compartilhado, mesmo que ninguém quisesse ouvir.

— Desembucha — disse Riq. — Você vai acabar tendo um treco se não falar logo.

Dak abriu um sorriso.

— Os aviões alemães são bem impressionantes e tudo mais, só que os mais interessantes mesmo são os *Spitfire* britânicos. Sabiam que eles eram pintados de rosa? Assim ficavam

quase invisíveis quando voavam baixo no fim de tarde. Imagine só... aviões cor-de-rosa!

— Os únicos aviões que me interessam agora são os que estão em cima da minha cabeça — disse Sera. — Por que a gente não pode ir para um lugar tranquilo, pelo menos uma vez?

Duncan suspirou e se inclinou para a frente, com as mãos apoiadas nos joelhos.

— Pois foi justamente o que pensei. Já entendi do que vocês precisam. Sentem-se aqui e vamos levar um dedo de prosa.

— Uma conversa? — Riq reformulou para que Sera entendesse. Dak que se virasse sozinho.

— Sobre o quê?

— Vocês estão muito longe de casa, não é? Uma distância medida em anos, não em quilômetros.

— Como você sabia que...? — Sera começou a perguntar.

Duncan abriu um sorriso.

— Reconheci vocês no ato. Sou o seu Guardião da História.

O desafio do Guardião da História

DAK TROCOU OLHARES COM RIQ E SERA. Ele viu a mesma dúvida estampada no rosto deles: Duncan era confiável? Ele achava que o cadete não era da SQ, senão teria conduzido os três na direção das bombas em vez de um lugar seguro. No entanto, eles já haviam sido enganados antes.

Dak decidiu que valia a pena arriscar.

— Se você é mesmo nosso Guardião da História, o que acha que deu errado aqui?

Duncan revirou os olhos.

— Não está ouvindo as bombas? O furdunço nas ruas? Ora, rapaz, está tudo errado aqui!

Dak sacudiu a cabeça:

— A Segunda Guerra Mundial foi o conflito armado mais devastador de todos os tempos. Milhões de pessoas morreram e o mundo nunca mais foi o mesmo. Foi uma guerra terrível, mas isso por si só não significa que a história tenha saído dos trilhos.

Na verdade, Dak não aguentava mais ver a história se alterar. Tudo o que sabia sobre o mundo se baseava em seus conhecimentos do passado. Duvidar da história que conhecia era o mesmo que andar sobre uma superfície de gelo fino sem saber em que momento ela iria desmoronar.

— Eu entendo o que você quer dizer — respondeu Duncan —, mas os Aliados precisam ganhar a guerra. Se perdermos, não são só os nazistas que ganham. A SQ também.

Dak fechou os olhos. Todo mundo aprendia sobre a Segunda Guerra Mundial na escola e, obviamente, ele sabia muito mais a respeito do que os professores, que em geral o deixavam tomar a palavra durante as aulas. Além de espalhar conflitos por todas as regiões do globo e criar armas capazes de destruir cidades inteiras, a derrota na guerra também significou um duro golpe contra o direito à liberdade — a verdadeira liberdade — no mundo inteiro.

De um lado estavam as potências do Eixo: Alemanha, Itália e Japão. Os alemães eram liderados por Adolf Hitler, que Dak considerava um dos maiores vilões de toda a história. Hitler queria construir um império para as pessoas que considerava dignas de continuarem vivas, ou seja, as de sua etnia. Só de pensar nesse homem, e nos milhões que foram mortos sob suas ordens, Dak sentia o estômago revirar.

Boa parte do mundo se uniu para combater as potências do Eixo. Os Aliados, como ficou conhecido esse grupo de oposição, eram liderados por Estados Unidos, Rússia e Grã-

Bretanha, da qual fazia parte a Escócia, que naquele momento sofria um ataque aéreo.

— Ninguém saiu vencedor desta guerra, na verdade. — Sera cutucou o melhor amigo com o cotovelo. — Acredite ou não, Dak, às vezes eu presto atenção no que você fala.

Dak arregalou os olhos.

— Como assim “às vezes”?

Ela encolheu os ombros como quem pede desculpas não muito sinceras.

— Se você prestasse atenção em *tudo*, saberia a parte mais importante — disse Dak. — As potências do Eixo e os Aliados arrasaram umas às outras, mas no final um vencedor emergiu, porque toda destruição deixa um lugar vago a ser ocupado. Uma organização que esperava pela oportunidade perfeita há centenas de anos aproveitou essa brecha.

Riq entrou na conversa:

— Logo depois da Segunda Guerra Mundial, a SQ se apresentou a todos com uma promessa de paz, segurança e progresso. O mundo se apegou a isso como um náufrago se agarra a uma boia. Mas, em vez de cumprir sua promessa, a SQ trouxe ainda mais tirania e terror.

— É o que imaginávamos — Duncan falou. — Os Guardiões da História acreditam que os Aliados precisam ganhar a guerra; caso contrário, será impossível deter a SQ. — Ele estufou o peito para mostrar melhor sua farda. — Foi por isso que me alistei na Marinha Real. Tenho que lutar, fazer minha parte. Mas precisamos de alguém para mudar o rumo das coisas: vocês três.

Sera sacudiu a cabeça.

— Três adolescentes mudando o rumo de uma guerra mundial? Isso é loucura! Sem chance.

Ocorreu uma explosão bem perto de onde estavam e eles ficaram em silêncio por um instante. Algo se chocou contra a lateral do abrigo, amassando a superfície de metal atrás de Riq. Eles se afastaram um pouco mais das paredes e esperaram que o barulho da chuva de detritos parasse.

Então, Duncan falou:

— Não vai ser fácil, mas é possível.

— Como? — questionou Riq.

Duncan se virou para Dak:

— Você é bem entendido nessa área de história, não? Pois me diga, do que os Aliados precisam para ganhar?

Dak deu uma risadinha. Escolher o que ele queria para o jantar era mais difícil que responder aquela pergunta.

— A Alemanha e a Itália estão muito bem protegidas — ele falou. — Se os Aliados querem vencer, precisam romper essa defesa.

— É como um jogo de futebol — acrescentou Riq. — Você pode jogar na retranca se quiser, mas só vai conseguir ganhar se partir para o ataque e marcar um gol.

— Claro, Riq — retrucou Dak. — Uma guerra mundial é igualzinha a um jogo de futebol. A *mesmíssima* coisa.

Riq e Dak resmungaram quando Sera os chutou bem na canela. *Por falar em futebol, isso foi bem habilidoso*, pensou Dak. Ela chutou dois alvos diferentes ao mesmo tempo, e com

bastante força.

— Entendo — respondeu Duncan. — Sim, os Aliados precisam entrar na Alemanha e na Itália. E o melhor caminho para fazer isso é pela Sicília.

— Ah, boa sorte com isso! — disse Dak. — Adivinha quem mais considera a Sicília importantíssima? A Alemanha. Hitler protegeu tão bem aquele lugar que os Aliados podem pôr tudo a perder se atacarem por lá.

— Como podemos ajudar? — perguntou Sera.

Duncan olhou ao redor por um instante, como se temesse que alguém estivesse escutando, o que Dak achou um tanto estranho, já que eles eram os únicos dentro do abrigo e lá fora o ataque aéreo continuava. Não parecia o momento ideal para alguém bisbilhotar.

— Ele não é um Guardiã da História, mas... meu melhor amigo trabalha em Londres, na sala 13 do Almirantado. Ele me contou sobre um plano que estão elaborando por lá. Eu jurei manter o bico calado, mas acho que para vocês posso contar.

Para escutar melhor, Dak se curvou tanto para a frente que quase perdeu o equilíbrio. Ele adorava planos secretos.

— O que vocês acham de se tornar espões? — Duncan perguntou, com um sorriso.

Para Dak, aquela era uma ideia genial. Ele começou a contar para Duncan que a espionagem remontava aos primórdios da história, mas logo foi interrompido pelos gritos de uma mulher pedindo ajuda no beco. Duncan pôs a cabeça para fora.

— Fiquem aqui, e nada de disparates. Vou ajudá-la!

Ele saiu correndo noite adentro, enquanto Dak, Sera e Riq o observavam da porta, com o coração quase saindo pela boca. Duncan conduziu a mulher em segurança até uma arcada, mas, enquanto corria de volta para o abrigo, uma nova explosão aconteceu e pedaços enormes de pedra despencaram do céu, inundando o beco com uma avalanche de destruição.

Riq puxou Sera e Dak para o fundo do abrigo, de onde viram enormes blocos de granito se acumularem sobre a pequena entrada. Em questão de segundos, a porta foi totalmente bloqueada e tudo ficou em silêncio.

O segredo de Riq

SERA FICOU CALADA POR UM BOM TEMPO. Ela não fazia ideia do que dizer em um momento como aquele. O ataque aéreo parecia ter acabado, já que não se ouviam mais explosões nem o ruído dos motores. Por outro lado, não havia nenhum outro barulho, muito menos a voz animada de Duncan.

Por fim, Sera murmurou:

— Será que ele...?

Ela olhou para Riq, que sacudiu a cabeça bem devagar.

— É impossível ele ter sobrevivido.

Os três amigos olharam para o chão e compartilharam um momento de silêncio.

— Ele morreu como um herói — Dak disse por fim. — E passou informações suficientes para a gente começar. Podemos salvar muitas vidas.

— Sim, mas como? — perguntou Sera. — Os Guardiões da História não podem esperar que três adolescentes conquistem a Sicília sozinhos.

— Nós não precisamos conquistar nada — rebateu Dak. — Duncan pediu para trabalharmos como espões. Então nossa missão é agir nos bastidores. Se tudo der certo, os Aliados é que vão cuidar da conquista.

— Ah, então vai ser fácil — Riq disse, sarcástico. — É só sair por aí perguntando se alguém quer contratar uns espões mirins.

— Discutir não vai ajudar em nada! — Sera interveio com um suspiro. — Escutem, ainda temos o SQuare com as pistas de que precisamos. — Ela olhou ao redor. — Cadê ele?

Sera olhou para Dak, que olhou para Riq, que olhou para Sera. E de repente os três começaram a falar e a se acusar ao mesmo tempo. Sera tinha dado o SQuare para Dak enquanto eles corriam no meio da multidão. Ele o derrubou quando foi ajudar uma criança caída, mas Riq o apanhou do chão e o lançou dentro do abrigo antes de entrar, mas ninguém se lembrava de ter visto o dispositivo desde então.

Dak franziu a testa e apontou para a entrada.

— Lá está ele.

— Lá *se foi* ele — murmurou Sera.

De fato, dava para ver um pedaço do SQuare na entrada do abrigo, esmagado por toneladas de granito, madeira e tijolos. Mesmo se conseguissem tirá-lo dali — o que era impossível —,

o dispositivo estava destruído.

Sera piscou várias vezes para aliviar o ardor que sentia nos olhos. Ela não ia chorar, não por causa *daquilo*.

— Com os materiais certos, você pode tentar... — Dak começou.

— Duvido que vou conseguir encontrar lantânio e neodímio em 1943 — ela interrompeu, pensando nos metais de que precisaria para consertar o aparelho.

— Está tudo bem. — Riq parecia estranhamente calmo. — A gente sabia que esse momento iria chegar. Precisamos de um novo SQuare. Você e Dak vão ter que buscar um.

Riq tinha razão: uma viagem para o futuro era a única maneira de conseguir outro SQuare. No entanto, Sera percebeu que ele havia se excluído do próprio plano.

— Por que você não vai? — ela questionou. — O pessoal vai querer te ver.

— Como você sabe? — retrucou Riq.

Sera não entendeu muito bem essa reação e se virou para Dak, que olhava para Riq e balançava a cabeça devagar como se tivesse descoberto algum segredo. O que quer que Riq estivesse escondendo, não podia ser motivo suficiente para o trio se separar.

Dak falou para Riq:

— Certo, e aonde vamos quando chegarmos lá? Da última vez que fomos ao QG, Sera e eu estávamos vendados.

— Se você souber onde procurar, não é difícil encontrá-lo — Riq respondeu. — Logo na saída da cidade há uma velha fábrica de cadarços...

— A Cadarços Minhoca? — Sera perguntou, rindo. — Ah, sim, meu tio passa por lá todo dia quando vai para o trabalho. Ele sempre tira sarro do nome.

— Todo mundo tira — acrescentou Dak. — Fala sério, quem vai querer usar cadarços que parecem minhocas? Então o quartel-general fica lá perto?

— Não — respondeu Riq —, ele fica lá dentro. A Cadarços Minhoca é só uma fachada, um nome ridículo o suficiente para manter a SQ e a população em geral à distância, mas que esconde a central dos Guardiões da História. — Riq se voltou para Sera. — Lá, você e Dak vão encontrar Arin e mais um monte de gente que poderá programar um SQuare novo.

— Vamos todos juntos — insistiu Sera. — É perigoso demais deixar alguém pra trás.

Riq franziu a testa e, por um momento, parecia prestes a dizer algo importante, mas em seguida deu de ombros e falou:

— Se vamos ser espíões, um de nós precisa ficar aqui para inventar uma história convincente e começar a agir. Podem deixar que faço isso.

— Nós temos uma máquina do tempo — argumentou Sera. — Podemos fazer isso depois que voltarmos.

— Confie em mim, não tem outro jeito. — Agora o tom de voz de Riq parecia ainda mais enfático. — Ouçam, vocês podem voltar direto pra Londres, daqui a uma semana. Assim terei tempo pra me inteirar melhor das coisas.

— A gente pode se encontrar na Torre de Londres, ao meio-dia — sugeriu Dak. — É um lugar fascinante. Muitas cabeças foram cortadas ali, inclusive de rainhas. E foi também um zoológico, que...

— Não! — Sera interrompeu, irritada porque Riq não queria ceder e Dak não estava ajudando. — Nós não vamos sem o Riq. E se a SQ encontrar ele?

— Isso não vai acontecer — garantiu Riq. — Torre de Londres, daqui a uma semana. Estarei lá.

— Insere as coordenadas para a gente ir pra casa — Dak pediu a Sera. Em seguida se virou para Riq: — Se cuida, cara.

Com relutância, Sera programou as coordenadas, mas não estava disposta a ativar o dispositivo sem convencer Riq — e Dak — de que os três precisavam ficar juntos.

Dak segurou o Anel e trocou um olhar com Riq do qual Sera não gostou nem um pouco. Qualquer que fosse o segredo de Riq, era algo importante, e Dak com certeza sabia.

— Segure minha mão — Sera pediu para Riq. — Seja qual for o problema, podemos resolver juntos.

— Vejo você em uma semana — Dak disse e, antes que Sera pudesse impedi-lo, apertou o botão do dispositivo.

Quando Sera foi sugada para a viagem no tempo, ainda gritava com Dak e estendia a mão para Riq. Dak se segurou com força, mas quando eles foram puxados para a corrente do tempo quase soltou a amiga e o Anel. Sera o agarrou firme; afinal, não deixaria Dak se perder no tempo como havia acontecido com os pais dele.

Depois da viagem, que pareceu especialmente longa, Sera desabou no chão. Um tremor familiar percorreu seu corpo, mas ela logo se recompôs e se virou para Dak. Ele estava deitado ao seu lado em posição fetal, tremendo.

— O q-que es-está acontece-cendo co-comigo? — murmurou Dak.

— Ah... — Sera disse baixinho. — Você acabou de ter uma Reminiscência.

De volta para casa

SERA JÁ TIVERA CENTENAS DE REMINISCÊNCIAS ao longo da vida, algumas tão violentas que a deixaram enjoada. No fim, ela sempre ficava gelada e, muitas vezes, caía no choro. Como conhecia muito bem aquela sensação, não foi difícil entender o que estava acontecendo com seu melhor amigo.

Deitado no chão, Dak continuava tremendo como se eles tivessem aterrissado no meio do polo Norte.

— Se v-você ainda estiver b-brava comigo — ele falou, batendo os dentes —, f-fique à v-vontade p-pra rir de mim.

Ela estava *sim* irritada com ele. Não fora correto deixar Riq para trás, e Dak não tinha o direito de forçá-la a ir embora daquela maneira. Mas não dava para continuar brava com alguém tão fragilizado.

Sera agachou ao lado dele e pôs a mão em seu ombro.

— Você nunca vai se acostumar com isso, mas pelo menos a sensação passa rápido.

As Reminiscências, que já não eram fáceis, se tornavam ainda piores com as viagens no tempo. Mas pelo menos Dak já havia parado de tremer.

Ele sentou e abraçou as pernas.

— Desculpa, Sera. Eu não fazia ideia de como era. Não mesmo.

— Seria melhor se você nunca descobrisse. — Ela sorriu e o cutucou com o cotovelo. — Mas este é o motivo para fazermos tudo isso: para consertar as coisas.

Ela esperava que Dak respondesse com seu otimismo habitual, ou que fizesse alguma brincadeirinha. Em vez disso, ele a encarou com um olhar vazio e sem esperança.

— Acho que desta vez não, Sera. Você diz que as Reminiscências são a sensação de que alguma coisa deu errado, de que aquilo que se vê não é a realidade. — Ele se virou e sacudiu a cabeça. — Pois algo está muito errado. Acho que voltar pra cá foi um erro.

— A gente não teve escolha. Sem um SQuare novo, não dá pra saber o que mais precisamos consertar.

— Então vamos resolver isso e ir embora o quanto antes.

Com certeza, era o que eles *deveriam* fazer. Mas Sera ainda estava abalada pelo que tinha visto do Cataclismo. Ela queria passar em casa só um minutinho, pra ver se estava tudo bem. Ou talvez até melhor que isso. Sera descobrira, para seu horror, que seus pais estavam

destinados a morrer no Cataclismo. Mas isso também significava que, *naquele momento*, eles ainda poderiam estar vivos. E se estivessem em casa esperando por ela? Por outro lado... e se não estivessem? Ir até lá e encontrar a casa vazia seria quase como perdê-los outra vez.

Dak estremeceu, atraindo sua atenção.

— Você não está sentindo, Sera? Está tudo errado. Ter voltado aqui vai arruinar tudo o que já fizemos.

Sera estreitou os olhos, com a visão ofuscada pela luz do sol, que emergia atrás de Dak.

— Como podemos arruinar o passado enquanto estamos no presente?

— Não sei! Mas vai acontecer alguma coisa que... — ele se interrompeu, como se tivesse engasgado com as próprias palavras.

— O quê? — Como ele não respondeu, Sera mudou de assunto: — E o que foi aquilo entre você e Riq? Você sabe por que ele não quis voltar com a gente?

— Acho que sim. — Dak encolheu os ombros. — Ele está esquisito desde 1850, quando conhecemos Harriet Tubman. E acho que sei por quê. — Ele se virou para Sera. — Mas quem tem que te contar isso é ele, não eu.

— É um problema grave?

Dak assentiu.

— Se for o que estou pensando, é bem grave.

— E essa Reminiscência que você teve...

Dak levantou e começou a correr pela rua silenciosa. Olhou para trás e gritou:

— Vamos lá buscar o SQuare, certo?

Sera foi atrás dele, mas sua cabeça girava. Só ela sabia como fora difícil contar a Dak o que vira no Cataclismo. E Riq claramente sabia de alguma coisa que o impedia de voltar ao presente. O que Dak poderia ter visto que não queria contar?



Não foi preciso chegar muito perto do quartel-general dos Guardiões da História para perceber que o local estava destruído. Talvez um tornado tivesse atingido o prédio, ou então aquilo fosse o que restou depois da invasão da SQ.

Que ironia, pensou Dak. Não dava para distinguir um ataque da SQ de um desastre natural.

— Quando a gente está? — ele perguntou. — Quer dizer, quanto tempo se passou desde que fomos embora?

— Só faz alguns dias — disse Sera. — Achei que se voltássemos muito depois mais pessoas estariam nos procurando. Afinal, estamos desaparecidos.

Só mesmo Sera para tomar uma precaução dessas. Se dependesse de Dak, eles voltariam a tempo de salvar seus pais, ou pelo menos de avisar os Guardiões da História sobre o ataque da SQ ao quartel-general. Mas isso implicaria o risco de criar um terrível paradoxo temporal, já que eles poderiam se encontrar consigo mesmos no passado. Então provavelmente não era uma boa ideia.

Ainda olhando para as ruínas diante deles, Sera falou:

— Os Guardiões da História não devem mais estar por aqui. Quanto tempo você acha que demora para chegarmos até a sua casa?

Dak sacudiu a cabeça.

— Nós não vamos pra lá.

— Riq contou que os Guardiões da História monitoravam o laboratório dos seus pais. Se formos até lá, eles podem encontrar a gente.

— E se a SQ também estiver vigiando o laboratório? Aposto que Riq não pensou nisso!

Dak sabia que aquele era um bom argumento, mas o olhar no rosto de Sera revelava que ela entendia a verdadeira razão para seus protestos. Ele não queria ir para casa, pelo menos não ainda. Enquanto estavam viajando no tempo, fosse qual fosse o lugar ou a época, Dak tinha com que se ocupar: resolver os enigmas, fugir dos Guardiões do Tempo, viver a história. Isso evitava que ficasse pensando em seus pais, se perguntando o tempo todo se eles estavam bem, se preocupando com o que aconteceria caso a missão fracassasse.

Se ele voltasse para casa, porém, não teria como pensar em outra coisa. Perder os pais tinha sido muito difícil. Ele não queria reviver aquela sensação.

— Não precisamos nem entrar — Sera disse. — É só para os Guardiões da História saberem que estamos de volta. Nós pegamos o SQuare novo e, depois de uma passadinha na minha casa, voltamos para 1943. Rápido e fácil. Sem problemas.

A sugestão de ir à casa de Sera não passou despercebida por Dak, mas ele não estava a fim de discutir. O motivo para Sera querer passar na casa dela era o mesmo que levava Dak a temer uma visita à dele. Ele apertou o passo para alcançar a amiga.

— Tudo bem, vamos lá em casa. Mas se tem uma coisa que estou aprendendo sobre viagens no tempo, é que *sempre* existe um problema.

Uma nova viajante

SE SÓ FAZIA DOIS DIAS QUE DAK E SERA TINHAM PARTIDO, então eles perderam por pouco alguns acontecimentos bastante assustadores. Na avenida principal da cidade existia agora uma enorme fenda, tão larga em alguns trechos que carros inteiros caíram lá dentro. Várias janelas da escola estavam cobertas com tábuas, e havia um aviso de CONSTRUÇÃO CONDENADA na porta da frente. Uma árvore arrancada pela raiz estava caída sobre o telhado do teatro perto da casa de Dak. No letreiro, onde estava o nome do espetáculo em cartaz — *A música do grande Plumm* —, o *l* havia caído.

Dak soltou uma risadinha e apontou para a placa.

— Olha, Sera, agora está escrito...

— Eu vi o que está escrito.

— Deve ser uma música bem interessante.

Sera revirou os olhos, enquanto Dak caía na gargalhada.

— Preciso arrumar umas amigas meninas — ela resmungou baixinho.

Dak soltou um suspiro quando eles chegaram ao seu bairro.

— Só estou tentando deixar o clima mais leve. Na real, não era isso que eu esperava encontrar aqui. Cadê todo mundo? A situação não deveria estar melhor agora? Nós conseguimos corrigir direitinho várias Fraturas.

Sera se limitou a um aceno de cabeça. Aquilo era quase tão ruim quanto o que tinha visto no Cataclismo. Se as coisas já estavam ruins àquela altura, dali pra frente só iriam piorar. Não havia ninguém nas ruas, mas dava para ver olhos os espiando pelas portas e janelas. Ela teve vontade de gritar para as pessoas fugirem, mas para onde iriam? Todos os lugares estavam fadados à destruição.

— A gente tem que conseguir — ela murmurou para Dak. — Não importa o cansaço, o medo e a preocupação...

— A gente não pode desistir — completou Dak. — É isso aí.

Não havia sinal dos Guardiões da História quando eles chegaram à casa de Dak. Não que Sera contasse com isso, mas seria bom ter alguma ideia de como conseguir um novo SQuare. O laboratório dos pais de Dak parecia vazio, apesar da porta entreaberta. Talvez os Guardiões da História estivessem mesmo monitorando o lugar.

— Você já programou o Anel do Infinito? — Dak perguntou.

— Já.

Por mais que ela quisesse ir pra casa, aquele cenário de devastação a convenceu de que não era uma boa ideia. O Cataclismo poderia começar a qualquer momento. Além disso, Sera não gostou nem um pouco de ver como Dak ficara depois de sua Reminiscência. Assim que conseguissem o novo SQuare, teriam de ir imediatamente para um lugar mais seguro. *Como um campo de batalha da Segunda Guerra Mundial*, ela pensou, desanimada.

— Então vamos pegar o SQuare e cair fora — Dak disse. — Só precisamos encontrar um Guardião da História.

— Aposto que Arin deixou alguma mensagem pra nós lá no laboratório. De repente até um código, como os que o SQuare sempre dá, indicando o próximo passo.

Dak olhou de um lado para o outro, deixando claro seu desconforto com a situação.

— Por que você não vai lá ver? Eu, hã... posso ficar aqui vigiando.

Desta vez, Sera não insistiu. Ela sabia que Dak não queria ir num lugar que lembrasse tanto seus pais. E talvez ele ainda estivesse abalado pela Reminiscência. Infelizmente, Sera conhecia muito bem a sensação.

Ela concordou e disse que em dois minutinhos estaria de volta.

Lá dentro estava tudo escuro, e as luzes não acenderam quando ela acionou o interruptor. Isso não foi surpresa nenhuma. O terremoto que causara tanto estrago na avenida principal devia ter destruído boa parte das linhas de transmissão da cidade. Porém, o gerador dos Smyth, responsável por manter os computadores ligados, continuava funcionando. Dava para ver o brilho das telas acesas no fundo da sala, e ela seguiu naquela direção.

— Olá? — disse uma voz de mulher.

Sera ficou paralisada ao ver uma cadeira virando em sua direção. Ela estreitou os olhos, tentando reconhecer quem estava ali, mas como a única fonte de luz disponível era a dos monitores atrás da cadeira, a figura permanecia nas sombras.

— Sera, é você? — perguntou a voz. — Que alívio saber que você está bem! Dak também veio?

— Ele está esperando lá fora — respondeu Sera. — Quem é você?

— Nós nos conhecemos no quartel-general dos Guardiões da História. Eu vim aqui na esperança de te encontrar.

Sera chegou um pouco mais perto. Sua passagem pelo quartel-general tinha sido tão atribulada que era difícil associar um rosto àquela voz, mesmo que parecesse familiar. Não soava como a voz de Arin ou de Mari. Com que outra mulher ela havia conversado naquele dia?

— Desculpa, qual é o seu nome mesmo? — Sera perguntou.

A mulher se inclinou para a frente e, por um instante, Sera pôde ver seu queixo pontudo. Logo em seguida, porém, a figura se recostou, e seu rosto desapareceu de novo nas sombras.

— Você ainda não completou a missão, Sera. Por que está aqui?

— Nosso SQuare foi destruído durante um bombardeio na Segunda Guerra Mundial.

— O Anel do Infinito está intacto? Está aí com você?

Sera apertou a bolsa com força entre as mãos.

— Está. Só precisamos de outro SQuare e já vamos voltar.

— Claro. Eu tenho um bem aqui. Venha cá, que programo pra você.

A mulher se virou de volta para os monitores e plugou um SQuare no computador para atualizar os dados. Sera, no entanto, se manteve onde estava, olhando de tempos em tempos para a porta, por precaução.

— Está tudo bem com o Marq também — Sera falou num tom casual.

— Quem? — perguntou a mulher, sem tirar os olhos da tela.

— Marq... o Guardião da História que vocês mandaram para nos ajudar com as línguas diferentes.

— Ah, sim... Marq. Um ótimo garoto.

Sera cerrou os lábios. Quem quer que estivesse sentada naquela cadeira, não era uma Guardiã da História. Qualquer membro da organização saberia quem era Riq, e que nenhum Marq estava com eles.

— Pronto, seu SQuare está programado — a mulher disse. — Mas muita coisa mudou desde que vocês foram embora. Chame Dak aqui que explico a vocês.

— Claro.

Sera já estava com o Anel do Infinito nas mãos. Ela sairia, seguraria a mão de Dak e desapareceria dali. As explicações podiam ficar para mais tarde.

No entanto, ela mal se virou e Dak entrou correndo pela porta.

— Precisamos sair daqui agora! — ele gritou. — A SQ está vindo!

— Na verdade — falou a mulher —, já estamos aqui.

Ao dizer isso, ela ficou de pé, e seu rosto foi iluminado pelos computadores ao redor. Sera observou os ângulos retos de seu queixo quadrado. O brilho avermelhado do SQuare em suas mãos acentuava o tom ruivo dos cabelos. Quando se aproximou, a mulher murmurou com seus lábios pintados de preto:

— Entreguem o Anel e ninguém se machuca.

— Tilda! — Dak exclamou.

Sera se lembrava muito bem de Tilda, uma líder ambiciosa que pretendia chegar ao topo da SQ. Ela tinha liderado o ataque ao quartel-general dos Guardiões da História, em que muita gente boa morreu, e estava à espera da volta dos dois.

— Paradinha aí, Sera — disse Tilda. — Não faz ideia de como deixou seus pais preocupados.

Sera ficou paralisada. Dak a segurou pelo braço como se esperasse que ela desmaiasse ou partisse pra cima da mulher a qualquer momento.

Mas Sera não se mexeu.

— Onde eles estão? — ela perguntou por entre os dentes.

— A mamãe e o papai? — ironizou Tilda, com uma risada seca e maligna que lembrava o som de unhas compridas raspando uma lousa. — Ah, eles estão bem... por ora. Ainda têm muitas explicações a dar, mas não vão escapar de nós outra vez.

— Explicações? — Sera deu um passo à frente. — Sobre o quê?

Ela sentiu Dak ficar tenso ao seu lado.

— A SQ fez alguma coisa com eles? — o garoto quis saber.

— Ah, então vocês não sabem? — A risada de Tilda assumiu um tom ainda mais sinistro. — Sera, seus pais *são* da SQ! Eles trabalham pra mim!

— *Não!* — Gritar era a única coisa que Sera podia fazer para não voar no pescoço de Tilda naquele momento. — Você está mentindo!

Vozes de agentes da SQ chegaram até o laboratório, vindas do quintal. Em breve, não haveria mais como escapar.

— Liberte os meus pais agora mesmo! — Sera gritou.

— Sera, nós precisamos ir — disse Dak.

Sera se virou para ele, e no mesmo instante sentiu a mão de Tilda em seu braço, puxando-a. Dak empurrou a mulher e a derrubou no chão.

— O SQuare! — berrou Sera. O dispositivo ainda estava na mão direita de Tilda, que se agitava furiosamente no ar.

Dak segurou o Anel do Infinito com uma das mãos e pegou o SQuare com a outra. Ele o puxou da mão de Tilda e gritou para Sera:

— Tira a gente daqui!

Os capangas da SQ entraram pela porta, gritando e empurrando uns aos outros para disputar quem teria a honra de capturar os dois jovens viajantes do tempo.

Sera já estava com o dedo no botão do Anel.

— Segura firme! — ela gritou para Dak.

Imediatamente, ela foi sugada pela corrente do tempo. Sera abriu a boca, mas percebeu que havia outra pessoa gritando. Ela olhou para Dak, cujo rosto tremia tanto que ele teve de fechar os olhos para que não saltassem das órbitas. Sua boca também estava fechada.

Então quem estava gritando? Ela olhou para o outro lado.

Antes que eles partissem, Tilda tentava agarrar o SQuare com a mão direita — isso Sera havia percebido. Mas nem por um momento passou pela cabeça dela verificar onde estava a mão *esquerda* da mulher.

Ela segurava o Anel do Infinito. Tilda estava viajando no tempo com eles.

O Memorando da Truta

RIQ HAVIA CHEGADO CEDO À TORRE DE LONDRES, onde deveria encontrar Dak e Sera. Talvez fosse uma precaução desnecessária. Não importava o horário em que partissem, os dois chegariam no instante exato que Sera programasse no Anel do Infinito, nem um minuto antes.

Aquela era uma época boa para Riq circular sozinho, e ele chegou a Londres sem grandes problemas. Mas na verdade ele já havia se acostumado com a companhia de Sera e Dak naquelas aventuras. Eles tinham se tornado seus amigos — até mesmo Dak, por mais que nenhum dos dois quisesse admitir. E não era só isso. Dak e Sera eram quase uma família para Riq. Ele detestava imaginar que, quando a missão terminasse e a Terra fosse salva do Cataclismo, os dois voltariam para casa. Um dia, eles teriam que deixá-lo para trás de vez.

Mas esse dia ainda não tinha chegado. Riq endireitou o corpo e passou pela vigésima vez diante da guarita de entrada da Torre de Londres. Ele conseguira um emprego de tradutor na Marinha Real Britânica. Era um trabalho destinado a civis, e as informações com que lidava eram tão sigilosas que poderiam ser divulgadas em letreiros gigantescos com luzes piscantes e ainda assim ninguém daria a mínima. No entanto, o serviço lhe dava acesso ao Almirantado, onde ficavam os espões — o que já era um bom começo. Dak e Sera ficariam impressionados com sua eficiência.

Por falar neles, onde estavam?

À distância, o Big Ben badalou para marcar a passagem do tempo. Uma, duas, três vezes. Já não estava na hora de os dois aparecerem? Seis, sete, oito. Cada badalada parecia mais longa que a anterior. Enfim, dez e onze.

Quando a última badalada ressoou, Dak e Sera reapareceram em meio a faíscas surgidas do nada. E acompanhados de uma terceira pessoa: Tilda!

Riq deu um passo para trás. Eles estavam malucos? Por que trouxeram Tilda até lá?

Dak e Tilda pareciam disputar a posse de um SQuare, enquanto a mulher também se engalfinhava com Sera para manter uma das mãos no Anel do Infinito. Riq pulou para o meio da confusão, e logo levou um chute no peito e uma cotovelada no olho. Ele continuou empurrando para separá-los, até que Sera rolou para longe com o Anel do Infinito e Dak se afastou para o outro lado segurando o SQuare.

— Seus pestinhas miseráveis! — grunhiu Tilda. — Vocês acham mesmo que têm alguma chance? Foi aqui que nós conquistamos o mundo!

— O que vamos fazer? — questionou Dak.

— Precisamos mandá-la de volta, é claro — respondeu Sera.

Riq nem se deu ao trabalho de perguntar como fariam isso. Era uma tarefa impossível, a não ser que a deixassem chegar perto do Anel outra vez, o que seria um erro fatal.

Ele conhecia Tilda muito melhor que seus dois amigos. Quando criança, Riq a considerava uma espécie de bicho-papão — ele aprendera seis idiomas diferentes antes de criar coragem para pronunciar o nome da mulher em voz alta. Depois, mais crescidinho, aprendeu tudo sobre ela, assim como todos os Guardiões da História eram obrigados a fazer. Tilda era a pessoa mais perigosa do mundo, de uma crueldade inimaginável. A maioria dos Guardiões da História acreditava que a SQ abriria mão de parte do controle mundial caso fosse comprovado que o Cataclismo era real e estava a caminho. Tilda, porém, conduzia o planeta rumo ao Cataclismo e parecia disposta a pisar ainda mais no acelerador para que tudo acontecesse o quanto antes.

Então Riq se lembrou de mais um detalhe a respeito de Tilda: ela vinha do futuro. Um futuro que já havia sido alterado por tudo o que eles fizeram.

— Você sabe quem eu sou? — ele perguntou.

Tilda foi pega de surpresa. Ela ficou imóvel, tentando se recuperar de sua primeira viagem no tempo, piscando várias vezes.

— Você sabe quem eu sou?! — ele perguntou de novo, desta vez aos berros, sacudindo Tilda pelos braços.

— Ei, vocês aí!

Um policial que passava pela rua atrás deles viu os três cercando Tilda e Riq gritando com ela. Não devia ser uma cena muito bonita.

— Corram! — berrou Sera.

Dak fez menção de dizer que eles não podiam deixar Tilda para trás, mas Riq e Sera o agarraram pelos braços e o arrastaram para longe. O policial os perseguiu por poucos metros antes de voltar sua atenção para Tilda, que estava se saindo muito bem no papel de vítima.

— Pois é, a supervilã indefesa — Riq murmurou ao olhar para trás. — É melhor aquele homem não olhar diretamente nos olhos dela, ou vai virar uma estátua de pedra.

Eles se esconderam em um beco estreito para recuperar o fôlego, verificar se estava tudo bem com o Anel do Infinito e o SQuare e sacudir a poeira das roupas.

Sera virou para Riq.

— Posso saber o que foi aquilo?

— Posso saber por que Tilda veio com vocês? — ele rebateu. — O que aconteceu no futuro?

— Não quero falar sobre isso — Sera respondeu, e olhou para Dak. — Nunca.

Dak direcionou sua visível frustração para Riq:

— Pra você pode ter sido uma semana de descanso, mas Sera e eu fizemos três viagens no tempo nas últimas horas, encarando um ataque aéreo, um bombardeio de notícias e um ataque da SQ.

Não tinha sido exatamente uma semana de descanso para Riq, mas ele não passou por nada

parecido com o que Dak descreveu. Ainda assim, quando Dak apoiou as mãos sobre os joelhos para recuperar o fôlego, Riq pensou em desequilibrá-lo para fazê-lo cair. Bastava um empurrãozinho.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou — disse Riq.

— Sera, eu entendo. De verdade. — Dak se virou para Sera, falando baixo, como se não quisesse que o outro garoto ouvisse. Riq chutava o chão, fingindo estar distraído, mas manteve os ouvidos atentos para escutar tudo o que pudesse. — Meus pais também cometeram erros.

— Ah, é? E os erros deles vão destruir o mundo?

— Bom... não.

— Então você não entende. — Sera se afastou de Dak e falou: — Precisamos decidir o que fazer agora. Vamos atrás da Tilda? — Dak não respondeu e, considerando o humor de Sera, Riq não queria ser o primeiro a falar. Ela cruzou os braços. — Alguém me responda!

— Certo. — Dak olhou para a Torre de Londres. — Talvez seja melhor manter Tilda presa aqui por enquanto. Pelo menos ela não está causando mais estragos. Sem um conhecimento enciclopédico da história, que mal ela pode causar?

— E vocês conseguiram um SQuare novo — comentou Riq.

— Com Tilda, não com os Guardiões da História. — Dak entregou o dispositivo para Sera. — É melhor você dar uma olhada antes de acreditarmos em qualquer coisa que esse negócio diz.

Sera fez uma careta e apertou o botão para ligar o tablet.

— Precisa de senha, igual ao primeiro. Acho que ela estava tentando hackear quando a gente apareceu. — Sera digitou alguma coisa. — A senha é “senha”, a mesma de antes. O conteúdo está carregando.

Riq remexeu em sua bolsa.

— Enquanto a gente espera, talvez seja melhor vocês vestirem umas roupas que não chamem tanta atenção. Sera, tenho uma surpresa pra você.

Sera desviou a atenção do SQuare e estreitou os olhos, sem saber se ele estava falando sério ou apenas provocando. Riq tirou algumas peças de roupa da bolsa.

Ele ergueu a mão direita primeiro.

— Veja este vestido de bolinha. Bem bacana.

Mas ele viu que Sera já estava de olho em sua mão esquerda, com um sorriso estampado no rosto.

— Calças! — ela gritou. — As mulheres *finalmente* já podem usar calças?!

— Foi uma tendência que cresceu nos anos 1940 — disse Dak. — As calças eram mais práticas para as mulheres que trabalhavam nos esforços de guerra.

— Não me venha com essas conversas agora, Dak! — Deixando de lado o mau humor, Sera largou o SQuare no colo do amigo e arrancou o conjunto de calça e blusa das mãos de Riq antes de correr para o fundo do beco. — Se alguém aparecer aqui enquanto me troco, mato vocês. *Calças!*

Riq riu baixinho para si mesmo.

— Sabia que ela ia gostar.

Dak apontou para as outras roupas que o garoto segurava.

— Que bom pra ela, mas você está maluco se acha que vou usar esse vestido.

Riq guardou o vestido de volta na bolsa e pegou uma calça e uma camisa masculina para Dak.

— Não deu para arrumar nada melhor porque tudo é racionado aqui: roupas, comida, suprimentos. Mas pelo menos você vai chamar menos atenção. — Riq remexeu outra vez na bolsa e tirou de lá um pão embrulhado em papel pardo. — Também achei que vocês estariam com fome.

— Morrendo de fome, na verdade. — Dak começou a comer antes mesmo de terminar a frase. — Tem um queijinho pra acompanhar?

— Está brincando? — perguntou Riq. — Tive que varrer o chão da mercearia pra conseguir isso aí! — Ele hesitou por um instante antes de perguntar, baixinho: — Sera ficou brava comigo depois que vocês foram para o futuro?

— Ela ficou brava com nós dois — informou Dak.

— Mas você sabe por que eu não podia... por que eu não posso... não sabe? — Riq não conseguia completar a frase. Se pensar em seu futuro já era difícil, falar em voz alta era quase impossível.

Dak se limitou a engolir o que estava mastigando e dizer:

— Não vai demorar muito para a Sera descobrir também. Quando quiser falar a respeito, pode contar com a gente.

Era bom saber disso, mas, pelo menos por ora, Riq ainda não queria encarar esse assunto. Ele deixou seus problemas de lado quando Sera apareceu vestindo as roupas novas. Ela deu um chute no ar em comemoração, soltou uma risadinha e avisou que Dak já podia se trocar.

Quando todos estavam prontos, eles se reuniram em torno do Square. As palavras apareceram na tela.

TRUTA:

LHMP/ EOOL VMRO AETB RMOO

— Truta? Tipo o peixe? — Sera resmungou. — E o resto não faz o menor sentido. Pode significar qualquer coisa.

— E tem uma barra depois da primeira palavra — Riq comentou, sacudindo a cabeça.

— Vai ver a Tilda conseguiu inserir umas pistas falsas aí, no fim das contas — disse Dak.

— Acho que não. — Riq passou o dedo pela tela. — Isso tem cara de coisa da Arin.

— Pensei que fosse aparecer uma pista escrita em navajo — Dak falou. — Na Segunda Guerra Mundial, os Aliados usaram o idioma dos navajos como código. Foi um dos poucos códigos de guerra em toda a história que não pôde ser decifrado pelo inimigo. — Ele olhou para Riq. — Você fala navajo, não?

Riq deu de ombros.

— Um pouco. Mas existe um motivo para os alemães não terem conseguido decifrar esse código. O idioma dos navajos é uma língua oral, e pelo menos até 1943 não existia nenhum

registro escrito de seu vocabulário. Além disso, alguns detalhes são diferentes de tribo para tribo, e muitas palavras mudam de significado dependendo da forma como são pronunciadas.

— Então... a resposta é não, certo? — perguntou Dak.

— Eu sei algumas coisas — garantiu Riq. — Pelo menos o suficiente para ser admitido como tradutor no Almirantado. Eu só traduzo jornais estrangeiros, textos nem um pouco confidenciais, mas achei que, se vamos ser espões, precisávamos dar um jeito de entrar lá.

— Que demais! — Sera exclamou. — Você é tipo o James Bond com um emprego de fachada.

— Que engraçado você dizer isso — comentou Dak. — Ian Fleming, que criou o personagem James Bond nos anos 1950, também trabalhava para o Serviço Secreto de Inteligência da Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra. Por falar nisso... — Dak respirou fundo e pegou o Square. — Deixem eu dar uma olhada.

Sera chegou mais perto de Riq para dar mais espaço para Dak explorar o que quer que estivesse passando por sua cabeça.

— Enfim — Riq continuou—, estou trabalhando no Almirantado, e tem muita atividade de espionagem acontecendo por lá. Quando descobriram que eu falo vários idiomas, ficaram muito contentes em aceitar a minha ajuda.

— Truta! — interrompeu Dak. Quando percebeu que Riq e Sera estavam olhando para ele, acrescentou: — Alguns anos atrás, no começo da guerra, Ian Fleming escreveu uma lista de ideias de como os britânicos poderiam enganar os alemães, como um pescador faz para atrair os peixes. Ele chamava esse documento de Memorando da Truta.

— Mas Ian Fleming escrevia romances de espionagem — argumentou Sera. — E estamos falando de espionagem na vida real.

— Vai ver ele escrevia as histórias com base nas suas experiências — Riq falou.

— Isso mesmo! Você tem alguma coisa em que eu possa escrever? — Dak pediu.

Riq entregou a ele uma folha de papel e uma caneta que usava no trabalho. Dak começou a escrever imediatamente, mas em seguida rasurou o que havia feito e começou de novo.

— Enfim, voltando ao assunto — Riq falou —, de repente posso levar o código do Square para o pessoal de lá dar uma olhada.

— Pelo amor! — Sera protestou. — Não podemos falar com ninguém sobre esse código. A viagem no tempo está em um nível ainda mais alto de confidencialidade. Para eles, é como se a gente nunca tivesse existido, e é assim que deve ser.

— Alguém que nunca existiu! — Dak exclamou. — Isso mesmo, Sera, você é genial! E eu também, aliás. Quanto ao Riq, ele ainda tem muito o que provar.

Riq murmurou uma resposta em uma língua que o dispositivo de tradução dos dois não conseguiu identificar. E acrescentou, para que Dak não tivesse dúvidas de que havia sido xingado:

— Isso foi em navajo. E pode ter certeza de que acertei direitinho o significado das palavras.

Para surpresa de Riq, Dak se limitou a dar uma risadinha e voltou a escrever. Alguns instantes depois, ele anunciou:

— Já decifrei o código. Foi só juntar a primeira letra de cada palavra, depois a segunda letra, e assim por diante. Quatro blocos de cinco letras.

Sera e Riq olharam para os garranchos dele.

LEVAR HOMEM MORTO P/ LOBO

— Ah, que ótimo — comentou Sera. — Isso explica tudo.

— E não é nada mórbido — Riq disse, com uma risadinha. — Nós somos o que agora, ladrões de cadáveres?

Sera balançou a cabeça e, com um risinho de deboche, acrescentou:

— Ou então coveiros disfarçados.

Dak, porém, se limitou a balançar a cabeça.

— Só uma dica pra vocês: quando fizerem piadinhas, tentem ser engraçados. — Em seguida, ele levantou e enfiou o Square de volta nas calças. — O homem morto é a peça chave para os Aliados vencerem a guerra. Vamos lá, nós temos um trabalho a fazer!

O Homem Que Nunca Existiu

DAK NÃO SABIA DIREITO PARA ONDE IR, mas sua mente estava tão acelerada que ele precisava se movimentar para manter os pensamentos fluindo. Riq e Sera caminhavam ao seu lado, enquanto ele tentava explicar melhor o código.

— O primeiro nome de Hitler, Adolf, significa “lobo”. Às vezes era assim que ele se referia a si mesmo, como um tipo de apelido.

— Que charmoso — murmurou Sera.

— E a gente precisa levar um cara morto até ele? — questionou Riq. — Pode esquecer, não vou chegar nem perto de defunto.

— E eu não vou chegar nem perto de Adolf Hitler! — completou Sera.

Dak parou e se virou para Riq.

— Quando você estava no Almirantado, ouviu alguma coisa sobre a sala 13?

— Não, mas Duncan mencionou essa sala durante o bombardeio, então eu procurei e descobri onde era, mas não pude entrar. Por quê? O que tem nessa sala?

— Era isso que eu queria saber — respondeu Dak.

— Ah, é? Então você não sabe tudo?

— Ah, pelo amor! — interveio Sera. — Não podemos passar um minuto sem que vocês dois ameacem fazer picadinho um do outro?

Dak começou a andar outra vez e abriu um sorriso.

— Por falar em picadinho, isso também tem a ver com o significado do código.

— Como assim, tem comida na jogada? — perguntou Riq.

— É uma metáfora, não uma refeição! Uma forma de se referir a alguém que bateu as botas, abotoou o paletó, foi comer capim pela raiz, sabe como é. Um homem morto é um homem que virou picadinho.

— E é um cara morto que vai mudar o rumo da guerra? — questionou Sera.

— O plano era esse, pelo menos — disse Dak. — Mas, na história que eu conheço, não funcionou. Na verdade, o tiro saiu pela culatra da pior forma possível. E os Aliados nunca se recuperaram dessa falha.

— Operação Carne Picada! — Riq gritou. — É isso!

— Dá para falar mais alto? — retrucou Dak. — A melhor maneira de espalhar pra todo mundo que você é um espião é *gritando suas informações a plenos pulmões!*

Riq olhou feio para Dak, mas em seguida baixou a voz e continuou:

— Operação Carne Picada... Eu ouvi um pessoal falando sobre isso. Eles pegaram o corpo de um indigente e vestiram com a farda de um oficial britânico. Estão chamando o cadáver de major Martin.

— Exatamente! — Dak parou de novo, dessa vez por se dar conta de que não fazia a menor ideia de onde estava ou para onde deveria seguir. Ele se virou para Riq: — Os Aliados vão plantar informações falsas sobre uma invasão no cadáver do major Martin. Eles querem que os alemães as encontrem e acreditem que são verdadeiras. Mas é aí que os problemas começam.

— Que problemas? — perguntou Sera. — Parece um plano bem simples.

— Para ganhar a guerra, os Aliados precisam invadir a Sicília, certo? — A cabeça de Dak ainda estava a mil, mas ele tentou falar bem devagar, para não ter que explicar mais uma vez. Ou mais dez vezes, no caso de Riq. — Pois essas informações falsas tinham dois objetivos: o primeiro era convencer os alemães de que os Aliados *não iam* invadir a Sicília.

— Mesmo que seja isso que eles queiram fazer — disse Riq.

— Exato — Dak assentiu. — Mas os alemães vão perceber que os Aliados estão se preparando para uma invasão, então precisam pensar que o alvo é outro.

— A Grécia! — Riq falou. — Eu ouvi o pessoal falando sobre a Grécia.

— Entendi! — Sera exclamou. — Os Aliados querem que a Alemanha pense que eles vão invadir um lugar que não vão invadir, e que *não* vão invadir o lugar que de fato vão invadir.

— É isso aí — Dak concordou. — Parabéns pela clareza.

— Ainda não entendi o que deu errado — disse Riq.

— Na história que chegou até nós, Hitler recebeu a papelada falsa do major Martin, mas não acreditou em nada do que leu. E se os alemães sabiam que a invasão da Grécia era mentira...

— ... sabiam que a *não* invasão da Sicília também era mentira — completou Sera.

— Então, em vez de enganar os alemães, o major Martin contou o lugar exato onde os Aliados iam atacar! — concluiu Riq.

Dak cruzou os braços, todo orgulhoso de si mesmo.

— Na história que a gente conhece, a história modificada e distorcida pela SQ, a Sicília foi um grande desastre para os Aliados. Os nazistas bloquearam o ataque, e isso mudou o rumo da guerra. A única maneira de corrigir isso é fazendo Adolf Hitler, o lobo, acreditar que o major Martin é um combatente britânico com acesso aos planos para a invasão da Grécia.

— E como vamos fazer isso? — perguntou Sera.

Dak olhou para Riq.

— Antes de mais nada, você precisa nos ajudar a entrar na sala 13.

Os segredos da sala 13

RIQ SOLTOU UM SUSPIRO. Dak pediu que ele os levasse à sala 13 como se fosse a tarefa mais simples do mundo. Como se pudessem apenas entrar no Almirantado, abrir a porta e dar uma espiadinha nos planos mais secretos da Segunda Guerra Mundial. Claro, qualquer um seria capaz de fazer isso!

Em seguida, Sera disse que era exatamente o que eles precisavam fazer para mudar o rumo da guerra nos bastidores. Mas para os dois era fácil falar. Duas crianças que fossem pegas bisbilhotando seriam, no máximo, expulsas do prédio. Mas Riq era mais velho, e tinha um emprego que envolvia questões de segurança nacional. Se fosse pego, iria para uma prisão militar? Seria acusado de traição?

Não era uma perspectiva muito animadora, mas ele sabia que Dak tinha razão. Eles precisavam entrar naquela sala.

Riq passou a tarde inteira vagando pelos corredores do Almirantado e dos prédios anexos até encontrar uma sala abandonada no porão, com uma janela larga o suficiente para que Dak e Sera pudessem entrar. O lado bom era que *ele* não precisaria passar por ali. Como os outros dois eram menores, conseguiriam se esgueirar para dentro sem grandes problemas.

Foi lá que ele os esperou naquela noite. A garoa lá fora logo se transformou em um temporal. Em qualquer outro momento, isso seria ruim, mas não naquele contexto. A chuva ajudaria a esconder Dak e Sera dos soldados que patrulhavam a área, e com um pouco de sorte faria os vigias baixarem um pouco a guarda. Mesmo assim, Riq soltou um imenso suspiro de alívio quando ouviu a batida secreta que haviam combinado.

Ele abriu a janela, uma tarefa que exigiu muito mais esforço do que ele imaginava. Durante quantos anos — ou décadas — ela tinha ficado fechada?

Toda ensopada, Sera entrou primeiro, seguida por Dak. O chão sob seus pés ficou todo molhado, como se estivesse chovendo lá dentro.

— Da próxima vez fico esperando dentro do prédio quentinho enquanto você entra pela janela no meio do temporal — Dak disse, batendo os dentes.

Riq tinha uma boa resposta para dar, mas decidiu guardá-la para mais tarde. Pelo menos até que Dak se secasse e perdesse aquela aparência de cachorrinho abandonado.

Ele foi fechar a janela, mas Sera disse:

— Acho melhor deixar aberta, para o caso de a gente precisar fugir com pressa.

— Boa ideia. — Riq franziu a testa ao ver que a chuva estava molhando todo o piso, mas o chão secaria muito antes de alguém resolver aparecer por ali. — Vamos resolver isso logo.

Ele abriu a porta para o corredor, mas ficou paralisado ao ouvir o farfalhar dos arbustos do lado de fora da janela.

Dak olhou lá para fora, mas se limitou a encolher os ombros.

— Ninguém além de nós é maluco a ponto de sair na rua em uma noite como esta. Deve ser só o vento.

— Vamos, então.

Riq os conduziu até um corredor estreito e mal iluminado, com teto baixo e pintura gasta. Lá fora, a chuva parecia apertar. O som ecoava pelo corredor, mascarando eventuais ruídos que fizessem, mas deixando Riq apreensivo. Afinal, se algum guarda se aproximasse, eles também não ouviriam.

A sala 13 estava sinalizada com clareza, mas, para um lugar que abrigava tamanhos segredos, não parecia muito especial. Talvez essa fosse a intenção. Se um espião alemão entrasse ali, o último lugar em que procuraria documentos confidenciais seria em uma salinha qualquer em um porão.

Dak deu um passo à frente e girou a maçaneta.

— Está trancada.

Sera enfiou a mão no bolso e sacou alguns pedaços de metal.

— Sem problemas. Já virei especialista em arrambar fechaduras.

— Ótimo — Riq disse.

Sera se ajoelhou e enfiou as pecinhas de metal na fechadura. Enquanto isso, Riq explicou a Dak que as poucas pessoas que trabalhavam lá dentro eram bastante reservadas e levavam o serviço muito a sério.

— Mas são pessoas como quaisquer outras — ele sussurrou. — Gente comum que tem a missão de derrotar um terrível vilão.

— Os espiões de verdade não têm todas aquelas engenhocas bacanas que a gente vê no cinema — Dak respondeu, observando enquanto Sera se esforçava para abrir a fechadura. — Mas bem que seria bom ter uma chave de fenda sônica igual à do Doutor agora.

Riq não estava muito certo de que havia captado a referência, mas fez cara de que entendeu.

Sera continuou mexendo na fechadura por vários minutos, resmungando o tempo todo sobre o mecanismo difícil. Riq e Dak chegaram mais perto para observar, e se recusaram a recuar mesmo que ela pedisse.

— Eu não consigo... Isso não vai...

E então, no meio de uma frase que começou com “Nós nunca vamos...”, os olhos de Sera se iluminaram e ela gritou:

— Deu certo!

A fechadura fez um clique. Sera girou a maçaneta e abriu a porta.

— Vamos — ela murmurou.

— Por que não entramos todos juntos? — disse uma voz atrás deles, com um sotaque britânico carregado.

Os três se viraram e soltaram um suspiro ao mesmo tempo. Um homem alto, com cabelos castanhos ondulados, maçãs do rosto pronunciadas e sobrancelhas grossas estava fazendo um gesto com a mão para que eles entrassem na sala 13.

Uma vez lá dentro, ele acendeu as luzes e trancou a porta. Sera estava no meio dos dois meninos, segurando a mão deles. Ou melhor, apertando-as até doer. Riq teve vontade de soltar a mão para normalizar o fluxo sanguíneo na ponta dos dedos, mas Sera parecia precisar daquele apoio moral.

E ele também estava assustado, claro.

— Quem é você? — perguntou Dak.

— Podem me chamar de Anton — ele respondeu, e em seguida deu uma risadinha. — Sempre quis entrar no Almirantado, mas nunca imaginei que três garotos fossem possibilitar isso para mim.

— Então você é um espião? — perguntou Sera.

— Acho que podemos chamar assim. — Ele cravou os olhos na bolsa de Sera, onde estava o Anel do Infinito. Riq puxou a garota mais para perto e bloqueou a visão de Anton, que continuou: — Mas não trabalho para a Grã-Bretanha nem para a Alemanha. Eles estão ocupados demais com a guerra para perceber que existem coisas mais importantes acontecendo no mundo.

Riq ergueu o queixo.

— Para nós não faz diferença de que lado você está. Não viemos aqui para lutar. Não temos nada a ver com esta guerra.

Anton abriu um sorriso largo.

— Talvez não com *esta*. A nossa guerra é muito mais importante que essa, não é, viajantes do tempo? — Ele deu outra risadinha. — É isso mesmo. Todos nós já sabemos quem são vocês. Hoje em dia não existem mais lugares seguros para vocês.

Riq sentiu o coração acelerar, e Sera apertou sua mão ainda mais forte, se é que isso era possível. Ele arriscou uma olhada para Dak e viu que os olhos do garoto estavam fixos em uns papéis largados sobre uma mesa ali perto. Riq teve que se segurar para não resmungar. Mesmo que todos os segredos do universo estivessem naqueles papéis, aquele não era um bom momento para Dak se distrair.

— Você tem filhos, Anton? — perguntou Sera.

O homem a encarou.

— Quê?

Ela deu de ombros.

— Você usa aliança, e já está bem gasta, então deve ser casado há muito tempo. Você e a sua esposa têm filhos?

— Eles vivem bem e felizes aqui em Londres. Por quê? Que conversa é essa?

— Nada não. Seus filhos vão ficar bem — Sera respondeu. — Afinal, a SQ vai sair daqui vencedora. Parabéns por isso, aliás. Vocês estão prestes a conquistar muito poder, e seus filhos vão poder ter o que quiserem. Mas os filhos deles têm muito com o que se preocupar. E os seus bisnetos, que devem viver na mesma época de que nós viemos, estão encrencados.

— Por quê?

— A SQ vai destruir o mundo... literalmente. Eu estive lá e vi tudo. Se você não nos libertar, seus netos vão enfrentar um desastre após o outro, e seus bisnetos não vão chegar à idade adulta.

O olhar de Anton alternou entre os três.

— É mentira.

Riq sacudiu a cabeça.

— Você é um Guardião do Tempo, e sabemos quais são suas ordens. Mas nós somos a única esperança para a sua família. A escolha que você fizer agora vai ser responsável pela salvação ou pela destruição dos seus descendentes.

Anton hesitou por um instante, e em seguida franziu a testa.

— Vocês estão mentindo. A SQ vai *salvar* o mundo. Quando nós estivermos no controle de tudo e de todos, não vai mais existir guerra, nem fome ou catástrofes. A Dama de Vermelho prometeu.

Dak soltou uma risadinha e voltou a atenção para os papéis.

Anton pareceu ofendido por seu discurso ser recebido com deboche. Ele se aproximou de Dak.

— Ainda não decidi se vou matar você e seus amigos. Seria bom prestar atenção no que digo, garoto.

— Hã? — Dak levantou a cabeça. — Foi mal, eu sei que você está cumprindo ordens, mas... uau.

Ele se distraiu outra vez, retomando a leitura dos papéis.

Anton sacou um canivete do bolso e puxou a lâmina.

— Muito bem. Venham comigo, quietinhos e tranquilos, e vou levá-los até Tilda. Ela vai saber o que fazer com vocês.

— Espera aí — disse Dak. — Já estou terminando.

— Venham agora mesmo! — Anton avançou empunhando o canivete na direção de Dak. — Caso contrário...

— Você não me ameaçaria se soubesse como esse plano é brilhante — Dak retrucou. — E já está em andamento.

— O que está em andamento?

Como não obteve resposta, Anton empurrou Dak e começou ele mesmo a revirar a papelada. Então Dak apanhou o pesado aparelho de telefone de cima da mesa e desferiu um golpe violento contra a cabeça de Anton. O homem desabou no chão, inconsciente.

— Que grande ideia! — Sera disse. — Atrair a atenção dele para os papéis para poder atacar.

— Não foi nada planejado — confessou Dak. — Eu estava mesmo lendo os papéis. Só reparei no telefone depois que ele me empurrou.

— E o que tem nesses papéis, afinal? — Riq quis saber.

— Nós não temos muito tempo. Eles já despacharam o corpo do major Martin, que deve aparecer nas praias da Espanha a qualquer momento.

— Por que da Espanha? — questionou Sera. — Por que não mandar o cadáver direto para a Itália ou Alemanha?

— Porque seria óbvio demais — respondeu Riq.

— A Espanha é a escolha perfeita — afirmou Dak. — Oficialmente, é um país neutro. Mas, na verdade, uma porção de gente do governo espanhol apoia a Alemanha.

— Então vamos torcer para que o corpo de Martin caia nas mãos desses apoiadores, e que eles façam os planos falsos chegarem até a Alemanha — disse Sera.

— Acho que sei o que precisamos fazer com o Homem Que Nunca Existiu — anunciou Dak. — Mas para isso teremos que nos separar.

Atrás deles, Anton começou a se mexer.

— Deixa pra contar depois — Riq sugeriu. — Vamos levar esse cara pra longe das informações confidenciais antes que ele acorde!

A separação

NA MANHÃ SEGUINTE, Dak estava com Riq e Sera em um porto nos arredores de Londres. Ele havia contado aos dois tudo o que lera no Almirantado, mas eles não pareciam muito animados com as tarefas que tinham pela frente.

Riq entregou tiras de papel com um número de telefone para os dois.

— É o número de um telefone público que fica perto do Almirantado — ele explicou. — Decorem o número e depois destruam o papel, porque agora somos espões. Estarei nessa cabine todas as noites, às nove, horário daqui. Deixem tocar uma vez, desliguem e liguem de novo. Assim vou ter certeza de que é um de vocês.

Sera enfiou seu papel no bolso.

— Vamos ligar todas as noites, mas não gosto dessa ideia de separação.

— Eu também não — Riq disse. — Se o corpo estiver mesmo a caminho da Espanha, não vou poder fazer muito por aqui.

— Se alguma coisa der errado, precisamos ter alguém em Londres para avisar os oficiais britânicos — Dak explicou. — Como você já trabalha no Almirantado, faz sentido que fique aqui, só por precaução.

— Mas e se Anton voltar? — Sera questionou. — Ou algum colega dele? Eu sabia que devia ter gente da SQ nos países do Eixo, mas os britânicos estão lutando pela liberdade e pela própria sobrevivência. Como Anton pode achar que está fazendo a coisa certa colocando a SQ acima dos Aliados?

— Tilda mentiu pra ele — Dak disse. — A SQ mente pra todo mundo. Ela o fez acreditar que está salvando a Terra do Cataclismo.

— Quando na verdade são eles que estão causando tudo isso — Riq acrescentou. — Não se preocupem com Anton. Ele vai demorar um bom tempo para se recuperar. Se concentrem apenas na missão.

— Vou fazer os espanhóis acreditarem que o major Martin é um oficial britânico que se afogou no mar há alguns dias — Sera garantiu —, e não um mendigo que tomou veneno de rato meses atrás.

— Aposto que você entende muito mais de ciência do que os legistas de lá — Dak disse, cheio de confiança. — Combata a ciência com ciência.

Sera mordeu o lábio.

— Riq e eu temos tarefas que fazem sentido. Mas por que você precisa ir para a Alemanha?

Dak não queria cruzar as linhas inimigas. No entanto, mesmo que os outros dois desempenhassem seu papel com perfeição, de nada adiantaria se os alemães não acreditassem que os planos encontrados com Martin eram verdadeiros. De alguma forma, Dak precisava chegar até Hitler.

— Ele sempre foi muito cruel — Sera lembrou. — Se Hitler desconfiar que você é um espião...

— Se vocês fizerem a sua parte, talvez eu nem precise fazer nada — Dak se apressou em dizer. — A Operação Carne Picada foi um ótimo plano, mas tudo precisa se encaixar perfeitamente pra funcionar.

— E, se não funcionar, Hitler pode te mandar para os campos de concentração — Sera argumentou. — Ou te matar.

— Eu já estou tendo que encarar o Cataclismo. Se consigo dar conta disso, vou saber lidar com Hitler. — Dak deu de ombros e abriu um sorrisinho. — Foi uma declaração bem corajosa, né? A gente não pode esquecer de pôr no livro que um dia vão escrever sobre mim.

— É melhor você ir embora logo, antes que eu coloque meu almoço pra fora — Riq disse para Dak. — Além disso, você tem um barco pra pegar.

— Você primeiro — Dak falou para Sera. Ela usaria o Anel do Infinito para se transportar até o necrotério de Huelva, na Espanha, para onde o corpo do major Martin seria levado. Viajar até lá de barco e depois por terra firme levaria no mínimo uma semana, e eles não tinham todo esse tempo.

Sera acenou com a cabeça e agachou entre algumas árvores ali perto. Ela pegou o Anel do Infinito, se escondeu melhor e apertou o botão que a levaria embora.

Os garotos ficaram observando sua partida, e Dak ficou surpreso ao notar que já sentia falta dela. Não que ele *gostasse* dela, pelo menos não nesse sentido, mas quando Sera não estava por perto tudo parecia meio estranho.

— É a sua vez — Riq disse. — Tudo em ordem?

Dak esperava que sim. A melhor maneira de chegar até a Alemanha seria em um barco de carga vindo de um país neutro, que só era usado para negócios sem nenhuma relação com a guerra. Dak havia falado na orelha de um capataz de convés durante a manhã inteira, até ele finalmente dizer que, se o garoto promettesse calar a boca, poderia subir a bordo e trabalhar na limpeza.

— Vou tentar ligar hoje à noite, onde quer que eu esteja — Dak garantiu.

Ele já ia se afastando quando Riq questionou:

— Só uma perguntinha: ao longo da história, com que frequência esse tipo de plano costuma dar certo?

Dak franziu a testa.

— Algo desse tamanho? Quase nunca.

Ele fez um aceno de despedida para Riq, deu mais uma olhada no local onde Sera tinha desaparecido e correu para embarcar. Assim que subiu a bordo espiou por cima da balaustrada... e teve que se agachar às pressas.

Tilda estava no cais, esquadrinhando a área como um caçador. Ela procurava os três viajantes do tempo, sem dúvida nenhuma. Com cuidado, Dak se afastou da balaustrada e soltou um gemido. Não muito longe, Riq ainda observava o barco se afastar. Ele não tinha notado a presença de Tilda.

A integrante da SQ fez perguntas a uma mulher, mas tudo que recebeu em resposta foi um olhar de desaprovação e um aceno negativo de cabeça. Apenas nesse momento Dak reparou melhor na aparência de Tilda.

Ela vestia uma saia vermelha justíssima e uma jaqueta preta reluzente com um rubi na lapela. Estava totalmente fora de compasso com a época, quase implorando para chamar atenção. Com o cabelo preso no topo da cabeça, ela parecia um carvão em brasa. Mais do que nunca, Dak achava que Tilda era como o fogo: se a pessoa se aproximar demais, acaba se queimando.

Ainda no porto, Riq acenou para Dak uma última vez e começou a se afastar. Tilda virou a cabeça em direção a Riq, mas não o viu. Ou teria visto? A embarcação já estava bem afastada da costa. Dak torceu para que ela estivesse procurando pelo trio e não reparasse em um garoto sozinho circulando por ali.

Nesse momento, o capataz do convés começou a gritar uma série de ordens e mandou Dak limpar as balaustradas. Isso o manteve ocupado, o que era bom. O trabalho afastaria seus pensamentos de Tilda, do Cataclismo, da Segunda Guerra Mundial e do fato de estar se dirigindo para a toca do lobo.

Ele passou quase o dia todo esfregando o convés e jantou com a tripulação no cair da noite. Logo em seguida o capitão anunciou que eles atracariam na Alemanha em breve.

Quando o barco chegou ao porto, Dak largou o esfregão e foi perguntar se poderia ajudar no descarregamento.

Um tripulante apontou para um caixote em um canto.

— Esses cálices são uma encomenda especial de Hitler — ele contou. — Pode carregar se tiver coragem, mas se deixar cair você está morto. Tem uma pessoa esperando por isso lá no cais.

Dak apanhou o caixote de madeira, que era mais pesado do que parecia. Por que as pessoas não inventavam logo o papelão? Isso aliviaria a carga em alguns quilos. Mesmo com dificuldade, ele conseguiu equilibrar o caixote nos braços enquanto descia pela rampa até o cais.

— Esses são os cálices? — perguntou uma mulher de meia-idade, com ombros curvados e cabelos grisalhos. As linhas de expressão em seu rosto eram longas e profundas, mas, quando ela sorriu, seus olhos pareceram afetuosos e cheios de energia.

— Sim.

Dak ficou aliviado ao perceber que seu tradutor já havia identificado o idioma alemão. Desde que chegara a 1943, era a primeira vez que ele precisava falar uma língua que não era a sua.

— É melhor que estejam todos inteiros. Eles são para o *führer*, sabia?

— Você trabalha para Hitler? — Dak quis saber.

— Sou cozinheira de um bunker em Berlim. Só isso. — Ela estendeu os braços. — Passe pra

cá.

— A caixa é mais pesada do que parece — Dak avisou. — Tenho medo de que você deixe cair.

— Se você carregar pra mim vai querer o que em troca? — a mulher perguntou.

— Só uma carona até Berlim.

Ela sorriu.

— É uma viagem bem longa. Seria bom ter companhia. Mas você vai precisar fazer muito mais do que carregar o caixote até meu carro. Vai ter que descarregar tudo o que estiver lá dentro quando chegarmos. Se trabalhar direito, posso até te contratar. Estou precisando de um bom ajudante de cozinha.

— Combinado — Dak se apressou em concordar, antes que ela mudasse de ideia. Ele não conseguiria fazer telefonema nenhum naquela noite, mas isso não era o mais importante. Fosse como fosse, já conseguira se infiltrar no território inimigo.

A espiã de Clauss

SERA CHEGOU À ESPANHA COM UM MAL-ESTAR e uma dor de cabeça latejante. Ela abriu e fechou os dedos para se certificar de que ainda estavam lá, e teve a impressão de que choques elétricos se espalhavam por seu corpo e invadiam seu peito. *Quem se importa com o Cataclismo?*, pensou. As viagens no tempo acabariam com ela muito antes disso.

Lembrando-se de como havia se livrado dessa sensação em outras ocasiões, Sera se encostou em uma parede e respirou fundo, soltando o ar com força. Pouco a pouco a dor foi passando, mas ela prometeu a si mesma que só usaria o Anel do Infinito outra vez quando fosse indispensável. Seu corpo não suportaria aquilo por muito mais tempo.

Por acaso, ela havia se encostado justo na parede que procurava. A entrada do necrotério ficava a apenas alguns metros dali e, do outro lado, virando a esquina, ela ouviu dois homens discutindo. Sera se espremeu contra o reboco e escutou. Com um pouco de sorte, os dois nem notariam sua presença.

— Me deixe ver esse corpo! — disse um homem. Mesmo sem o dispositivo de tradução, Sera percebeu que ele estava falando em espanhol, com um sotaque alemão. Ela imaginava se encontraria nazistas na Espanha, e pelo jeito eles estavam por lá, sim.

A pessoa que respondeu tinha sotaque espanhol:

— Clauss, aquele corpo no necrotério é de um oficial britânico. Você é um alemão, um inimigo dele. Por que eu te deixaria ver?

Clauss baixou o tom de voz, e sua fala ganhou um tom de desespero:

— Você não entende, doutor. Eu tenho bons contatos na Alemanha. Existem pessoas no meu país que fariam qualquer coisa, qualquer coisa *mesmo*, para pôr as mãos na maleta desse oficial. Estou disposto a pagar muito bem só por uma espiada no que tem lá dentro.

— Eu não quero seu dinheiro, Clauss — o médico respondeu. — Agora me dê licença. Tem gente lá dentro me esperando para começar.

Ele dobrou a esquina com Clauss em seu encalço, mas ambos pararam quando viram Sera.

— Você está bem? — o médico perguntou, colocando a mão na testa dela para sentir a temperatura. Mal sabia ele que o motivo para o suor na testa e as bochechas vermelhas era bem pior que uma simples gripe.

Sera assentiu calmamente com a cabeça, mas seu coração estava disparado. Ela acabara de descobrir que sua missão ia muito além de enganar os espanhóis sobre a causa da morte do

major Martin. Ela precisaria convencer Clauss também.

— Eu acabei ouvindo a conversa de vocês. Posso ajudar na autópsia — ela falou.

— Como? — questionou o médico, estreitando os olhos. — Uma menina da sua idade tem alguma experiência em autópsias?

— Bom... não. — Mas Sera já tinha lido muito a respeito, e até acompanhara uma autópsia realizada em um hospital, só por curiosidade. Mas, quando isso aconteceu, ela não conseguiu nem chegar perto do corpo, e na maior parte do tempo sua visão ficou bloqueada pelos médicos que conduziam o procedimento. — Meu nome é Sera, e adoro ciência. Posso instrumentar o procedimento e anotar suas observações. Sou boa em química e anatomia, e aprendo bem rápido.

O médico concordou.

— Tudo bem. Estou precisando de uma mãozinha, desde que você não atrapalhe. Vamos lá.

Quando o médico entrou, Clauss segurou Sera pelo braço. Ele era tão magro que parecia doente, e tinha a testa alta e um rosto de feições duras, como se fosse entalhado em pedra. Nem um fio de seu cabelo se movia sob a brisa leve. Ou ele usava litros de gel, ou seu cabelo também era feito de pedra.

— Me conte tudo o que acontecer lá dentro — ele falou. — Pago bem por qualquer tipo de informação.

Sera puxou o braço para se soltar.

— Quanto?

Clauss provavelmente não acreditaria se ela espionasse por livre e espontânea vontade, mas certamente acreditava no poder de convencimento de um bom suborno.

Ele sacou um maço de notas do bolso e sacudiu diante de Sera.

— Depende do que você me contar.

Ela teve vontade de sair correndo, gritar ou fazer qualquer coisa que não fosse ajudar aquele homem. Mas ela agora era uma espiã, e aquela era sua chance de convencer Clauss de que estava do lado dele.

— Se vier falar comigo depois do exame, posso contar tudo o que eu vir — ela murmurou.

Clauss a observou por um instante. Em seguida, chegou mais perto e beliscou suas bochechas.

— Vou pagar pelas informações que me forem úteis. Mas, se descobrir que está mentindo ou omitindo algum detalhe, é você que vai me pagar.

Sera se desvencilhou dele e de suas ameaças e entrou no necrotério. Havia outras pessoas na sala além do médico. Um homem vestindo uma farda do exército britânico estava de pé com um olhar entediado. Será que ele sabia a respeito do Homem Que Nunca Existiu ou só estava confuso como todos os demais? Ao lado dele estava um militar espanhol segurando uma maleta encharcada — a de Martin, sem dúvida. Ele pediu para apressarem os procedimentos, porque estava atrasado para o almoço. O médico tinha um jovem assistente, e Sera notou certa semelhança entre os dois. Talvez fosse seu filho. E havia também um soldado americano, sentado em um canto, parecendo enjoado com o cheiro horrível que pairava no ar. Nenhum deles deu muita atenção a Sera, a não ser o médico, que lhe entregou uma prancheta e pediu

que anotasse tudo o que ele ditasse.

E, é claro, deitado na maca, estava o convidado de honra: o major Martin. O Homem Que Nunca Existiu, que estava numa condição ainda pior do que um simples morto. Ele parecia um zumbi, com olhos saltados, pele amarelada e articulações inchadas. Naquele exato momento, Sera decidiu que quando crescesse se dedicaria à física, à botânica ou a qualquer outra ciência que não exigisse a manipulação de cadáveres. Aquilo era nojento!

O assistente deu início aos trabalhos esvaziando os bolsos de Martin. A maioria dos objetos encontrados era inútil: papéis ensopados, algum dinheiro, selos e dois canhotos de ingressos de teatro. Sera se perguntou por que alguém se daria ao trabalho de pôr essas coisas nos bolsos da farda — nada daquilo tinha relação com os planos falsos que eram o cerne da missão.

Foi quando ela entendeu que o objetivo daquilo não era convencer os alemães de que os planos eram verdadeiros, e sim convencê-los de que o *major Martin* era real. Se eles acreditassem que se tratava de fato de um oficial britânico, automaticamente considerariam autênticos os documentos que ele carregava. O major Martin não deveria parecer um mendigo que passou os últimos três meses guardado em um freezer, e sim alguém que estava vivo até poucos dias, fazendo o que pessoas vivas faziam. Aqueles objetos em seu bolso eram um toque de gênio.

Em seguida, o militar espanhol pôs a maleta sobre uma mesa e a destrancou usando as chaves encontradas no corpo. A água do mar molhou ainda mais os papéis enquanto a maleta abria, mas não fazia diferença, pois já estavam encharcados. Em cima de todos os demais objetos havia um punhado de envelopes com lacres de cera vermelhos. Tudo parecia muito oficial e formal, como deveriam ser os planos militares secretos. Sera imaginou Clauss do lado de fora, desesperado para saber o que havia naqueles envelopes.

Depois de remexer o conteúdo da maleta sem muito interesse, o espanhol a fechou e a entregou ao britânico.

— Você com certeza vai querer isto de volta.

Sera olhou para os dois, ansiosa para saber o que aconteceria a seguir. A maleta, é claro, deveria ficar com o britânico. Fora encontrada com um oficial britânico, e deveria ser devolvida a um de seus companheiros de farda, principalmente se contivesse informações confidenciais. O britânico arregalou os olhos, como se não soubesse o que dizer. Apenas um idiota se recusaria a receber de volta documentos pertencentes ao próprio exército, mas, se ele fizesse isso, a Operação Carne Picada iria fracassar.

Por fim, ele resolveu bancar o idiota e disse:

— Bom, acho que seu superior não vai gostar nada disso. Talvez seja melhor entregar a ele e só depois me devolver, seguindo os procedimentos oficiais.

O militar espanhol deu de ombros, recolheu os objetos encontrados nos bolsos de Martin e foi embora. O americano saiu em seguida. Quanto mais o mau cheiro se espalhava, pior ficava a cara dele. Quando chegasse lá fora, provavelmente correria até o arbusto mais próximo para vomitar.

Depois disso, o médico começou a solicitar os instrumentos para começar a autópsia. Sera

se aproximou do corpo e lembrou a si mesma *mais uma vez* que, além de cientista, ela também era uma espiã. E espiões não ficam com nojo, não importa o que vejam.

Quando o corpo começou a ser cortado, porém, sua resistência ao nojo se deparou com um desafio de proporções inéditas. As entranhas do homem estavam apodrecidas e cheias de água. Sera sabia que o cadáver estava congelado fazia tempo, e que começara a se decompor enquanto isso. No entanto, o médico precisava acreditar que ele morrera há apenas alguns dias.

— Quanta decomposição — ele comentou em voz alta. — Que estranho!

— Talvez seja por causa da água do mar — Sera arriscou. Caso Martin tivesse se afogado no mar, seus pulmões se encheriam de água salgada, que tinha um efeito devastador sobre o corpo humano. — E tem também o efeito do calor.

— A pele está bem pálida — ele observou.

— Deve ser por causa da privação de ar debaixo d'água — Sera afirmou. Não era nada disso. Aquele homem tinha morrido por ingerir veneno de rato, que continha altos níveis de fósforo. Era por isso que sua pele estava sem cor. Ela torceu para que o médico não pensasse muito a respeito.

Para ela, os sinais de que Martin não havia morrido no mar eram mais do que evidentes. O médico, por sua vez, não tinha motivo nenhum para desconfiar de outras causas. Ela só precisava encontrar razões que relacionassem a situação do corpo de Martin a um afogamento.

O médico enxugou a testa com o antebraço.

— Aqui está quente demais para uma autópsia, vocês não acham?

— O cheiro está... um pouco forte — respondeu o militar britânico.

— Para fazer um bom trabalho, preciso de tempo.

O médico não era nada bobo, o que deixou Sera preocupada. Se ele dedicasse mais tempo ao caso, acabaria descobrindo que Martin morrera muito antes de ser jogado ao mar. E, se ele chegasse a essa conclusão, os nazistas ficariam sabendo, independente do que a garota dissesse a Clauss.

— O calor só vai continuar degradando as condições do corpo, o que já vem acontecendo desde que ele foi arrastado para a praia — ela se apressou em falar. — Daqui a pouco, vai ser difícil ter certeza de qualquer coisa.

— Verdade. Você é uma menina muito inteligente. — O médico apertou os lábios e pediu que seu assistente o ajudasse a mover o corpo para um caixão de madeira atrás deles. — No atestado de óbito pode constar que foi uma morte por afogamento, e que o corpo ficou na água de oito a dez dias.

— Ótimo — disse o militar britânico, talvez concordando rápido demais. *Ele deve saber do plano*, pensou Sera. O soldado parecia ter uma noção bem clara de seu papel no necrotério naquele dia.

Antes que a tampa fosse fechada, o médico pôs a mão sobre o caixão.

— Mas ainda existem muitas perguntas a ser respondidas. Uma vítima de afogamento sempre apresenta, hã, mordidas de peixes. Não vi nada disso aqui. E a água do mar deveria ter deixado o cabelo dele duro e empastado de sal. Até as roupas estão em condições muito

melhores do que se esperaria de um homem que passou tanto tempo dentro d'água.

O militar britânico se voltou para Sera, pois havia percebido que ela estava colaborando com ele. Ela olhou bem para o médico.

— Todas essas são ótimas perguntas. Tenho certeza de que muita gente pode vir ajudar com isso. Talvez até os alemães.

O médico fechou a cara. Ele não parecia nem um pouco disposto a permitir que os alemães interferissem em seu trabalho.

— Morte por afogamento — o legista afirmou com convicção. — Essa é a minha palavra final. O corpo será enviado imediatamente à Grã-Bretanha para o sepultamento.

Sera se limitou a concordar com a cabeça e anotar as palavras do médico, mas por dentro estava exultante. A missão de salvar a Operação Carne Picada tinha superado seu primeiro obstáculo.

A escolha de Riq

NO DIA SEGUINTE, depois de terminar suas tarefas, Riq foi almoçar perto do telégrafo, para observar as mensagens que eram enviadas pelo governo da Grã-Bretanha a seus pares na Espanha. Não conseguiu ver muita coisa, mas deu para perceber que os telegramas foram escritos com cuidado. Eles precisavam soar ansiosos para reaver o corpo, mas não muito. E, é claro, o cadáver não podia ser devolvido enquanto o governo espanhol não lesse e registrasse as informações contidas nos documentos. Os envolvidos no plano tentavam agir como se estivesse tudo normal, mas Riq sabia que não era bem assim. Caso a operação desse errado, os Aliados não teriam mais como se recuperar na guerra. Nem nunca mais, na verdade.

Naquela noite, às nove horas, ele assumiu seu posto ao lado da cabine telefônica, à espera das ligações de Dak e Sera. Ficou encarando o telefone como se seu olhar pudesse fazê-lo tocar. Ele não recebeu notícias dos outros na primeira noite, mas esperava que isso acontecesse em breve. O sucesso de Sera era fundamental para o funcionamento do plano, e ele estava mais do que ansioso para saber se ela conseguira cumprir sua missão. O mais enlouquecedor, porém, era saber que Dak estava em algum lugar atrás das linhas inimigas.

Finalmente, o telefone tocou uma vez e depois parou. Após alguns segundos, começou a tocar de novo. Era o sinal. Quem estava ligando era Dak ou Sera.

Passos ecoaram pela rua silenciosa, e Riq manteve a cabeça baixa. Havia muitos oficiais naquela área, e era melhor não chamar muita atenção. Ele só queria atender o telefone em paz.

— Ei, você — um homem chamou. — O que está fazendo na rua a uma hora dessas? Está aprontando alguma?

— Não, senhor — respondeu Riq.

— Que pena — disse uma voz de mulher. — Porque nós estamos.

Antes mesmo de se virar, Riq já sabia quem era. Aquela era a voz de Tilda, gélida e áspera, que fazia um porco-espinho parecer fofo. Riq sentiu as pernas moles e teve que se esforçar para encará-la. Tilda estava de pé entre dois homens do tamanho de pequenas montanhas, com aparência suja e barba por fazer. Apesar de usarem fardas do exército britânico, não pareciam militares. Embora não estivessem segurando nada, Riq não tinha a menor dúvida de que estavam armados.

— Atenda o telefone — ordenou Tilda. — É para você, não?

Riq tinha quase esquecido que o telefone estava tocando, e não entendia por que quem ligava

ainda não havia desistido. Talvez um de seus companheiros estivesse encrencado ou precisando de ajuda. Mas, contemplando os olhos escuros de Tilda e seus comparsas, logo ficou claro para Riq que ninguém precisava mais de ajuda do que ele mesmo.

— Atenda o telefone — repetiu Tilda. — E, se disser alguma coisa que eu não gostar, vai se arrepender.

Riq tirou o fone do gancho e, imediatamente, Tilda entrou na cabine, pressionando a orelha contra o outro lado do aparelho na tentativa de ouvir alguma coisa.

— Riq! — A voz de Dak chegou carregada de estática, e soava muito distante. — Riq, é você?

— S-sim — Riq gaguejou.

— Por que demorou tanto pra atender? Estava cochilando enquanto Sera e eu fazemos o trabalho mais perigoso?

Riq cerrou os dentes. Às vezes ele detestava aquele garoto.

— Eu também estou tendo uns problemas aqui, sabia?

— A não ser que seu problema seja aquela bruxa maluca do futuro, não deve ser pior que o meu — Dak disse, fazendo Riq levar uma cotovelada de Tilda nas costelas. — Você nem imagina onde eu estou.

— Não mesmo — Riq respondeu. — E nem precisa me dizer.

As últimas palavras foram emitidas em um grunhido, pois Tilda desferiu um chute em sua canela. Com um gesto, ela mandou Riq fazer com que Dak continuasse falando. Ela não devia saber que aquele garoto não precisava de nenhum incentivo para isso.

— Está tudo bem? — Dak perguntou. — Você parece meio...

— Cansado — Riq completou. — Você também deve estar, já que acabou de fazer uma longa viagem até a Suíça.

— Quê? Não, eu não estou na Suíça. Você sabe muito bem que eu vim para a...

— Cidade do Silêncio. — Como Dak era incapaz de captar as pistas mais sutis, Riq precisaria ser mais direto. — Você está hospedado no Hotel Tenta Ficar Calado Pelo Menos Uma Vez.

— Estou no quartel-general de Hitler em Berlim. Eu consegui um emprego como... Ah! — Só então Dak se deu conta do que Riq havia dito. — Ah, hã, quer dizer...

Tilda enfim se deu por satisfeita. Ela saiu da cabine e chamou seus capangas, que agarraram Riq pelos braços e o arrancaram de lá. Um deles tapou a boca do viajante do tempo, enquanto o outro segurou suas mãos atrás das costas.

Ainda dava para ouvir a voz de Dak ao telefone, berrando do outro lado da linha:

— Alô? Alô-ô?

Tilda voltou para a cabine, apanhou o fone e ficou encarando Riq por um instante antes de começar a falar.

— Você conhece a minha voz, não, Dak? — Ela abriu um sorriso. — Ótimo. Quer que seu amigo morra?

Por mim tudo bem, pensou Riq, torcendo para que Dak se recusasse a negociar sua sobrevivência. Riq sabia que sua existência estava chegando ao fim, e perder os últimos

desdobramentos de sua missão não faria tanta diferença.

Mas Dak deve ter respondido que não, pois Tilda abriu mais um sorriso e falou:

— Então me diga onde está o Anel do Infinito.

Riq tentou gritar para que Dak não dissesse nada, mas a mão do homem ainda cobria sua boca. Impotente, ele só podia observar enquanto Tilda escutava o que o garoto dizia.

— O dispositivo de viagem no tempo está com você? — Tilda perguntou com um tom incrédulo. — Um objeto que pode literalmente entregar o controle do mundo a Adolf Hitler, e você o levou para a Alemanha?

Qualquer que tenha sido a resposta de Dak, Tilda não acreditou.

— Acho que você está mentindo. Acho que está tentando proteger seus amigos. Quem está com o dispositivo: Riq ou Sera?

Riq ouviu os protestos de Dak quando Tilda afastou o fone da orelha e estreitou os olhos na direção do garoto.

— Você se lembra do meu amigo Anton, certo? Ele faz serviços de espionagem na Grã-Bretanha quando preciso, mas também pode espionar os alemães com a mesma eficiência.

Um agente triplo, pensou Riq. Anton tinha acesso a ambos os lados na guerra, mas sua lealdade era dedicada apenas à SQ.

— Anton e Cleo, outra agente nossa, também têm acesso a esse quartel-general — acrescentou Tilda. — A esta altura Anton já deve estar na Alemanha.

Os maxilares de Riq estavam tão tensos que ele mal conseguia falar.

— E daí?

— Quero que você me diga se Dak está com o Anel do Infinito. Porque, se estiver, minha próxima ligação vai ser para Anton e Cleo. Amanhã de manhã, a existência de Dak não passará de uma lembrança distante. Então me conte: ele está com o Anel?

Riq fechou os olhos para pensar melhor. Dak não estava com o Anel do Infinito, então não adiantava mentir para Tilda. E ele não poderia permitir que ela ligasse para Berlim e pusesse Dak em perigo. O que poderia dizer para ganhar um pouco mais de tempo?

Ele sacudiu a cabeça e abriu os olhos.

— O Anel não está com Dak.

— E com quem está?

Riq tentou manter o tom de voz sob controle e fixar os olhos em Tilda.

— Com nenhum de nós. O Guardião da História desta época ficou com ele.

— Mentira — rebateu Tilda. — O único Guardião da História desta região, nesta época, foi morto no bombardeio a Aberdeen. — Ela abriu um sorriso maligno. — Também vim do futuro, esqueceu? Vocês perderam a única vantagem que tinham. — Ela levou o telefone de volta ao ouvido e falou: — Escute bem, Dak, porque o que vou dizer agora é a mais pura verdade, apesar de você ter mentido para mim. Estou com Riq e, se você não me disser agora mesmo onde o está o Anel, nunca mais vai ver seu amigo.

Houve um momento prolongado de silêncio, durante o qual Riq tentou sem sucesso ouvir a resposta de Dak. Ele só descobriu o que o amigo tinha dito quando Tilda desligou o telefone, virou para os capangas e falou:

— A menina está com o dispositivo em algum lugar da Espanha. Precisamos descobrir onde exatamente.

— Este garoto aqui pode contar.

Riq sacudiu a cabeça.

— Eu não sei. Foi ela que digitou as coordenadas, e não sei o que significam.

— Ela vai ligar? — Tilda questionou, e respondeu à própria pergunta logo em seguida: — Claro que vai. Nós só temos que ser pacientes e esperar.

— O que faremos com ele? — um dos capangas perguntou, apontando para Riq.

— Este aqui vai ter que continuar vivo por enquanto — Tilda respondeu. — Ainda podemos precisar da ajuda dele para conseguir o Anel.

Era uma situação difícil. *Terrível, na verdade*, Riq admitiu para si mesmo. Mas pelo menos Dak estava a salvo e, com um pouco de sorte, poderia dar um jeito de avisar Sera.

Ou era o que ele achava antes de Tilda pegar o telefone e começar a discar.

— Para quem você está ligando? — um dos capangas perguntou.

— Para Anton e Cleo, nossos amigos em Berlim — Tilda informou. — Riq talvez ainda possa ser útil, mas não precisamos mais manter Dak vivo.

Fugindo da SQ

DAK ENTROU EM PÂNICO quando Tilda desligou o telefone. Ela estava com Riq, e sabe-se lá o que faria com ele caso as coisas não saíssem como desejava. Ela também sabia que o Anel do Infinito estava com Sera. Dak só não perguntou se as coisas poderiam ficar piores porque já sabia a resposta: mesmo em uma situação como aquela, ainda era possível piorar.

Ele precisava ajudar Sera e Riq, mas não tinha a menor ideia de como fazer isso. É claro que não adiantaria ligar de novo para Riq, e não havia como entrar em contato com Sera. Nem dinheiro para viajar de Berlim até a Espanha ele tinha.

Voltou à cozinha e se encolheu junto a uma parede enquanto se forçava a pensar em uma solução. Ele precisava se acalmar, porque o pânico poderia levá-lo a fazer uma besteira, como arrancar as próprias roupas e sair berrando e correndo em círculos.

Riq era quem corria o maior perigo, mas Tilda provavelmente o manteria vivo, pelo menos até conseguir pôr as mãos no Anel. Riq era esperto, tinha um bom físico e talvez alguns truques escondidos na manga. Se houvesse alguma possibilidade de escapar, ele aproveitaria. E depois disso poderia alertar Sera.

Dak tentou fazer seus músculos relaxarem. Esse pensamento não dava muitas esperanças, mas era melhor que nada. Por ora, só podia se aproximar de Hitler e garantir que, quando os planos falsos encontrados com o Homem Que Nunca Existiu chegassem lá, o *führer* acreditasse neles.

Dak abriu um sorriso. *Moleza, como picar carne de primeira.*

Mas ele teria muitos obstáculos pela frente. O primeiro era que Hitler só aceitava conselhos de um pequeno grupo de pessoas de confiança, e Dak não estava entre elas. O segundo era que pouquíssima gente conseguia se aproximar do ditador nazista e, até onde Dak sabia, ninguém nessa seleta comitiva tinha onze anos. E o terceiro era que, mesmo que pudesse chegar perto de Hitler, Dak jamais conseguiria fingir lealdade ao *führer* por tempo suficiente para convencê-lo de alguma coisa. Aquele homem era cruel demais. Dak *definitivamente* não conseguiria ser falso a esse ponto.

Em algum momento, ele caiu no sono e acordou com o som da conversa entre um homem e uma mulher no corredor que dava para a cozinha. Mesmo à distância, ele reconheceu a voz de Anton, que agora tinha sotaque alemão.

— Tilda falou que o garoto estava aqui!

Ao ouvir isso, Dak despertou e arregalou os olhos. Estava atento, mas encurralado.

— Você sabe que o *führer* não permite que ninguém circule por aqui durante a noite — uma voz de mulher argumentou. — Podemos procurar o garoto de manhã.

Em algum momento da conversa telefônica com Tilda, Dak pensou ter ouvido uma ameaça de que agentes da SQ seriam mandados atrás dele em Berlim. No entanto, como a ligação estava ruim, torceu para que tivesse entendido errado. Pelo jeito não era o caso. Ele olhou ao redor à procura de um lugar para se esconder, mas onde poderia se enfiar? Em um armário?

— De quem você tem mais medo? — Anton questionou. — De Tilda ou do *führer*?

Dak fez essa mesma pergunta a si mesmo. Era quase como perguntar qual a melhor maneira de morrer: atingido por um raio ou despencando de um penhasco. Nenhuma das opções parecia muito agradável, e o resultado era basicamente o mesmo.

— Ela disse que, se não for pego, esse garoto pode acabar com a SQ. — Anton parou para abrir a porta de uma despensa e vasculhá-la. — Talvez não seja uma boa ideia fazer isso. Lá no Almirantado, a menina do grupo falou que viu o futuro, e que o mundo seria destruído. Fiquei preocupado, Cleo. E se nós estivermos errados?

Cleo riu, com deboche.

— Você acredita mais nesses três do que em Tilda, que é uma das nossas? Ela diz que tem como impedir o Cataclismo, e eu acredito. E, se nós ajudarmos, ela vai nos recompensar quando assumir o comando. Vamos encontrar esse garoto de uma vez e depois ir atrás dos outros.

— Se o *führer* nos pegar, vai dizer que estamos espionando e mandar nos prender — Anton rebateu, apreensivo, falando um pouco alto demais.

— Se não quer ser pego, *fique quieto*. Vamos procurar na cozinha. Se ele não estiver lá, recomeçamos a busca amanhã.

A cozinha. O lugar onde Dak estava. Que sorte a dele! Mesmo com dezenas de cômodos para revistar, os dois haviam escolhido justo aquele.

Dak saiu correndo em busca de um bom lugar para se esconder, mas já era tarde demais: a porta da cozinha estava abrindo. Ele se agachou atrás de um armário e se encolheu o máximo que pôde. Só restava esperar o momento em que seria pego. Dependendo do ângulo de visão, sua presença era mais do que visível.

— Ele não deve estar aqui — Anton disse. — Se tiver mesmo autorização pra passar a noite no quartel-general, devem ter lhe dado uma cama.

— Não acho que o viajante do tempo esteja dormindo — Cleo respondeu. — Ele deve estar bisbilhotando por aí.

Acordado ele estava. Mas bisbilhotando em um bunker cheio de nazistas? Nada disso. Dak até se considerava corajoso, mas burro ele não era.

— Dê uma olhada lá no fundo da cozinha — ordenou Cleo. — Vou vasculhar por aqui.

A única maneira de tornar a presença de Dak mais óbvia seria colocar uma seta luminosa gigante sobre sua cabeça. Dava para ver o reflexo de Cleo em um armário de metal perto dali. Ela não era muito alta, mas tinha o físico de uma lutadora de artes marciais. Seu cabelo escuro estava preso em um coque, e o rosto estava franzido de irritação.

— Esteja pronto quando o encontrarmos — ela avisou. — Precisamos ser rápidos e certos.

Dak entendeu muito bem o significado daquelas palavras. Eles não iriam interrogá-lo, nem fazer ameaças. Não havia como escapar, nem ninguém para resgatá-lo. Eles queriam matá-lo, e não se contentariam com nada menos que isso.

Nesse momento, porém, a porta se abriu e uma voz falou:

— O que vocês dois estão fazendo aqui a esta hora?

A tensão no recinto ficou tão densa que Dak conseguia senti-la no ar.

— Coronel Von Roenne, nós só estávamos procurando um... hã, anel perdido — Cleo respondeu.

Von Roenne? Dak com certeza conhecia esse nome, só não conseguia se lembrar de onde. Caso não estivesse prestes a ser capturado, torturado e provavelmente assassinado pela SQ ou pelos nazistas, talvez fosse capaz de lembrar tudo a respeito daquele coronel.

— Que anel? — Von Roenne esquadrinhou o recinto com os olhos até encontrar Dak, que fez um gesto implorando para que o coronel não se manifestasse sobre sua presença. Ele sabia que seu medo devia ser mais do que visível, mas não se incomodou com isso. No fim, o desespero falou mais alto.

Von Roenne se virou para Cleo.

— Você pode procurar seu anel pela manhã. O *führer* não quer ninguém circulando por aí no meio da noite. Fora!

— Sim, coronel — Anton disse, saindo apressado porta afora junto com Cleo.

Quando os dois se foram, Von Roenne se dirigiu a Dak, impaciente:

— E então? Já pode sair, garoto.

Dak tirou a cabeça de trás do armário e viu que Von Roenne o encarava, de braços cruzados. Era um homem magro, com o cabelo cortado bem rente, revelando as entradas nas laterais, e óculos redondos que lhe conferiam um ar de seriedade e rigidez. Não parecia o tipo de pessoa que sorria com frequência, mas sua voz era mais suave do que Dak esperaria de um oficial nazista graduado. Pelo menos Von Roenne havia mandado embora a dupla da SQ. Dak imaginou que sua chance de sobrevivência nos próximos minutos era de cinquenta por cento.

— Nunca vi você por aqui antes — Von Roenne disse.

Dak não respondeu, em grande parte porque sabia que, se tentasse falar, acabaria soltando guinchos agudos de terror que acordariam o bunker inteiro.

— Pode me dizer por que aqueles dois estavam te procurando? — Von Roenne questionou.
— O que dois nazistas poderiam querer com um menino que trabalha na cozinha?

Tudo bem, talvez Dak não fosse gritar, mas pelo jeito sua boca havia desaprendido a articular palavras. Ele se limitou a dar de ombros e torcer para que seu fim fosse rápido e indolor.

— Acho que você pregou alguma peça neles e acabou sendo descoberto — Von Roenne sugeriu. — Foi isso?

Bem, sim, caso se infiltrar no lugar mais perigoso de toda a Alemanha pudesse ser considerado uma brincadeira.

Von Roenne abriu um leve sorriso.

— Eu também aprontava quando era mais novo. Mas é melhor não brincar com esse tipo de gente.

— Sim, senhor — Dak murmurou. Ele sabia disso muito bem.

— E lembre-se de que agora me deve um favor, e que vou cobrar. Não se esqueça.

Dak assentiu. Se havia algo de que jamais se esqueceria, era do que Von Roenne tinha acabado de fazer por ele.

— Agora tente não se meter em encrencas, certo? — o coronel recomendou. — Hoje fizeram uma descoberta na Espanha, algo que pode nos dar uma tremenda vantagem sobre os Aliados, e o bunker está em polvorosa. O melhor que você pode fazer é não chamar atenção.

— Sim, senhor.

Von Roenne acenou com a cabeça e saiu da cozinha. Então Dak desabou de novo no chão, exausto e assustado como nunca.

Os alertas de Sera

SERA QUERIA TER LIGADO PARA RIQ NA PRIMEIRA NOITE. Estava louca para saber se estava tudo bem com ele e se Dak havia chegado em segurança à Alemanha. Porém, teve a nítida e assustadora sensação de que estava sendo observada, muito provavelmente pelo sinistro Clauss. Não valia a pena se arriscar por causa de um telefonema.

Mas ela fizera uma descoberta que a deixou ainda mais ansiosa para falar com Riq. Uma de suas primeiras viagens no tempo fora para a caravela de Cristóvão Colombo, a caminho do Novo Mundo. Huelva, a cidade espanhola onde Sera estava, parecia familiar desde o início, mas só depois de passear pelo movimentado porto ela entendeu por quê. Em quatrocentos e cinquenta anos muita coisa havia mudado, mas a paisagem era quase a mesma. Ela estava a menos de quinze quilômetros do lugar em que, junto com Dak e Riq, subira a bordo da embarcação de Colombo. Para uma cidadezinha litorânea daquele tamanho, era um lugar com uma importância histórica notável. Dak iria pirar quando soubesse. Mas não seria naquela noite, não enquanto ela não se certificasse de que poderia telefonar em segurança.

Enquanto isso, precisava continuar suas atividades de espionagem, o que significava mentir descaradamente, algo com que Sera não se sentia nem um pouco à vontade. Uma coisa era mentir para Clauss, mas aquele médico do necrotério parecia ser um bom sujeito, e Sera não gostou de ser obrigada a enganá-lo. Disse a ele que tinha ido até aquela cidadezinha empobrecida em virtude de seu amor pela ciência, algo que sua família não entendia. O médico permitiu que ela passasse a noite em um quatinho em cima de sua garagem, mas avisou que a colocaria no primeiro ônibus de volta para casa.

— O lugar de uma menina é junto com a família — ele falou.

Sera sentiu um nó na garganta ao ouvir isso. Até então, evitara refletir sobre o fato de seus pais pertencerem à SQ. Mas, naquele momento, se sentiu arrasada. Não conseguia compreender por que eles tinham se juntado àquele grupo tão maligno. E seu coração precisava de uma explicação que aplacasse a angústia. Apesar de tudo, queria vê-los de novo.

Ela passou o restante do dia tentando encontrar Clauss, sem sucesso. No dia seguinte houve um funeral para o major Martin, ao qual compareceram o oficial britânico que estava na autópsia, alguns militares espanhóis desinteressados e meia dúzia de curiosos. Mesmo que não estivesse em sua missão de espionagem, Sera compareceria na cerimônia. Talvez ela fosse a única pessoa ali a saber que o major Martin era, na verdade, um mendigo que morrera meses

antes por tomar veneno de rato. Ele podia não ter dedicado a vida a seu país, mas depois de morto servira a esse propósito. Era por isso que deveria ser homenageado.

Uma ou duas vezes durante o rito fúnebre, ela vislumbrou o cabelo loiro de Clauss em meio às pessoas que cochichavam, tentando escutar alguma conversa comprometedora. Talvez ele esperasse que o conteúdo da maleta de Martin de alguma forma caísse em seu colo. No entanto, somente depois que todos foram embora ele foi se encontrar com Sera, que estava sentada em um banco perto do cemitério. Só a presença dele fazia com que sentisse um frio na barriga, mas ela conseguiu se controlar.

— Ouvi dizer que o major Martin morreu afogado — ele falou. — O avião em que ele estava deve ter caído.

— Foi o que o médico disse.

— Por que não apareceu mais nenhum corpo boiando na praia? Onde foi esse acidente?

Tente não dizer nada muito óbvio, Sera pensou. Se ela queria dar a impressão de que estava do lado da Alemanha, tinha que parecer esperançosa, mas também desconfiada.

— É uma boa pergunta — ela falou. — Acho melhor esperar mais uma ou duas semanas, pra ver se mais alguém aparece.

— Menina idiota! — Clauss cruzou as pernas e olhou para o outro lado. — Se Martin estava levando alguma informação importante, não posso demorar semanas para descobrir o que era.

Sera tentou esconder seu sorriso. Era exatamente o que ela queria que ele pensasse. Quem era idiota mesmo?

— Martin estava levando uns papéis, certo? Em uma maleta?

Sera assentiu. Ela queria revelar os planos falsos imediatamente, convencê-lo de que Martin era real, de que a Grã-Bretanha tentaria invadir a Grécia, e não a Sicília, e que era melhor Hitler se render o quanto antes. Mas a verdade era que ela não havia lido aqueles papéis. Por ora, era mais importante fazer Clauss acreditar *nela*. E, para isso, seria preciso dizer a verdade.

— Ele estava com uns papéis, mas não consegui ler nada. Tinha uns envelopes dentro da maleta também, e estavam lacrados. — Então, em uma tentativa de apimentar a história, acrescentou: — O militar britânico que estava lá não gostou nem um pouco de ver esses papéis caírem nas mãos dos espanhóis.

Clauss abriu um sorriso.

— É porque muita gente no governo espanhol apoia a Alemanha em segredo. Mas eles não podem simplesmente nos entregar os papéis. Nosso trabalho precisa ser mais... sutil. — Ele se levantou e tirou uma única moeda do bolso. — Pelo inconveniente.

— Só uma moeda? — Sera questionou. — Não vou conseguir comprar nada com isso.

— Então me traga mais informações — rebateu Clauss.

Sera acenou com a cabeça, e ele se afastou. Só depois disso o coração dela voltou a bater no ritmo normal. Será que ela já tinha feito o suficiente? Aquelos papéis chegariam às mãos dos alemães sem que ela precisasse fazer mais nada?

Sera estava tão perdida em seus pensamentos que só percebeu a aproximação do médico-legista quando ele sentou ao lado dela, onde Clauss estava pouco antes.

— Sera, por que você estava conversando com aquele homem? — ele perguntou.

— Com Clauss? — Sera tentou manter a calma, mas sua pulsação estava acelerada de novo. — Ele quer saber mais sobre o major Martin, perguntou o que tinha acontecido com a maleta. Eu... — Ela decidiu arriscar. — Eu disse a ele que também estava curiosa. Você sabe o que aquele soldado vai fazer com ela?

O médico franziu a testa.

— Ele vai manter tudo trancado a sete chaves enquanto espera as ordens de seus superiores. Isso não me diz respeito e, se você for esperta, também não vai se meter nessa história.

— Mas...

O médico a segurou pelos ombros e a sacudiu de leve.

— Neste momento, os papéis do major Martin estão no centro de uma disputa que envolve os protagonistas de uma guerra mundial. Se você começar a bisbilhotar, pode acabar entrando no caminho de gente muito perigosa. — Ele a soltou, tirou dinheiro do bolso e pôs nas mãos dela. — Clauss não engana ninguém. Ele é um espião de Berlim, tenho quase certeza. Sei que você precisa de dinheiro, mas não vale a pena vender sua alma ao diabo. Fique com isto. Use para sair da cidade, voltar para sua família o mais rápido possível. Os espiões nazistas vão ficar sabendo que você viu esses papéis. Eu não deveria ter deixado você entrar. Eu mesmo preferiria não ter feito aquele exame!

Sera guardou o dinheiro no bolso e agradeceu, comprometendo-se a pensar a respeito do que ele falou. Em seguida, voltou para a cidade. O tom de preocupação na voz do médico a incomodava mais do que ela estava disposta a admitir. Sera sabia que aquilo era perigoso, claro, assim como tudo o que vinha fazendo desde que começara a viajar no tempo. Qual era a diferença, então?

Ela sabia a resposta. Nas outras missões, teve a companhia de Riq ou de Dak, ou dos dois juntos. Daquela vez, estavam todos separados, e ela nem sabia se seus amigos estavam bem.

Se concentra, Sera pensou. *Se concentra no trabalho que você precisa fazer*. Naquele momento, não havia nada mais importante que isso.

Ela saiu mais uma vez em busca de alguma informação que pudesse ser útil a Clauss. Esperava ouvir alguma fofoca ou boato sobre o destino dos papéis de Martin, mas, se alguém sabia de algo, não quis compartilhar com ela. A espionagem era uma atividade bem estranha: fingir querer uma coisa quando na realidade se quer outra. Era bastante exaustivo, na verdade.

Na noite seguinte, Sera resolveu se arriscar e ligar para Riq. Fazia cinco dias que estava na Espanha e ainda não tinha criado coragem para isso. Mas não podia continuar sem notícias.

Encontrou um telefone público perto de uma barraca de frutas e discou o número que Riq havia passado. Ela deixou tocar uma vez e desligou. Em seguida, pôs a moeda de novo no aparelho e discou. Riq atendeu no primeiro toque.

— Alô?

Sera ficou tão feliz em ouvir uma voz familiar que soltou uma avalanche de informações. Ela contou sobre a autópsia, sobre Clauss, e até sobre a caravela de Colombo. Por fim, respirou fundo e ouviu como resposta um pedido para que parasse de falar.

— Por quê? — ela perguntou. — Algum problema? Está tudo bem com Dak? E com você?

Reparando bem, dava para perceber a tensão no tom de voz de Riq.

— Você ainda está com o Anel do Infinito? — ele perguntou.

— Sim, claro. Por quê?

— Você precisa ir embora da Espanha. Fugir pra algum lugar. Sumir...

Suas palavras se transformaram em um grunhido, e do outro lado da linha fez-se silêncio.

— Riq! — Sera gritou. — Riq!

Outra pessoa tomou o aparelho da mão de Riq. Sera ouviu o som da respiração de alguém antes de escutar uma voz sussurrada dizer seu nome, do jeito que uma serpente o pronunciaria se pudesse falar.

— Sera, você sabe quem está falando?

— Tilda.

As mãos da menina começaram a tremer tanto que ela quase derrubou o telefone.

— Se você for embora da Espanha com o Anel do Infinito, sabe o que vai acontecer com Riq?

— Não faça nada com ele!

— Amanhã mesmo, Riq e eu estaremos em Madri. Se quiser ver seu amigo de novo, me encontre no Parque do Retiro ao meio-dia com o Anel do Infinito. No monumento em frente ao lago. Esteja lá ou nunca mais verá Riq.

Quando Sera ia responder, a ligação foi interrompida. Ela pôs o fone no gancho e apertou com força a bolsa em que estava o Anel. E agora, o que ela ia fazer?

Não houve tempo para pensar em uma resposta. Segundos depois de sair da cabine telefônica, Clauss apareceu e apertou seu braço com tanta força que a fez se contorcer. Ele enfiou a mão no bolso dela e tirou de lá o dinheiro dado pelo médico.

— Quem te deu isso?

— O médico do necrotério.

— E com quem você estava falando agora?

Sera tentou se soltar, mas não conseguiu.

— Com um amigo meu que está vindo para Madri. Preciso me encontrar com ele. Me solta!

— Madri? — Clauss a largou, mas continuou bem perto. — Você não tem dinheiro para chegar até lá.

Não mesmo. E Sera não podia usar o Anel do Infinito outra vez em tão pouco tempo. Era preciso encontrar outra saída.

— Estou tentando conseguir mais informações — ela falou. — Você podia me pagar adiantado, e depois...

— Eu tenho uma ideia melhor. — Clauss sacou um envelope do paletó e ofereceu a ela. — Se entregar esta carta, eu te ajudo a chegar a Madri.

— Entregar pra quem?

Sera já tinha problemas suficientes para resolver, assim como Riq. O Homem Que Nunca Existiu podia esperar até que ela arrumasse um jeito de se livrar de Tilda.

Clauss suspirou.

— Eu tentei de tudo para pôr as mãos nos papéis do major Martin, mas os militares

espanhóis estão protegendo tudo muito bem. Por isso, tenho certeza de que essa maleta deve ter informações muito importantes.

Importantíssimas, pensou Sera. Tão importantes que a estavam enlouquecendo. A Espanha deveria entregar aqueles papéis para os nazistas, e não guardá-los a sete chaves.

— A maleta vai ser mandada pra Madri hoje mesmo — continuou Clauss. — É uma vergonha para mim perdê-la de vista, e o *führer* vai ficar muito decepcionado com meu fracasso. Esta carta é para um amigo meu em Madri. Ela explica por que não consegui pegar a maleta, e espero que ele possa transmitir essa mensagem ao *führer*.

— E por que não mandar pelo correio ou entregar pessoalmente?

— Cartas como esta não podem ser mandadas pelo correio. E esta cidade é o meu posto, não posso sair daqui.

Sera cruzou os braços e o encarou.

— Você vai pagar minha viagem para Madri porque confia que vou entregar a carta?

Clauss sacudiu a cabeça.

— Não confio em ninguém. Mas sei que, se acontecer algum problema no caminho, os Aliados não vão pensar em revistar uma garotinha. E, se você não entregar a carta ou abri-la, vai ter que se explicar para o meu amigo em Madri, e pode acreditar que ele é muito mais impaciente e bem menos gentil do que eu.

Sera pegou a carta e viu que não havia nada escrito no envelope.

— Para quem é?

— Para o major Karl-Erich Kuhlenthal. Ele é um dos homens de confiança do *führer* na Espanha, ou pelo menos costumava ser. Se não conseguir pôr as mãos nos papéis de Martin, a carreira dele está acabada.

— Qual é a opinião dele sobre esse caso do major Martin?

Clauss deu de ombros.

— Se Kuhlenthal conseguir os papéis e eles forem legítimos, isso pode salvar a carreira dele. Então, para o bem dele, espero que a história toda seja verdadeira.

Sera guardou a carta na mesma bolsa em que levava o Anel do Infinito. Clauss comprou uma mala para que a menina se camuflasse melhor entre os viajantes, e em seguida a colocou no trem para Madri.

— O major Kuhlenthal vai encontrar você na estação, mas, se ele não aparecer, pode procurá-lo na embaixada alemã. Entregue a carta e suma da frente dele, se tiver amor à vida.

Sera assentiu e repassou mentalmente aquelas palavras quando o trem deixou a estação. Ela entregaria a carta a Kuhlenthal e, embora tivesse muito amor à vida, sabia que para sua missão dar certo a última coisa que podia fazer era sumir da frente dele.

Nas garras de Tilda

SERA CHEGOU A MADRI NO INÍCIO DA MANHÃ SEGUINTE. O ar estava gelado, mas o céu, bem azul. Ela torcia para que o tempo esquentasse em breve, caso contrário viraria um sorvete de caSQuinha.

A carta para o major Kuhlenthal estava em sua mão, onde havia ficado durante a maior parte da viagem para ter certeza de que não a perderia. Viajou em um vagão terrivelmente desconfortável, lotado de gente falando tantas línguas diferentes que seu dispositivo de tradução quase enlouqueceu. Em determinado momento, ela foi parar em uma pequena cozinha, e quase se queimou com um bule de café quente. Por um momento, pensou em usar o vapor para abrir o envelope e descobrir o que dizia a carta. Mas Dak havia lhe contado uma vez o truque dos espíões para descobrir se o lacre de um envelope fora violado: deixavam nele uma marca sutil, como um cílio ou um fio de cabelo. Ela não tinha como saber se Clauss fizera isso naquela carta, e se perguntou se os britânicos também tinham se preocupado com esse tipo de detalhe nos papéis do major Martin.

Clauss não especificou o local exato onde ela deveria se encontrar com Kuhlenthal, apenas informou que ele estaria na estação. Essa dúvida, porém, se resolveu assim que Sera desceu do trem.

O homem alto que a esperava de pé na plataforma lembrava uma ave de rapina. Seus olhos azuis atentos pousaram sobre Sera no instante em que ela desceu do trem, e o peso desse olhar fez os pés dela cambalearem enquanto caminhava. Ele a encarou como se examinasse uma fatia de pão embolorado.

— Você é a menininha enviada por Clauss? — ele perguntou.

Sera tentou não demonstrar sua irritação.

— Sim.

— O que as pessoas diriam dos nazistas se soubessem que precisamos pedir ajuda a uma garotinha?

Sera tinha muito a dizer sobre os nazistas, mas se limitou a endireitar o corpo e esclarecer:

— Eu acompanhei a autópsia e vi os papéis dentro da maleta. Ninguém desconfiaria de uma pessoa como eu.

— Espero que ele não tenha pagado muito caro por essas informações inúteis — comentou Kuhlenthal. — Esses papéis nem devem ser verdadeiros. Estamos bem desconfiados.

— Que bom que estão. Porque pelo jeito o capitão Clauss acha que são verdadeiros. É melhor você deixar ele mesmo escrever ao *führer*. Se estiver errado, vai levar toda a culpa.

— E, se estiver certo, vai ficar com todo o crédito! — Kuhlenthal sacudiu a cabeça. — Não. Se o *führer* recompensar alguém por isso, que seja eu.

Sera olhou para o relógio da estação. Não sabia quanto tempo levaria para chegar ao Parque do Retiro, mas não via motivo para ficar ali sendo insultada.

— Bom, tenho que ir. Se você não precisa mais da minha ajuda...

— Não preciso — disse Kuhlenthal. — A não ser que você saiba ler em inglês. Eu até conheço o idioma, mas, quando pegar os papéis, talvez precise de uma segunda leitura.

Sera sorriu.

— Leio em inglês como se fosse a minha primeira língua. — Ela voltou a olhar para o relógio. — Tenho mesmo que ir, mas vou tentar ficar sempre perto da embaixada. Se precisar de mim, sabe onde me encontrar.

Kuhlenthal a dispensou, mas Sera sentiu os olhos dele sobre si enquanto corria para longe. Com um pouco de sorte, conseguiria escapar daquele olhar atento pelo menos durante o tempo necessário para resolver algumas coisas na estação e depois fazer a troca com Tilda.

Como muita gente desembarcou em Madri, Sera demorou um bom tempo para conseguir um táxi que a levasse até o parque, e gastou todo o dinheiro que o médico lhe dera. Agora estava ficando com fome, e a comida que via nos armazéns por onde passava só aumentava seu apetite, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito.

Quando chegou ao Parque do Retiro, Sera reservou um tempinho para conhecer o local e se preparar para o encontro com Tilda. Em seguida encontrou um esconderijo perto do lago, de onde podia ver todo mundo que se aproximava. Enquanto esperava, foi difícil não ficar impressionada com a beleza do parque. Uma série de colunas em estilo romano ladeava o espaço aberto diante do imenso monumento de mármore, composto de diversas estátuas. A mais alta era de bronze, uma homenagem a um antigo rei espanhol montado em seu cavalo.

Ao meio-dia em ponto, Tilda passou diante do esconderijo de Sera, caminhando a passos largos em direção às colunas de mármore, e ficou à espera, impaciente, diante do monumento. Sera observou por um momento, verificando se Tilda estava sozinha e se havia gente suficiente ao redor para que ela pudesse gritar por socorro caso fosse necessário. Mas onde estava Riq? Tilda pretendia pegar o Anel sem libertar Riq, quebrando o acordo?

Claro que sim. Tilda estava no controle da situação. Para salvar Riq, Sera teria de fazer tudo o que ela mandasse.

Sera saiu de seu esconderijo segurando a mala que Clauss havia lhe dado com as duas mãos. Quando passou pelas colunas de mármore, Tilda a viu.

A mulher não sorriu; na verdade, não moveu um músculo sequer. Sua expressão permanecia impassível como a da estátua atrás dela.

— Não adianta nada você levar o Anel do Infinito — disse Sera. — Eu sou a única pessoa que pode operar o dispositivo, porque ele funciona com base no meu DNA.

— Isso é problema meu.

Tilda estendeu a mão para pegar a mala, mas Sera a trouxe para junto do peito e a abraçou.

Nesse momento, a mulher arrancou um punhado de cabelo de Sera com a mão ossuda.

— Problema resolvido.

Sera cerrou os dentes. Deveria estar preparada para esse tipo de truque.

— Só vou te dar o Anel quando Riq estiver aqui!

— Não é você quem vai ditar as regras! — Tilda olhou ao redor ao perceber que a conversa das duas estava começando a chamar a atenção das pessoas. Baixando o tom, continuou: — Quando me entregar, digo onde está seu amigo.

— Acho que mudei de ideia. — Sera se afastou. — Você só quer o Anel pra poder controlar o tempo, mas não é assim que as coisas funcionam! O tecido da realidade não admite esse tipo de abuso. O máximo que você pode fazer é marcar seu próprio lugar na história.

Tilda arrancou a mala de suas mãos.

— Ah, mas é exatamente isso que eu quero fazer. Pode acreditar.

Sera tentou puxar a mala de volta, mas Tilda a segurava com bastante força.

— Você não vai conseguir fazer o Anel funcionar!

— Então acho melhor você me ajudar. — Tilda segurava a alça da mala com uma mão e o braço de Sera com a outra. A menina tentou se desvencilhar, mas Tilda a agarrou com mais força. Para que o plano de Sera funcionasse, ela *precisava* se livrar daquela megera.

Ela tinha ido até lá para salvar Riq, mas pelo jeito acabaria refém como ele.

A fuga de Riq

RIQ ACORDOU NO ESCURO, com a parte de trás da cabeça doendo como se estivesse sendo martelada. Quando tentou estender a mão para tocar o local dolorido percebeu que estava inteiramente amarrado. Ele devia estar assim havia um bom tempo, pois suas pernas formigavam e doíam abaixo do joelho.

Tentou se livrar das amarras, mas seus braços acabaram raspando em alguma coisa afiada que fez pequenos cortes na pele. Onde ele estava, afinal?

Sacudindo o corpo de um lado para o outro, Riq sentiu um teto de metal próximo de sua cabeça, um assoalho irregular e paredes metálicas. Soltou um grunhido. Aquilo era o porta-malas de um carro. Um SQautomóvel antigo, sem dúvida.

A última coisa de que se lembrava era de estar ao telefone com Sera, tentando alertá-la sobre Tilda. Então alguém deu uma pancada em sua cabeça e ele acordou ali. O carro estava parado, o que podia significar que já havia chegado a seu destino. Provavelmente a Espanha, onde estavam Sera e o Anel do Infinito.

Riq rolou para o outro lado, tentando encontrar uma forma de sair do porta-malas. Não dava para escapar à base de pontapés. Só de tocar a superfície de metal dava para perceber que aquele carro era muito mais forte que os da época do garoto. Talvez sua avó tivesse razão: as coisas antigas eram *mesmo* melhores.

Ele se deitou outra vez, mas acabou ficando bem em cima da ponta afiada de metal. Riq não sabia o que era aquilo, mas era difícil de se desvencilhar, e ele acabaria se cortando em pedaços antes que alguém aparecesse para tirá-lo dali. Tentou mudar de posição, mas as cordas em torno de seus pulsos acabaram enroscadas no metal.

Então Riq revirou os olhos. *Dããã*, ele pensou. Logo em seguida, começou a esfregar a corda contra o metal, afundando a ponta afiada cada vez mais em suas fibras. Demorou mais do que ele gostaria, mas por fim ouviu um estalo e a corda se soltou. Depois de livrar as mãos, ele se curvou para desamarrar as cordas que prendiam os pés.

Uma vez livre, bateu pelo porta-malas tentando abrir o trinco, mas nada funcionou, e não havia nada ali que pudesse ser usado para facilitar a fuga. Sua única opção era esperar que alguém abrisse o compartimento por fora. Talvez se ele atacasse no momento certo...

Ou talvez não. Os dois capangas de Tilda eram grandalhões e, a não ser que estivessem muito sonolentos ou distraídos, conseguiriam detê-lo antes mesmo que Riq pudesse sentar.

Além disso, talvez já fosse tarde demais. O carro estava estacionado fazia um bom tempo. Àquela altura, o Anel devia estar nas mãos de Tilda. Ela estava determinada a consegui-lo: não falou sobre outro assunto desde que o capturou, e fez questão de esperar todas as noites ao lado da cabine pela ligação de Sera. Ela fez perguntas e mais perguntas a respeito do dispositivo até enfim se convencer de que apenas Sera sabia como operá-lo.

Mas então Riq ouviu as portas do carro abrirem e fecharem, além de vozes do lado de fora. Eram os dois homens da SQ. Estavam discutindo, mas não era possível discernir suas palavras. Em seguida, um deles gritou para o outro falar mais baixo, para não irritar Tilda. Riq achou graça. Aqueles dois eram fortes e violentos, mas nem por isso deixavam de temer Tilda.

Quando o porta-malas foi aberto, Riq continuou deitado na mesma posição em que estava ao acordar. As cordas, apesar de soltas, ainda estavam sobre seus pulsos e tornozelos, e ele mantinha os olhos fechados.

— Você bateu nele com tanta força assim? — um dos capangas perguntou.

— Sei lá. Ele ainda está vivo?

O homem que fez a primeira pergunta pôs a mão no pescoço de Riq e sentiu sua pulsação.

— Claro que está. E por que estamos preocupados, aliás? Quando pegarmos o Anel do Infinito, a vida do garoto não vai mais fazer diferença.

Riq não gostou de ouvir aquilo. Para ele sua vida fazia toda a diferença.

— Só quero saber do dinheiro que ela prometeu. Nada mais.

— Que importância tem esse dinheiro? — O homem baixou o tom de voz e começou a sussurrar. — Se estivermos por perto quando Tilda pegar o Anel, podemos roubá-lo dela e vender por todo o dinheiro do mundo.

Soltaram uma risadinha gananciosa, e um deles perguntou:

— Você acha que a menina já está lá no lago?

— Como é que eu vou saber? Mas já faz tempo que Tilda saiu. Precisamos abrir espaço no porta-malas. Quando ela pegar o Anel, vai trazer a menina também, e vamos levar os dois para uma longa viagem. Talvez até Tilda vá junto.

— Uma viagem só de ida — comentou o outro, dando risada. Ele se curvou sobre o porta-malas a fim de empurrar Riq mais para o fundo. O garoto aproveitou esse momento para desferir um chute que jogou o capanga para trás. Os treinos de futebol pelo jeito não serviram só para marcar uns gols. Eles também fortaleceram muito a musculatura de suas pernas.

O homem foi ao chão, derrubando seu companheiro durante a queda. Riq saltou do porta-malas e fugiu correndo. Os dois capangas se levantaram e o seguiram.

O carro estava parado em uma ruazinha estreita, ao lado de um grande parque — devia ser lá o local do encontro entre Sera e Tilda que, segundo os capangas da SQ, talvez ainda nem tivesse acontecido.

Mas não poderia ser em qualquer ponto na beira do lago. Devia haver algum ponto de encontro específico, um lugar de fácil acesso para ambas. Era isso que ele precisava procurar.

Ele correu pela ruazinha com os homens da SQ logo atrás. Mais uma vez, os treinos de futebol mostraram seus benefícios. Riq era bem veloz, e tinha certeza de que os dois

brutamontes se cansariam antes dele. O parque estava bem cheio, e ele fez o que pôde para não acabar empacado no meio da multidão. Contornou uma pequena fonte, parou e olhou para trás. Um dos capangas disparou em sua direção e acabou caindo na água.

Mais adiante havia um grupo de crianças, provavelmente uma excursão escolar. Riq se desvencilhou delas com facilidade e correu em direção a uma encruzilhada, entrando em um caminho ladeado por arbustos. Ele se encolheu em meio a duas moitas e espiou por uma pequena fresta entre as folhas.

Os homens deram de cara com o grupo de crianças, o que os atrasou bastante. Quando chegaram à encruzilhada, olharam ao redor e resolveram seguir pelo caminho principal. Riq suspirou aliviado. Ele estava a salvo, pelo menos por ora.

Mas não podia continuar escondido por muito tempo. Era preciso encontrar Sera o quanto antes.

Riq saiu de seu esconderijo e viu um casal passando ali perto. Ele cutucou o ombro do homem e perguntou em espanhol se havia algum ponto de encontro perto do lago. O homem revirou os olhos como se Riq estivesse fazendo a pergunta mais óbvia do mundo. Apesar da má vontade, instruiu Riq a procurar pelo grande monumento e apontou a direção. O viajante do tempo saiu em disparada naquela direção, agradecendo enquanto corria.

Ele não demorou a encontrar o lago, mas ainda estava bem distante da outra margem, onde havia uma estátua de bronze de um homem a cavalo cercada por colunas brancas. Havia uma escadaria diante do monumento e lá estava Tilda, de pé com sua postura impecável, à espera de Sera.

Riq olhou ao redor outra vez. Os dois capangas estavam em algum lugar do parque e sabiam que ele ia para o lago. Mas onde exatamente poderiam estar?

Em seguida, ele viu outra figura aparecer perto do monumento: Sera. Ela segurava uma pequena mala. O Anel do Infinito devia estar guardado lá dentro. Sera a apertou junto ao peito, deixando claro que não estava disposta a largá-la, e continuou a conversar com Tilda.

Riq começou a correr o mais depressa que podia, sem se preocupar se seria visto pelos dois homens. Sera não podia entregar o Anel, muito menos ir a algum outro lugar com Tilda.

Ele gritou o nome de Sera, mas uma brisa leve soprava contra seu rosto, carregando suas palavras na direção oposta. Agitou os braços na esperança de que ela o visse, desesperado para tirá-la dali.

Em vez disso, só conseguiu atrair a atenção de Tilda. Ela apertou os lábios pintados e puxou a mala de Sera pela alça. A menina deu um passo para trás, mas Tilda a agarrou pelo braço e começou a arrastá-la dali.

Riq continuou correndo, e viu os homens da SQ aparecerem entre as colunas e partirem em sua direção. Como estavam do outro lado do lago, ele tinha uma escolha a fazer: fugir para se salvar ou seguir Tilda e correr o risco de ser capturado outra vez.

Ele estava em apuros, mas Riq não pensou duas vezes no que fazer.



— Sera, não!

Reconhecendo a voz de Riq, Sera olhou para trás e o viu correndo em sua direção. Tilda soltou um grunhido, largou o braço de Sera e saiu correndo com a mala, segurando-a com força junto ao corpo. Riq queria ir atrás dela, mas os dois grandalhões da SQ estavam se aproximando. Enquanto Tilda disparava para um lado com a mala, Sera puxou Riq para o lado oposto.

— Você fugiu? — Sera perguntou a Riq enquanto corriam. Ela se sentiu aliviadíssima por isso.

— Desses dois caras que estão vindo atrás de nós — respondeu Riq.

Ela olhou para trás, mas não viu ninguém. Os capangas haviam desaparecido junto com Tilda.

— Acho que eles foram embora.

Riq diminuiu o passo e em seguida parou, olhando ao redor com cautela. Quando se convenceu de que estavam a salvo, se virou para Sera com um olhar furioso. Ela esperava uma reação de gratidão, não de raiva.

— Você não podia ter vindo pra cá — ele disse.

— Pra salvar a sua vida? Pois é, foi mal.

— Você salvou minha vida, mas a que preço? — Riq respirou fundo. — Agora Tilda tem o poder de destruir o mundo.

— Ela teria te matado se eu não viesse.

— Sou um Guardiã da História, Sera. Proteger o mundo da SQ é muito mais importante que salvar uma vida. Principalmente a minha.

Sera piscou várias vezes, mas não caiu nenhuma lágrima quando ela o encarou.

— Dak e eu não podemos fazer isso sozinhos. Sem você, a gente não consegue proteger o mundo nem de um vento mais forte.

Essas palavras aplacaram um pouco a raiva de Riq, que desviou os olhos por um instante antes de responder:

— Obrigado por me salvar, de verdade. Mas imagina só o estrago que Tilda pode fazer agora. Com o Anel, ela pode destruir tudo o que já fizemos. Ou pior: viajar para outras épocas e causar novas Fraturas.

Sera abriu um sorriso.

— Eu aprendi alguns truques desde que virei espiã, sabia? O Anel do Infinito está guardado em segurança no armário 43 da estação de trem.

Riq sorriu também.

— O que tem na mala, então?

— Pedras — Sera informou, com uma risadinha. — Tilda está prestes a descobrir que trocou você por um punhado de pedras inúteis.

As folhas de um arbusto farfalharam ao vento, um lembrete de que ainda estavam desprotegidos a céu aberto. Tilda e seus capangas estavam em algum lugar ali perto. Eles precisavam ir embora.

Além disso, ainda havia uma guerra a ser vencida.

Cavalo de Troia

DAK PASSARA A MAIOR PARTE DOS ÚLTIMOS DIAS de cabeça baixa e, sempre que possível, longe das vistas. Ele fazia o que lhe pediam na cozinha e dormia em uma despensa, escondido atrás de latões de açúcar e farinha. Não era nada confortável, mas era isso ou ser capturado pela SQ. Das duas opções, ele sabia muito bem qual era a pior.

Isso tudo mudou naquela tarde, quando um oficial do andar de cima pediu uma xícara de chá. Estava todo mundo ocupado preparando o jantar, e a mulher que contratara Dak acabou lhe dando a tarefa.

— Ei, menino, leve o chá pra ele.

Dak teve vontade de dizer não, pois sabia que em algum lugar fora daquela cozinha havia duas pessoas com ordens de Tilda para encerrar sua vida precocemente. Por outro lado, ele também sabia que não estava ali para se esconder. Sua tarefa era garantir que o alto comando militar alemão acreditasse nos papéis encontrados com o major Martin. Aquela era uma boa oportunidade de se aproximar do centro das ações.

Ele juntou tudo o que era preciso para servir o chá e perguntou:

— Pra quem é?

Não me diga que é para Hitler, pensou. Se fosse, Dak sentiria uma enorme tentação de ignorar a missão e jogar o chá quente em cima do ditador. Com ou sem Carne Picada.

Mas não era para ele.

— Para o coronel Von Roenne — foi a resposta. — Ele está em seu escritório, no andar de cima.

Dak revirou os olhos e foi para o corredor. Von Roenne o havia protegido de Anton e Cleo, o que era um bom sinal. Mas Dak ainda não se lembrava de por que seu nome era familiar. Ele lamentou por não ter apanhado pelo menos um ou dois livros de história ao passar pelo século XXI.

No andar de cima, Dak passou por várias portas fechadas, e imaginou quem poderia estar lá dentro. Viu algumas portas abertas também. Dentro de uma das salas, oficiais nazistas discutiam em altos brados.

— Martin não passa de um cavalo de Troia! — um deles gritou. — Os britânicos estão apelando para os mesmos truques que os romanos usaram!

— Gregos! — Dak disse, sem pensar.

Os homens pararam de falar e o encararam. Dak fechou a boca e saiu da vista.

Tudo bem, talvez fosse melhor ter ficado calado, mas se era para falarem do cavalo de Troia, que pelo menos citassem os fatos corretamente. Mais de três mil anos antes de Cristo, os gregos tentaram invadir a cidade de Troia, mas depois de uma década de luta ainda não tinham conseguido passar de suas muralhas. Decidiram então fabricar um enorme cavalo de madeira, que deixaram do lado de fora da cidade, e ir embora. Os troianos arrastaram o cavalo para dentro de seus portões como um espólio de guerra. O que eles não sabiam era que havia soldados gregos escondidos dentro do cavalo. Enquanto todos dormiam, os soldados saíram na surdina e abriram os portões. O restante do exército grego invadiu Troia, que sucumbiu logo em seguida.

Não havia um consenso quanto à veracidade da história, mas Dak acreditava que tinha acontecido. E concordou que a comparação desse evento com a operação Carne Picada era bastante pertinente. Os britânicos entregaram aos alemães algo que poderia ser encarado como um espólio de guerra — o corpo de um oficial que carregava informações confidenciais. No entanto, aqueles papéis poderiam ser tão destrutivos para os alemães como os soldados gregos foram para Troia. O Homem Que Nunca Existiu era um cavalo de Troia moderno.

— Se os britânicos querem nos enganar, existem maneiras muito mais fáceis de fazer isso — argumentou outro homem.

— O major Kuhlenthal falou que logo deve conseguir os papéis de Martin — disse um terceiro sujeito. — Vamos ver que informações eles trazem e depois decidimos.

— Kuhlenthal está desesperado para agradar o *führer* — insistiu o primeiro. — Ele acredita que os papéis são verdadeiros porque isso seria de seu interesse. Precisamos de uma avaliação mais isenta.

— O coronel Von Roenne vai analisar as informações — disse o terceiro homem. — Ele é uma das pessoas em que Hitler mais confia.

Ao ouvir o nome do coronel, Dak lembrou que precisava servir o chá antes que esfriasse. Ele se afastou dos homens que discutiam e seguiu pelo corredor até o escritório de Von Roenne.

Bateu na porta e ouviu a ordem para que entrasse. Dak equilibrou com cuidado a bandeja em uma das mãos enquanto virava a maçaneta com a outra. Apesar da cautela, quase derrubou tudo ao entrar. De cada lado da mesa de Von Roenne, estavam Anton e Cleo, encarando-o.

Dak ficou paralisado, sem saber o que fazer. Já não dava mais para fingir que não sabia quem eram aqueles dois. Ele deveria largar a bandeja e correr dali? Contar a Von Roenne sobre a ligação deles com a SQ? Talvez o coronel já soubesse disso. Talvez fosse por isso que chamaram Dak ali.

Anton e Cleo abriram um sorrisinho malicioso quando o reconheceram, mas Von Roenne pareceu não reparar. Ele fez um sinal para que Dak levasse a bandeja até lá, e em seguida se desculpou por não ter o que oferecer aos outros dois.

— Querem que eu peça para o menino trazer mais chá? — ele perguntou, educado.

— Não — Anton respondeu, olhando para Dak. — Nós vamos conseguir o que queremos dele mais tarde. Pode ter certeza. — O homem escancarou ainda mais o sorriso, uma visão

nem um pouco agradável.

Von Roenne puxou a bandeja para mais perto de si, e vários papéis caíram no chão aos pés de Dak.

— Recolhe pra mim, garoto? — ele pediu.

Dak se ajoelhou para pegar os papéis caídos. Um deles, no alto da pilha, era impresso com tinta roxa em uma folha cor de creme cortada pela metade. Era um telegrama — uma espécie de SMS da década de 1940. Nele estava escrito:

Cel. Von Roenne: teremos papéis em breve.

Forneceremos avaliação, esperamos que concorde.

Maj. Kuhlenthal

Dak concluiu que aquela era a mensagem que provocara a acalorada discussão na outra sala. Ele já tinha ouvido o nome de Kuhlenthal antes e sabia a importância que o sujeito ganhara durante a guerra. Aquele telegrama com certeza dizia respeito aos papéis do major Martin.

Dak terminou de arrumar os papéis, ficou de pé e os pôs sobre a mesa. Von Roenne percebeu que o telegrama era o primeiro da pilha, e olhou para Dak como se questionasse se ele o havia lido. No entanto, o coronel não perguntou nada, e Dak não estava disposto a falar. Ele se limitou a dar um passo para trás e dizer:

— Já posso ir?

— Pode, sim — respondeu Von Roenne.

— Acho melhor nós irmos também — Cleo disse, de olho em Dak.

— Ainda não — Von Roenne falou. — Preciso fazer algumas perguntas primeiro.

— Tudo bem. — Ela pareceu se irritar, mas obedeceu à ordem de Von Roenne. Antes que Dak saísse, se virou para ele e disse: — Vou querer um chá depois que terminarmos aqui. Sei onde te encontrar.

Dak saiu do escritório, mas não voltou para a cozinha. E talvez nunca voltasse. Tudo dentro dele lhe dizia para sumir daquele bunker para sempre e fugir para se salvar. Mas ele era um espião, e precisava cumprir sua missão.

Se o major Kuhlenthal conseguiria os papéis e caberia a Von Roenne determinar sua legitimidade, Dak precisava ficar perto do coronel. Ele encontrou um pequeno armário não muito distante do escritório de Von Roenne, se escondeu lá dentro e fechou a porta. Quando Kuhlenthal enviasse os papéis, os nazistas começariam a discutir outra vez. Esse seria o sinal de que era hora de sair do esconderijo e convencer um dos homens de confiança de Hitler a permitir que seu país perdesse a guerra.

O pedido de Kuhlenthal

SERA E RIQ PASSARAM O RESTANTE DA TARDE na embaixada alemã, onde descobriram um fato interessante: Madri adorava uma fofoca. O pessoal ali as devorava com a avidez de um coelho comendo uma cenoura. Todo mundo tinha alguma coisa a contar em troca de uma história ainda mais cabeluda. Os dois viram pessoas entrando e saindo o tempo todo, cochichando nos ouvidos umas das outras. E ninguém parecia reparar na presença de uma menina e um menino jogando cinco marias. Podia até parecer que Sera e Riq estavam brincando, mas seus ouvidos estavam atentos a cada palavra pronunciada ao seu redor.

— Não existe espião mais dedicado que Kuhlenthal — comentou um militar espanhol com um colega, aos risos. — Ele pensa que nós não sabemos? Ele tem sorte que muitos de nós apoiam os nazistas, ou não estaria mais por aqui.

— Ouvi dizer que ele tem sangue judeu, por parte do avô materno — respondeu o outro. — Dá pra acreditar, um judeu nazista? Imagine se Hitler ficar sabendo...

Minutos depois, passaram dois homens com uniformes nazistas.

— Pessoalmente, duvido que esses papéis sejam verdadeiros — falou um deles. — Mas isso quem vai decidir é Kuhlenthal.

— É melhor ele torcer para que sejam verdadeiros mesmo — disse o outro. — Ele já caiu em armadilhas dos Aliados antes. Mas, se esses papéis forem verdadeiros e Kuhlenthal os conseguir, vai se tornar o espião favorito do *führer*.

Sera olhou para Riq e franziu a testa. Aquela história de espionagem estava começando a fundir sua cabeça.

Os britânicos precisavam fazer todos acreditarem que estavam desesperados para recuperar os papéis do major Martin, mas na realidade não podiam pegá-los de volta antes que os alemães os vissem.

Os papéis deveriam parecer uma mensagem codificada, como precaução para o caso de caírem nas mãos dos inimigos. Ainda assim, o código deveria ser facilmente decifrável pelos alemães, mas não a ponto de fazê-los pensar que se tratava de um truque.

Se ela e Riq quisessem mesmo ser úteis, precisariam convencer Kuhlenthal a confiar neles. Mas, caso forçassem demais a barra, ele poderia desconfiar. O que fazer então para conquistar sua confiança?

Depois de várias horas de espera, eles já tinham quase desistido de encontrar Kuhlenthal

naquele dia. Talvez ele só aparecesse no dia seguinte. Ou talvez nunca mais. Sera já estava levantando para ir embora quando ouviu passos e se virou.

Kuhlenthal estava logo atrás dela, mas seus olhos azuis estavam cravados em Riq.

— Quem é esse aí?

— Nós dois falamos inglês — informou Sera. — Mas meu amigo aqui também sabe falar outros dez idiomas com fluência.

— Vinte — Riq corrigiu, e deu de ombros quando Sera o encarou. — Sempre aproveito para estudar no meu tempo livre.

Kuhlenthal franziu a testa.

— Há outros membros do partido que sabem inglês, é claro. Mas, se lerem as cartas, vão dizer a Hitler que foram *eles* que resolveram o mistério, não eu. Não posso permitir que alguém veja isso enquanto não concluir meu relatório.

Sera assentiu. Seu coração estava disparado, mas ela não sabia se era de empolgação ou medo. Talvez os dois.

— Pode confiar em nós — garantiu Riq. — Além disso, se tentássemos falar com Hitler, ele jamais daria ouvidos.

Kuhlenthal pareceu concordar com a ideia. Ele se aproximou e falou:

— Por causa da água, a tinta borrou em alguns trechos, e não consigo entender certas palavras. E preciso mandar um relatório para a Alemanha imediatamente. Vocês me ajudariam a ler?

Os viajantes do tempo seguiram Kuhlenthal pelo prédio da embaixada alemã. Eles desceram uma escada que terminava em um corredor estreito e mal iluminado e, enquanto caminhavam, ele explicou que os colaboradores espanhóis nazistas haviam conseguido tirar as cartas dos envelopes sem romper os lacres. Os papéis foram postos para secar e depois entregues a Kuhlenthal — por apenas uma hora. Só houve tempo para fotografá-los antes de devolvê-los, e as fotos tinham acabado de ser reveladas.

— O que vai acontecer com as cartas agora? — perguntou Sera.

— Os espanhóis vão molhá-las de novo com água do mar e pôr de volta nos envelopes. Eles vão trancar a maleta e devolver aos britânicos como se nunca tivessem mexido. — Ele deu uma risadinha. — Às vezes acho que os Aliados não são muito espertos. Eles subestimam o poder dos nazistas. Vão continuar com seus planos de batalha sem desconfiar que conhecemos seus segredos.

Sera arriscou uma olhada para Riq, que ergueu as sobrancelhas em resposta. Era um jogo de gato e rato perigosíssimo. Tanto os alemães como os britânicos acreditavam estar enganando o inimigo. Na batalha seguinte, um dos lados descobriria que estava com a razão, enquanto o outro sofreria uma derrota que custaria milhares de vidas.

Kuhlenthal pôs a mão na maçaneta, mas antes de abrir a porta se virou para Sera e Riq:

— Eu sou a única pessoa que sabe que vocês estão aqui — ele informou. — Então, se tentarem alguma gracinha, não vai ter ninguém para salvá-los.

Sera engoliu em seco e assentiu. Kuhlenthal os conduziu até uma salinha iluminada por abajures. Os papéis que antes estavam ali haviam sido substituídos por fotografias ampliadas

em branco e preto. O fotógrafo tinha sido bem cuidadoso, clicando cada palavra contida nas cartas.

Kuhlenthal fez um sinal para que eles se aproximassem e espalhou as fotografias sobre a mesa.

A primeira imagem era do documento de identificação militar de Martin. O rosto que aparecia na fotografia era bastante parecido com o do corpo que Sera vira durante a autópsia, mas não podia ser a mesma pessoa. Ela sabia que, quando foi parar nas mãos dos militares britânicos, Martin já estava morto, e o sujeito da foto estava vivo quando a imagem fora registrada. Sera ouvira dizer que todo mundo tinha alguém com sua exata aparência em algum lugar do planeta — um *doppelgänger*. Caso isso fosse verdade, os britânicos de alguma forma conseguiram encontrar o sócia perfeito do Homem Que Nunca Existiu.

Kuhlenthal ergueu a imagem mais perto de Sera.

— Você viu o corpo. É o mesmo homem?

Ela fingiu analisar a fotografia, embora já soubesse qual deveria ser a resposta:

— O corpo estava um pouco desfigurado por causa do tempo que passou na água, mas o rosto era esse mesmo — ela falou, acreditando ter soado bastante convincente.

Outra série de fotos registrava uma carta que o major Martin recebera de seu pai, que o repreendia por não ser tão responsável quanto deveria. Havia também uma carta de amor da noiva de Martin, que parecia ter sido dobrada e desdobrada várias vezes. Sera gostou de ver aquela preocupação com os detalhes. Obviamente, um homem que servia na guerra iria ler e reler uma carta como aquela sempre que possível.

Mas o que mais interessava aos alemães era um bilhete do superior de Martin avisando que os documentos que ele estava levando eram importantes e confidenciais, e pedindo que fossem mandadas algumas latas de sardinha, pois estava difícil encontrá-las na Grã-Bretanha. Era um pedido falso, claro, já que quem escreveu aquilo sabia que o major Martin não voltaria com vida. Ele nem sequer *fora* para a missão com vida.

Junto com o bilhete estava a peça central da operação: a carta de um general britânico para outro. Sera leu tudo o mais rápido que conseguiu. O texto dizia que os alemães deveriam acreditar que a Sicília seria atacada, mas o verdadeiro alvo era a Grécia. E fornecia tudo de que os alemães precisavam: as datas dos ataques, o tamanho da força invasora e os codinomes que seriam usados.

O risco era evidente. Se os alemães não acreditassem que os Aliados invadiriam a Grécia, teriam informações de sobra a respeito do ataque à Sicília.

Kuhlenthal apontou para algumas palavras borradas pela tinta, e Riq e Sera se apressaram em dar suas mais sinceras opiniões a respeito do que acreditavam estar escrito ali. Quando terminaram, o nazista puxou uma cadeira e sentou, compenetrado, os olhos fechados e as pontas dos dedos pressionadas umas contra as outras. Riq e Sera aguardaram em um silêncio constrangedor, sem saber ao certo como agir.

Por fim, Kuhlenthal abriu os olhos.

— O que os Aliados poderiam querer na Grécia? — ele questionou. — A Sicília é muito mais importante.

— Mas está muito bem protegida — argumentou Riq. — Se os Aliados tomarem a Grécia, podem ficar em uma posição melhor para atacar a Sicília mais tarde.

— É verdade. — Kuhlenenthal voltou a refletir por um momento, e em seguida falou: — Um militar de alto escalão não tem nem uma simples lata de sardinha? A situação está tão ruim na Grã-Bretanha que nem um general consegue comida?

— As sardinhas são a última coisa com que os britânicos precisam se preocupar — Sera se apressou em dizer. — Isso sem contar que fedem um bocado.

— O quê? — perguntou Kuhlenenthal. — As sardinhas ou os britânicos?

Riq e Sera soltaram uma risadinha falsa. Estavam em uma situação arriscadíssima, e a piada nem tinha sido tão engraçada assim.

Kuhlenenthal logo voltou a falar sério.

— Em condições normais eu não ousaria falar sobre isso com ninguém. A maioria dos membros do partido adoraria me ver fracassar para então tomar meu lugar. E preciso que esses papéis sejam verdadeiros. Já faz um bom tempo que não faço nada de útil para o *führer*. Ele está ficando... impaciente comigo.

Aquela era a chance deles. Kuhlenenthal acreditaria nas informações contidas nas cartas porque *queria* que fossem reais. Para sua carreira, e talvez até para sua vida, tudo aquilo *precisava* ser verdade.

Isso fez Sera pensar em um assunto desagradável. Por bastante tempo, ela acreditou que, caso eles corrigissem a história e tudo ficasse bem, sua família estaria em casa quando ela voltasse — sã, salva e contente. Mesmo depois das acusações de Tilda, Sera se deu conta de que *ainda* esperava por um reencontro emocionante. Mas talvez suas visões de um final feliz fossem tão reais quanto os papéis do major Martin. Talvez ela só acreditasse naquilo porque desejava com todas as forças que se tornasse realidade.

De repente, Kuhlenenthal bateu as mãos, levantou e começou a recolher as fotos.

— Preciso pegar um avião para a Alemanha o quanto antes — ele anunciou. — Vou entregar pessoalmente tudo isto ao *führer*.

— O que vai dizer a ele? — perguntou Riq.

— Meu relatório vai ser o mais equilibrado possível. Mas, se eu quiser convencer o *führer* de que os Aliados vão invadir a Grécia, preciso ter seu homem de confiança ao meu lado: o coronel Von Roenne.

As suspeitas de Sera

ELES TINHAM FEITO TUDO O QUE PODIAM, e Sera ficaria mais do que contente em sumir dali junto com Riq. Kuhlenthal a deixava apavorada. Ele não era da SQ, mas nem por isso era menos perigoso. Ela e Riq haviam dado o seu melhor para que o major acreditasse na história do Homem Que Nunca Existiu. O resto dependia de Dak.

— Quero pagar pelos seus serviços — informou Kuhlenthal. — Me diga quanto Clauss lhe deu, que ofereço o mesmo valor.

Sera fez menção de recusar, mas Riq se apressou em aceitar, e em seguida lançou um olhar de alerta para Sera. Kuhlenthal confiaria mais nos dois caso os pagasse. Além disso, eles precisavam de dinheiro se pretendiam se alimentar pelos próximos dias.

Comer era uma ótima ideia, mas sobreviver era melhor ainda, e Sera ainda não estava convencida das intenções de Kuhlenthal.

O major os conduziu para fora da sala e depois para fora do prédio, até o topo de uma colina escura e deserta. Sera não estava gostando nada daquilo, mas como alertar Riq sobre sua preocupação sem que Kuhlenthal percebesse?

— Sei que existem muitos outros espões como eu. — A expressão sombria de Kuhlenthal era iluminada apenas pela luz pálida do luar. — E também agentes duplos, que fingem estar ao meu lado, mas trabalham para o inimigo.

— Nós ajudamos você — disse Sera.

— E, como disse, não preciso da ajuda de uma garotinha. — Ele se virou, puxou um maço de dinheiro do bolso e estendeu para eles. — Acredito que isso vai pagar pelo seu silêncio.

Sera não se moveu, desconfiada, mas Riq agradeceu ao major e deu um passo à frente para pegar o dinheiro. Quando ele estendeu a mão, Sera vislumbrou um brilho metálico que refletia o luar.

— Riq, ele está com uma faca! — ela berrou.

Riq se virou para correr, mas Kuhlenthal o agarrou pelo braço e o puxou para junto de si. Sera percebeu que havia um galho de árvore caído perto de seu pé. Ela o apanhou e bateu na cabeça de Kuhlenthal com toda a força. A madeira estalou e o galho se partiu em dois.

Riq caiu pressionando a lateral do corpo, e Kuhlenthal saiu rolando colina abaixo, para o local onde estariam os dois viajantes do tempo caso Sera não tivesse agido rápido, e onde só seriam encontrados depois de vários dias.

— Vamos sair daqui — Sera gritou, correndo na direção oposta.

Ainda de joelhos, Riq recolhia o dinheiro que Kuhlenthal deixara cair.

— Nós vamos precisar disso!

Ele tinha razão, e Sera foi até lá para ajudá-lo a recolher tudo o que fosse possível antes que Kuhlenthal se recuperasse e os seguisse. Ela ouviu seus grunhidos em algum lugar mais abaixo e os dois correram o mais depressa que podiam.

Só pararam quando estavam bem longe de Kuhlenthal, da embaixada e de qualquer um que pudesse parecer um espião.

Quando já estavam distantes de tudo, Riq sentou e se apoiou contra a parede de uma loja, ainda pressionando a lateral do corpo com a mão.

— Ele me cortou.

— Quê? — Sera se ajoelhou ao lado dele. A camisa estava rasgada, mas apenas um fiozinho de sangue saía do ferimento.

— Está muito feio? — perguntou Riq.

— Horrível — Sera respondeu, escondendo seu sorriso. — Você vai precisar de cirurgia, mas como não podemos confiar nos médicos daqui, vou ter que fazer tudo eu mesma. Você tem linha e agulha aí?

— Ah, fala sério! — Riq ficou de pé em um pulo e se contorceu para examinar o ferimento. Em seguida virou para ela. — Muito engraçado. Agora eu sei por que você e o Dak se dão tão bem.

— Foi mal — Sera respondeu, caindo no riso. — Está doendo?

— Está, sim. Mas não é tão grave quanto eu pensava. Vamos embora.

— Sim, mas pra onde? — questionou Sera. — Já passou da hora do toque de recolher. A gente não deveria estar na rua.

Ela foi atrás de Riq, que já havia recomeçado a caminhar.

— Nós passamos por um beco bem tranquilo agora há pouco — ele disse. — A noite não está fria, dá pra se esconder por lá. A gente pode revezar na vigia e decidir o que fazer depois de dormir.

Eles não conseguiram dormir muito, mas logo cedo compraram churros quentinhos e conversaram sobre seus próximos passos.

— Nós fizemos tudo o que foi possível — Riq falou. — Kuhlenthal vai levar os papéis para a Alemanha, e o resto depende de Dak.

— Isso se Dak estiver mesmo por lá — Sera respondeu, preocupada. Riq tinha contado a respeito das ordens de Tilda para que os agentes da SQ de Berlim o encontrassem, o que lhe provocou um nó no estômago que não ia embora de jeito nenhum. — Acho melhor irmos para a Alemanha. Precisamos ver no que isso vai dar, e também encontrar o Dak.

Riq assentiu, mas Sera notou a expressão de dúvida em seu rosto.

— Kuhlenthal disse que ia de avião para a Alemanha. Deve ser uma aeronave militar, então precisamos de um transporte diferente.

— É mesmo — Sera concordou. — Como temos que passar na estação de qualquer jeito, para buscar o Anel, podemos usar o dinheiro de Kuhlenthal para pegar um trem, assim não

ficamos muito pra trás.

— Se Dak estiver se virando bem por lá, nossa chegada pode dificultar as coisas pra ele — alertou Riq.

— Eu sei. — Sera soltou um suspiro. — Isso pode estragar o disfarce dele. Mas não podemos ir embora desta época sem o Dak. Vamos ter que arriscar.

Eles foram de táxi até a estação, sempre de olho nos carros ao redor, para se certificar de que não estavam sendo seguidos. Quando chegaram, Sera conduziu Riq até os armários.

— Eu sabia que não podia aparecer naquele parque com o Anel do Infinito — ela explicou. — Era perigoso demais esconder ele em uma moita ou algo assim e, se tivesse escondido sob a roupa, Tilda saberia que não estava na mala.

— Essas fechaduras não parecem muito seguras — argumentou Riq. — Qualquer um com o mínimo de prática conseguiria arrombar esses armários.

— Provavelmente — admitiu Sera. — Mas ninguém além de nós sabe que o Anel está aqui, então não tem por que arrombarem o armário.

Ela pôs a chave na fechadura e abriu a porta. A bolsa com o Anel estava lá, no mesmo local onde havia sido deixada.

Mas nem *tudo* estava no mesmo lugar. Como uma boa espã, Sera havia deixado um fio de cabelo sobre a bolsa. Se alguém quisesse abri-la, teria que removê-lo dali. E, para sua angústia, ela percebeu que agora o cabelo estava *embaixo* da bolsa. Alguém teria mexido naquele armário?

Sera agarrou a bolsa, abriu com gestos apressados e encontrou o Anel do Infinito intacto.

— Que foi? — perguntou Riq.

— Nada — Sera respondeu. Mas ela ficou pensando: e se Tilda tivesse descoberto que o Anel do Infinito estava lá? Será que tinha arrombado o armário e usado o dispositivo?

Sera soltou um suspiro. Ela detestava admitir, mas era possível, apesar de bastante improvável. Mas se Tilda ou alguma outra pessoa tivesse roubado o Anel, por que se daria ao trabalho de devolver? Talvez alguém tivesse arrombado o armário em busca de objetos de valor, e supôs que o Anel fosse uma espécie de brinquedo.

— Vamos — Sera chamou, prendendo a bolsa na cintura. — Precisamos pegar o trem.

Minutos depois, quando o trem deixou a estação, Riq se inclinou na direção de Sera e falou:

— Entrar na Alemanha não vai ser tão fácil quanto você pensa. Tem certeza de que vale a pena tanto esforço só por causa do Dak?

Sera sorriu, pois sabia que era brincadeira. Mas o nó em seu estômago voltou a aparecer. Se Dak estivesse... Se a SQ tivesse pego Dak, todo o trabalho do trio teria sido em vão.

Dak e o lobo

DAK NEM SABIA HÁ QUANTO TEMPO ESTAVA ESCONDIDO no armário. Anton e Cleo não estavam mais no escritório de Von Roenne. Quando eles passaram pelo armário fechado, Anton murmurou algo como: “Precisamos encontrar aquele garoto ainda hoje”. E Cleo respondeu dizendo alguma coisa sobre esperá-lo sair da cozinha.

Era o tipo de incentivo de que Dak precisava para permanecer onde estava. Apesar de estar um pouco cansado de ficar em pé, não era nem de longe o pior lugar naquele momento. Na escuridão, ele começou a fazer uma retrospectiva sobre 1943 e os anos anteriores, relembando os principais eventos históricos, como qualquer aficionado faria no tempo livre. Ele ficou empacado em 1938, mas logo se lembrou da transmissão radiofônica de *A guerra dos mundos*, cujo texto foi lido como se fosse um boletim informativo sobre uma invasão alienígena. Apesar dos vários alertas de que se tratava de ficção, os americanos ficaram em pânico durante horas. As pessoas recolheram seus pertences, abandonaram suas casas, deram tiros para o alto para afastar os alienígenas e começaram a se preparar para o fim do mundo.

Dak franziu a testa. O ataque alienígena não tinha acontecido, mas o fim do mundo certamente viria se ele não tomasse coragem para sair daquele armário.

Com cautela, abriu a porta e olhou para os dois lados do corredor antes de sair. Estava tarde, e a maioria das pessoas já tinha ido para casa. No escritório de Von Roenne, porém, dava para ouvir o ruído de uma máquina de escrever.

Dak cerrou os punhos, respirou fundo e bateu na porta.

— Entre — Von Roenne respondeu, com a voz de sempre: séria, mas não rude.

Ao reconhecer Dak, o coronel levantou uma sobrancelha, afastou a cadeira da mesa e juntou as mãos.

— Você de novo? — Von Roenne parecia curioso, o que Dak não sabia ao certo se era bom ou ruim. — O que você quer?

— Alguns dias atrás, o senhor disse que eu lhe devia um favor. Quero retribuir esse favor agora. Posso te ajudar aqui no escritório, em qualquer coisa que precisar.

Von Roenne o encarou por um instante, antes de ajeitar os óculos e pedir:

— Sente-se, por favor. Qual é o seu nome?

— Dak.

— Que nome incomum. Você é alemão?

— Tenho sangue alemão por parte de mãe.

Dak, no entanto, achou melhor não mencionar que seu bisavô nascera nos arredores de Londres, e que estava servindo na Marinha Britânica naquele exato momento. Von Roenne não precisava saber tantos detalhes sobre seus antepassados.

— Ouvi dizer que uma das governantas trouxe você para ajudar na cozinha.

— Sim, senhor.

Von Roenne se inclinou para a frente.

— Mas eu acho que você não está aqui só por isso. Nós dois sabemos que aquele homem e aquela mulher só estão aqui para procurar você. Acho que, se você for pego, nossa governanta vai precisar de outro ajudante de cozinha. Mas por quê? Você roubou alguma coisa deles?

— Não, senhor.

— Causou algum problema para eles?

— Não, senhor. — Na verdade, era justamente o contrário.

Von Roenne franziu a testa.

— Então está aqui como espião?

Dak tentou esconder sua reação, mas a pergunta o pegou de surpresa, e seus olhos se arregalaram. Quando tentou falar, era como se sua boca estivesse cheia de algodão e sua língua fosse do tamanho do Everest.

Von Roenne se recostou na cadeira.

— Ah, agora os Aliados estão usando crianças para nos espionar. É porque confiam em você ou porque não têm o menor respeito por nós?

— Os Aliados nem imaginam que estou aqui. Eles não sabem nada sobre mim.

— Então por que está aqui? — Impaciente por uma resposta, Von Roenne emendou: — Se não me contar, vou te entregar para aquela dupla, que deve estar vasculhando o bunker neste exato momento à sua procura.

— E-eu não... Eu só... — foi só o que Dak conseguiu dizer antes que o algodão voltasse a se acumular em sua boca.

Ele não podia contar a um dos conselheiros mais fiéis de Hitler que vinha do futuro. A perspectiva de que os nazistas pudessem viajar no tempo era aterradora.

Também não podia falar para Von Roenne sobre a operação Carne Picada. A última coisa que Dak queria era ser o responsável pelo fracasso dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Ele entraria para a história algum dia, tinha certeza disso, mas não como o culpado pelo colapso do mundo livre. Sem chance.

Não estava fácil arrumar uma boa desculpa para sua presença ali. A ideia mais óbvia era tentar convencer Von Roenne de que queria colaborar com os nazistas, que acreditava em sua causa e fora até lá para ajudar, apesar de ser novo demais para lutar no front.

Mas ele jamais contaria uma mentira como aquela. Mesmo que fosse para salvar a missão ou a própria vida, Dak não permitiria que essas palavras saíssem de sua boca. Von Roenne parecia um bom sujeito, mas estava lutando do lado errado, e obedecendo às ordens de um homem maligno.

Adolf Hitler, o *führer*, era responsável por milhões de mortes nos campos de batalha, tanto

de seus homens como de seus oponentes. Além disso, antes do fim da guerra, ele ordenaria a morte de cerca de seis milhões de judeus. Famílias inocentes seriam capturadas, enviadas a campos de concentração e assassinadas por nenhum motivo além de sua fé e cultura.

Ao pensar nisso, Dak teve ainda mais certeza de que precisava fazer a operação Carne Picada dar certo. Não seria suficiente para salvar toda aquela gente, mas pelo menos os Aliados sairiam vencedores, e as vidas perdidas poderiam servir como um eterno lembrete de que o mal deveria ser combatido.

— Tudo bem, se não vai falar, venha comigo.

Von Roenne levantou, contornou a mesa e foi até Dak.

— Você não pode me entregar para Anton e Cleo — disse Dak. — Eles vão me matar.

O coronel pôs as mãos na cintura.

— Então por que...

Ele foi interrompido por outra batida na porta. Dak olhou ao redor em busca de uma rota de fuga, caso Anton e Cleo tivessem voltado. Ele poderia pular pela janela, o que nos filmes de ação era sempre uma fuga espetacular. Mas, na vida real, não era possível. O vidro o cortaria inteiro, e talvez ele quebrasse uma perna ao cair no chão de cimento lá embaixo. Caso fossem eles mesmo, sua única alternativa seria correr e torcer para que não conseguissem alcançá-lo.

Dak ficou a postos, pronto para fugir.

Von Roenne autorizou a entrada de quem estava batendo, mas, em vez da dupla de Guardiões do Tempo, quem apareceu foi uma comitiva de soldados.

Ah, que ótimo, Dak pensou. Mais nazistas.

— O *führer* está aqui para ver o coronel Von Roenne — anunciou um dos soldados.

Dak esqueceu a ideia de correr, e se escondeu atrás de Von Roenne. Quem estava entrando na sala era ninguém menos que Adolf Hitler.

O resgate de Von Roenne

O CORONEL VON ROENNE SE ENDIREITOU e ergueu o braço direito diante de si.

— *Heil, mein führer!*

Cutucou Dak com o cotovelo para que o menino fizesse o mesmo, mas ele não podia, ou melhor, *não queria*.

Todas as informações que Dak havia lido sobre Hitler inundaram sua cabeça. Na juventude, o ditador tentara se tornar um artista, mas não obtivera sucesso. Lutou pela Alemanha na Primeira Guerra Mundial e se sentiu traído pela rendição de seus líderes. Passou meses na prisão por tentar derrubar o governo e, mais tarde, conduziu o partido nazista ao poder por meios legais. Ao assumir o comando do país, anexou a Áustria sem disparar um único tiro. Mas quando invadiu a Polônia, a Segunda Guerra Mundial começou.

Hitler tinha estatura e porte físico medianos, mas muita gente nem devia reparar nisso, pois o que chamava imediatamente a atenção era seu rosto. Seu cabelo fino e castanho era penteado de lado sobre a testa, e ele usava um bigodinho quadrado sobre os lábios. Seus olhos eram frios e implacáveis, e pareciam capazes de enxergar tudo.

Para sorte de Dak, Hitler lhe deu a mesma atenção que dispensou ao mobiliário da sala. Seus olhos apenas passaram pelo menino antes de se concentrar em Von Roenne.

— Os papéis já chegaram? — perguntou Hitler.

— Não, *mein führer*. Mas estou de prontidão, caso o major Kuhlenthal chegue ainda esta noite. Só sabemos que os papéis indicam que os Aliados vão atacar a Grécia, não a Sicília.

— Parece conveniente demais — afirmou Hitler. — Um oficial britânico aparece morto na costa da Espanha levando um documento tão importante?

— Eu também tenho as minhas suspeitas — disse Von Roenne. — Mas, enquanto não examinarmos os papéis, não temos como saber que planos são esses, nem se são verdadeiros.

— Ouvi dizer que o capitão Clauss chegou bem perto do corpo, e que a morte por afogamento foi confirmada.

— Ele estava lá durante a autópsia? — Von Roenne quis saber.

— Não, mas tinha uma informante, uma menina espanhola que ajudou o legista. Depois do exame, ela relatou tudo o que viu.

Dak abriu um sorriso. Sera na verdade era descendente dos maias, não de espanhóis, mas devia ser ela na sala de autópsia. Às vezes ela era o máximo!

Von Roenne suspirou.

— Existe esperança. Mesmo se esses papéis forem um truque dos Aliados, nós só temos a ganhar. Se forem verdadeiros, podemos deslocar nossas forças para a Grécia e pegar os Aliados de surpresa. Será uma vitória fácil para a Alemanha.

Hitler ergueu uma sobrancelha.

— E se os planos forem falsos?

— Eu vou descobrir. — Von Roenne falou com tanta confiança que Dak ficou até preocupado. — Se forem falsos, vai ficar bem óbvio que o verdadeiro alvo é a Sicília. Nós estamos muito bem protegidos por lá, os Aliados não têm nenhuma chance. Seja como for, a próxima batalha vai definir a Alemanha como vencedora da guerra.

Hitler assentiu sem alterar sua expressão fechada, e Dak se lembrou de que quase nunca vira fotos dele sorrindo. Ele até *sabia* sorrir; seus músculos faciais funcionavam como os de qualquer outra pessoa. Mas preferia não fazer isso. Queria ser visto como alguém implacável, destemido e temível. Um lobo.

Hitler se virou para sair, mas enfim reparou na presença de Dak.

— O menino é seu ajudante? — ele perguntou a Von Roenne.

— Estou pensando em deixar que trabalhe para mim. Pelo menos até ter idade para o treinamento militar.

— Ele já tem idade suficiente — garantiu Hitler. — Ainda não pode ir para a guerra, mas já pode receber treinamento. Com os nazistas, vai aprender a verdadeira história do nosso povo.

Dak sentiu todos os músculos ficarem tensos e tentou não demonstrar sua irritação. Aquele homem não tinha nada a lhe ensinar sobre história.

Hitler chegou mais perto e o olhou de cima a baixo.

— Sua mãe e seu pai vão ficar orgulhosos quando souberem que você se juntou à nossa nobre causa.

— Meus pais estão desaparecidos há um bom tempo, senhor — informou Dak. — Eu não tenho ninguém.

Essas palavras reverberaram dentro dele. Dak nunca tinha se sentido tão sozinho, e a companhia da qual desfrutava naquele momento não era nem um pouco reconfortante.

Hitler se virou para Von Roenne.

— Cuidar da juventude é cuidar do futuro. Mande este garoto para o treinamento amanhã mesmo. Vou reservar um lugar para ele na Juventude Hitlerista.

— Eu não vou.

Não era uma boa ideia se manifestar naquele momento, mas Dak se recusava a ficar calado sobre isso.

Hitler abriu a boca, talvez para mandar levar o menino arrastado se fosse necessário, mas Von Roenne falou primeiro:

— Perdão, *mein führer*, o menino só quis dizer que não pode ir. Ele se comprometeu a me ajudar, e sei que o senhor espera que nossos jovens cumpram suas palavras. Além disso, não existe pessoa melhor do que eu para ensiná-lo a ser um nazista.

— Muito bem — Hitler respondeu, voltando a ignorar Dak. — Espero sua avaliação sobre

os papéis de Kuhlenthal amanhã mesmo.

— Pode deixar — garantiu Von Roenne.

A respiração de Dak só voltou ao normal mais de um minuto depois de Hitler sair. Von Roenne voltara a se acomodar à sua mesa, e encarava Dak fixamente.

— Obrigado — o menino disse.

Von Roenne não manifestou nenhuma reação e continuou a encará-lo. Dak ficou sem graça, se remexendo de um lado para o outro. Por fim, o coronel disse:

— Deve estar se perguntando por que ainda está aqui.

— Sim, senhor.

— Porque ainda não entendi quais são suas intenções e estou curioso. Acho que está me dizendo a verdade, mas não *toda* a verdade.

Dak permaneceu em silêncio. Gostaria de dizer que se sentia da mesma forma a respeito de Von Roenne.

— E, se é para ter um ajudante, preferiria um que pudesse pelo menos sair da sala em segurança para me buscar um chá.

— Existem outras coisas que posso fazer para ajudá-lo — afirmou Dak.

— Por exemplo?

Dak remexeu os pés por um instante antes de falar. Por fim, abriu o jogo:

— Sou um Guardiã da História. Sei muito sobre o passado... e sobre o futuro.

Era arriscado dizer aquilo, e ele sabia que Riq lhe daria um soco se ouvisse aquela revelação diante de um oficial nazista de alto escalão. Mas era preciso saber se Von Roenne estava do seu lado. O coronel se limitou a erguer uma sobrancelha e dizer:

— Um estudioso da história? Bem, garoto, você pode até conhecer o passado, mas o futuro ainda não foi escrito.

Dak sentiu um tremendo desânimo ao ouvir isso. Von Roenne não era da SQ, caso contrário saberia do que ele estava falando, mas também não era um Guardiã da História.

— Muito bem — acrescentou o coronel. — Se você é um historiador, pode ser útil quando o major Kuhlenthal chegar. Enquanto isso, arregace as mangas e comece a arrumar meu escritório. Se o *führer* aparecer e pegar você sem fazer nada, vai te levar daqui na marra. E, pode acreditar, quando ele entra na sua cabeça, não sai nunca mais.

— Ele entrou na sua, senhor? — Dak quis saber.

Von Roenne o encarou com a testa franzida e voltou a se ocupar com seus papéis.

Aquela era uma pergunta importantíssima. Porque, se Von Roenne era mesmo leal a Hitler, Dak não tinha a menor chance.

Pulando da frigideira...

A NOITE JÁ ESTAVA CAINDO quando Riq acordou com o anúncio de que o cobrador do trem passaria pela cabine para verificar os passaportes. Nenhum documento havia sido pedido quando entraram na França, por isso Riq esqueceu que os papéis ainda poderiam ser requisitados. Se fossem pegos sem passaporte, corriam o risco de ser presos em Berlim. Uma imagem dos campos de concentração passou pela sua cabeça. Os horrores que aconteceram naqueles locais eram de arrepiar até mesmo quando narrados nos textos dos livros escolares. Ele não queria testemunhar aquilo pessoalmente. Além disso, os nazistas não podiam pôr as mãos no Anel do Infinito.

Sera também foi acordada pelo anúncio, e estava no meio de um bocejo quando Riq a puxou pela mão.

— Vamos.

Ela levantou e foi atrás dele.

— Aonde estamos indo?

— Você ouviu. O cobrador está vindo verificar os passaportes.

— Agora? Já estamos em Berlim?

— Não, mas quando ele terminar de verificar todos, já vamos estar lá.

Os vagões de passageiros eram interligados por meio de plataformas fechadas, que tornavam segura a locomoção pelo trem. Quando o cobrador entrava em um vagão, Riq fugia com Sera para o seguinte.

— Não podemos fugir dele pra sempre — murmurou Sera. — E já estamos quase no último vagão.

— Não se preocupe — disse Riq. — Eu tive uma ideia.

Riq fechou a porta que dava acesso ao interior do vagão. A plataforma era cercada com aço maciço, mas havia uma porta lateral de emergência. Para Riq, aquela era uma emergência e tanto. O ruído do trem sobre os trilhos era bem mais alto ali, o que só dificultava a próxima tarefa dos dois. Ele abriu a tranca da porta lateral — torcendo para que o maquinista não recebesse nenhum aviso na cabine, como aconteceria em um trem moderno — e a deslizou para o lado.

Sera olhou para o chão, que se movia em alta velocidade sob seus pés, com as pedras e o mato formando um borrão.

— Você está maluco se pensa que vou pular.

— Não vamos pular — disse Riq. — Quando embarcamos, vi que tem uma escada na traseira do trem. Você só precisa ficar pendurada um pouquinho e se agarrar nela. Eu te seguro enquanto isso. Depois você me ajuda a alcançar a escada. Vamos fazer o resto da viagem lá.

Sera soltou um risinho de deboche.

— Ficar pendurada do lado de fora de um trem a mais de cento e sessenta por hora? Você tem ideia da energia acumulada que vai agir sobre nosso corpo se cairmos?

— Esquece a física um pouquinho e pensa no que pode acontecer se o cobrador quiser ver nosso passaporte.

— É melhor ser presa do que dar de cara com o chão em alta velocidade.

Eles escutaram uma discussão no vagão mais à frente. Olharam pela janelinha da porta e viram dois jovens de pé no corredor.

— Sem passaporte! — gritou o cobrador, e soprou um apito em seguida.

No mesmo instante, dois soldados nazistas entraram. Segurando os jovens, eles saíram em direção aos vagões da frente. Riq não queria nem pensar no que aconteceria com aqueles dois.

— Se não subirmos logo naquela escada, seremos os próximos — sussurrou Riq.

Ele e Sera se afastaram da janelinha quando perceberam que o cobrador estava olhando naquela direção. Riq não achava que tinham sido vistos. O local onde estavam não era iluminado, então os dois deviam estar indistinguíveis nas sombras. Mas o cobrador ajeitou o paletó e começou a caminhar para o fundo do vagão.

— Agora! — disse Riq.

Ele segurou Sera pela cintura e fincou os dois pés no assoalho para se equilibrar enquanto ela se inclinava para fora do trem.

— Estou vendo a escada — Sera falou —, mas não consigo alcançar.

Segurando-a com uma mão, Riq usou a outra para firmar o corpo enquanto se inclinava ainda mais para a frente. O trem passou por um trecho irregular nos trilhos, e nesse momento ele sentiu Sera escapar.

— Sera! — ele gritou.

Depois de um momento de absoluto terror, ela reapareceu em seu campo de visão.

— Foi por pouco. E, só pra você saber, isso foi pior do que todas as ideias ruins do Dak juntas! Agora me dá sua mão.

Riq se inclinou para fora do trem o máximo possível e fechou a porta de correr até onde conseguiu. Como seus braços eram mais compridos, ele alcançou a escada sem grandes dificuldades, e logo sentiu a mão de Sera, que ajudou a puxar seu peso quando ele se soltou. O pé dele escorregou no degrau, mas Sera o agarrou pelo cinto e o segurou até que ele recuperasse o equilíbrio.

Riq tentou estender o braço para terminar de fechar a porta, mas nesse momento o cobrador apareceu na plataforma. Riq fez um gesto para que Sera subisse e eles ficassem longe das vistas caso o homem pusesse a cabeça para fora. Eles ouviram um grunhido, e depois o som da porta de correr sendo escancarada. Houve um longo momento de silêncio, durante o qual o cobrador provavelmente se perguntava por que a porta estava aberta. Por fim, ele a fechou, e

Riq escutou o som da tranca sendo acionada.

Os dois estavam quase no topo da escada. O vento, a poeira e ocasionais pedaços de cascalho os atingiam o tempo todo, tornando impossível ficar de os olhos abertos e dificultando muito a respiração.

— Aqui em cima estamos seguros — Riq comentou.

— Isso se a gente não congelar, não cair, nem for atingido por alguma coisa antes de chegar — rebateu Sera. — Qualquer um que conheça a terceira lei de Newton sabe o quanto isso é perigoso.

— Hã, qualquer um com o mínimo de noção sobre qualquer coisa sabe o quanto isso é perigoso — Riq a corrigiu.

Sera se segurou melhor na escada.

— Eu sabia que chegar a Berlim ia ser difícil, mas não imaginei que seria tão complicado assim.

— Engraçado — comentou Riq —, porque eu imaginei que seria muito pior.

À medida que a viagem prosseguia, Riq foi mudando de ideia. Aquela situação era melhor do que ser preso pelos nazistas, mas não mais fácil. Seu ombro, que finalmente havia parado de incomodá-lo depois do ferimento que sofrera em Bagdá, começou a doer de novo. Seus olhos estavam secos e cheios de poeira, e havia tanta sujeira acumulada em sua boca que dava até para sentir o gosto. Sera, por sua vez, estava aguentando firme, agarrada à escada com o rosto escondido no ombro. Ela não reclamou nem resmungou, mas devia estar tão cansada quanto ele. Se ela não se queixasse, ele também não reclamaria. Pelo menos não em voz alta.

Por fim, o trem começou a reduzir a velocidade ao se aproximar de uma estação nos arredores de Berlim. Riq e Sera saltaram da escada enquanto ainda estavam em movimento, para que não fossem vistos por ninguém na plataforma. Ao olhar para trás enquanto se afastavam dali, Riq concluiu que fora uma boa ideia. Ele viu uma porção de nazistas fardados na estação, e quanto mais distância mantivessem deles melhor.

Nesse momento, porém, um dos nazistas olhou na direção deles e cochichou alguma coisa com os demais. Todos se viraram para Riq e Sera, e um deles pôs a mão no cassetete alojado no cinto.

— Encrenca à vista. — Riq segurou Sera pelo braço e começou a puxá-la. — Finge que não está acontecendo nada.

— Como assim? — murmurou Sera. — Os nazistas estão de olho em nós e você quer que eu finja que não está acontecendo nada?

Riq fez de conta que acenava para um passageiro do trem, mas viu que os soldados aceleravam o passo em sua direção. Agir naturalmente não adiantaria. Havia razões mais do que suficientes para entrar em pânico.

— Se prepara pra correr — ele murmurou para Sera. — Um, dois... Já!

Sera já estava correndo antes de ele acabar de contar. Mas para onde poderiam ir?

— Por aqui! — chamou uma mulher parada diante de uma pequena reentrância na parede. Era da altura de Sera, tinha os cabelos presos em um coque e segurava um enorme guarda-chuva preto, que abriu atrás de si. — Aqui atrás.

Riq olhou para Sera, que deu de ombros e entrou atrás do enorme guarda-chuva. Ele não sabia se era uma boa ideia, mas tinha certeza de que ser capturado pelos nazistas seria muito pior. O garoto se posicionou ao lado de Sera, e os dois se espremeram junto à parede.

— *Guten Abend* — um oficial disse à mulher. O tradutor de Riq começou a funcionar naquele momento, mas de qualquer forma ele já sabia que o soldado estava dizendo “boa noite”. O militar continuou: — A senhora viu dois jovens correndo por aqui, um rapaz e uma menina? Eles estavam viajando sem pagar.

— Eu vi, sim — respondeu a mulher, apontando para o outro lado da plataforma. — Eles correram pra lá agorinha mesmo. Acho que ainda dá tempo de alcançá-los.

Quando os soldados saíram em disparada, a mulher baixou o guarda-chuva e se virou para os dois.

— Viajando de trem sem pagar, é?

— Não! — respondeu Sera. — Nós compramos as passagens. É que... tivemos um problema no caminho.

A mulher apertou os lábios até formarem uma linha fina, e então falou:

— Esses nazistas deveriam ter coisas mais importantes pra fazer do que perseguir crianças. Tenham mais cuidado da próxima vez, queridos.

Ela se virou para ir embora, mas Riq a deteve.

— Podemos pedir mais uma ajudinha? — Ele sacou do bolso um pedaço de papel com o endereço da sede da Abwehr em Berlim. Aquele era o quartel-general dos espiões alemães, local para onde Kuhlenthal levaria os papéis do major Martin. Era para lá também que Dak pretendia ir. Riq entregou o papel à mulher. — Pode nos dizer como chegar a este lugar?

Ela deu uma olhada no endereço.

— Abwehr? Isso não é lugar para crianças. Muito menos à noite.

Sera segurou a bolsa onde estava o Anel do Infinito.

— Nós vamos só encontrar um amigo lá perto. Não é nada de mais.

A mulher sorriu para eles.

— É quase hora do toque de recolher, e vocês não deveriam andar por aí tarde da noite. Nunca vão chegar lá a tempo.

Riq olhou para Sera.

— Acho melhor passarmos a noite aqui na estação.

Sera implorou com os olhos para que ele encontrasse outra solução. Ela estava preocupada com Dak, e com toda a razão. Eles não podiam ficar ali parados.

A mulher apertou os lábios enquanto pensava, e em seguida falou:

— Meu marido está lá fora, veio me buscar de carro. Acho que podemos dar uma carona para vocês, se me garantirem que seu amigo vai estar lá para recebê-los.

— Ele vai estar, sim — disse Riq, mais para Sera do que para a mulher.

Ela os conduziu até um carro parado no meio-fio. Depois de falar com o marido pela janela, a mulher fez um sinal para eles, abriu a porta traseira e pediu que entrassem.

Riq se aproximou do veículo, mas em seguida ficou paralisado. Atrás dele, Sera deteve o passo.

Acomodada no banco traseiro, outra mulher baixou o espelhinho com o qual terminava de passar o batom preto sobre os lábios. Ela os lançou um olhar fulminante que fez Riq congelar.

— Entrem — ela ordenou. — Estávamos esperando vocês.

... direto para o fogo

O INSTINTO DE SERA LHE DIZIA PARA CORRER, e ela tinha certeza de que Riq a seguiria. No entanto, antes que pudesse se mover, o motorista já estava fora do carro, atrás dela, lançando uma sombra imponente. Era Anton, que empurrou Sera e Riq para dentro do veículo. Ela pensou em gritar por socorro, mas quem poderia ajudá-los? Os nazistas? Daria no mesmo.

Riq entrou primeiro, e Sera sentou ao lado da porta. Em silêncio, ela enfiou a bolsa com o Anel do Infinito no vão entre o assento e a lataria. Caso tivesse a chance durante o trajeto, o passaria para Riq esconder debaixo do casaco, onde chamaria menos atenção.

— Para onde estão levando a gente? — Riq quis saber.

— Para a sede da Abwehr — respondeu Tilda. — Não era pra lá que vocês queriam ir? Encontrar seu amigo Dak?

— Nós já achamos o garoto — a mulher do coque falou, do banco da frente. — Assim que sair do escritório do coronel Von Roenne, estará nas nossas mãos.

— Mas ele não vai sair de lá — rebateu Tilda. — Vocês tiveram chances de sobra! Aquele garoto é mais esperto do que vocês imaginavam, Cleo.

— Não é isso — explicou Anton. — Não temos acesso a todos os lugares do prédio. Nem mesmo a SQ tem esse tipo de liberdade com os nazistas.

— Mas um menino de onze anos tem? — questionou Tilda. — Bom, isso não importa mais, porque quando Dak ficar sabendo que estamos com seus dois melhores amigos, vai fazer qualquer coisa para salvá-los. — Ela deu uma olhada para Sera e Riq. — Vai até desfazer o estrago que com certeza esses dois já fizeram por aqui.

— Nós só estamos corrigindo a história pra que ela volte a ser como deveria — argumentou Sera. — Foi a SQ que causou toda essa interferência.

— Anton e eu espionamos os britânicos há anos — contou a mulher. — E monitoramos os nazistas desde que eles subiram ao poder. Tudo isso para decidir a guerra a favor da SQ quando chegasse a hora. Ninguém vai sair vencedor desse conflito além de nós!

— Vocês estão destruindo o mundo! — Riq gritou. — E toda vez que tiram a história do rumo causam mais estrago.

— Eu posso resolver isso — disse Tilda. — Agora que tenho as ferramentas certas para ser líder da SQ, não apenas no presente, mas no passado e no futuro.

— Não existe futuro — retrucou Sera. — A não ser que vocês libertem a gente.

Os três membros da SQ caíram na risada.

— Libertar vocês? — Tilda falou. — Depois de todo o trabalho que tivemos para encontrá-los? Por que eu faria isso? Estou esperando por essa oportunidade há anos.

— Anos? — Sera questionou. Aquilo não fazia o menor sentido.

— Em suas viagens no tempo, vocês foram aos Estados Unidos no ano 1850 — disse Tilda. — Lembram?

Claro que Sera lembrava. Além de salvar Harriet Tubman e a Ferrovia Subterrânea, eles ainda puderam intervir a favor dos antepassados de Riq. Quando libertou Kissy e John das mãos da SQ, Riq fez muito mais do que mudar a história de sua família. Ele alterou sua própria existência.

Sera se virou para o amigo, sentindo todas as peças de seu segredo se encaixarem. De repente, entendeu por que ele não quis voltar ao presente para buscar o novo SQuare, o motivo para Riq ficar tão melancólico sempre que falavam sobre o futuro. E a razão para as Reminiscências dele serem como buracos negros.

Para salvar a história, Riq havia sacrificado a si mesmo.

Ele olhou para Sera e pareceu entender por que os olhos dela estavam cheios de lágrimas. Riq se limitou a abrir um sorriso tristonho e apertar a mão dela com força. Então questionou:

— E daí que estivemos em 1850? Nós passamos por um monte de lugares e épocas.

— Sim, mas lá vocês conheceram uma pessoa muito importante pra mim — respondeu Tilda.

— Ilsa — Sera murmurou.

Pronunciar aquele nome provocou um arrepio em seu corpo. Ilsa quase destruíra a Ferrovia Subterrânea. Mas, pior que isso, pôs as mãos no Anel do Infinito e viajou no tempo junto com Sera para ver o Cataclismo. Depois disso, não passava uma noite sem que a menina tivesse um pesadelo relacionado ao que vira naquele dia.

— Ilsa é minha tataravó — explicou Tilda. — Não foi a primeira pessoa da família a fazer parte da SQ, mas com certeza serviu de inspiração para mim.

— O que mais serviu de inspiração para você? Abutres e serpentes? — Riq perguntou. — Porque você parece ter muito em comum com eles também.

Tilda o ignorou e continuou falando:

— Depois de viajar no tempo com você, Ilsa escreveu uma carta contando tudo o que viu. Ela foi passada de geração em geração, até chegar a mim. Eu nunca entendi totalmente do que se tratava, até ver vocês desaparecerem do quartel-general dos Guardiões da História. Quando vocês voltaram, eu estava preparada.

— Se Ilsa escreveu uma carta, deve ter contado como vai ser o futuro — argumentou Sera.

— Claro que sim — confirmou Tilda. — E eu sei como evitar tudo isso. Tenho que destruir Aristóteles, o tolo que fundou os Guardiões da História. Se vocês não estivessem lá para atrapalhar a SQ, a história poderia entrar no rumo certo muito antes, evitando essas Fraturas de que vocês tanto falam.

— Não é nada disso — disse Sera. — Você está invertendo tudo!

Tilda deu risada.

— Pode acreditar no que quiser, Sera, mas o melhor que você pode fazer é desistir agora.

Dak desistirá da missão para salvar você e Riq, e os três poderão encontrar um bom lugar no tempo para passar o restante de seus dias. É melhor assim.

— Não posso fazer isso — Sera afirmou, irritada. — Preciso salvar a história. E, mesmo se meus pais forem da SQ, preciso salvá-los também.

Riq tomou um susto ao ouvir aquilo, e se virou para Sera, mas ela não o encarou daquela vez.

— Ah, é? — questionou Tilda. — E o que pode fazer para salvá-los de mim?

Sera afundou no assento. Depois de tudo o que tinham feito, e de tudo pelo que passaram, aquela pergunta aumentou o peso sobre seus ombros. Àquela altura, ela não tinha a menor ideia de como proteger seus amigos, seus pais e o mundo inteiro contra o que Tilda estava prestes a fazer.

O plano vai por água abaixo

ERA TARDE DA NOITE QUANDO BATERAM NA PORTA do coronel Von Roenne. Dak estava sentando no chão em um canto da sala, organizando papéis para arquivar e tentando não parar a todo momento para ler aquelas páginas repletas de fatos históricos fascinantes. Quando o homem entrou, Dak soube imediatamente de quem se tratava: era o major Kuhlenthal.

Dak conhecia o major de inúmeros livros sobre a Segunda Guerra Mundial. Depois de revelar que Martin era uma fraude, ele tinha se tornado um dos principais homens de Hitler. Quando assumiu esse novo posto, a SQ passou a manipulá-lo para conseguir tudo o que queria. Mais adiante, Kuhlenthal venceria os Aliados nas batalhas da Normandia e da Rússia, e ajudaria a derrotar os americanos em Iwo Jima, no Japão.

Em 1943, porém, ele ainda era um espião de segundo escalão entregando a seus superiores um relatório sobre o Homem Que Nunca Existiu. Se Riq e Sera tivessem feito sua parte, Kuhlenthal devia achar que o major Martin era real, e recomendaria a retirada de parte das forças alocadas na Sicília para defender a Grécia. Caberia a Dak garantir que os alemães seguissem o conselho de Kuhlenthal. Caso Riq e Sera tivessem fracassado, não havia muito a fazer àquela altura.

Dak levantou quando Kuhlenthal entrou e os dois nazistas se saudaram esticando o braço e dizendo “*Heil* Hitler”. Quando o coronel disse para Kuhlenthal ficar à vontade, Dak se ajoelhou e continuou a trabalhar na papelada. Ele torceu para que Von Roenne tivesse se esquecido de sua presença, ou que pelo menos não o mandasse sair. Fazia tempo que não via Cleo e Anton, mas só porque não havia tirado os pés daquele escritório. Os dois deviam estar por perto, procurando um pretexto para entrar.

Olhando para Dak, Kuhlenthal falou a Von Roenne:

— Estou com as notícias que todos esperavam. Talvez seja melhor conversarmos a sós.

— Ele é só um menino — Von Roenne disse, voltando a seu lugar atrás da mesa. — E tem muito a aprender comigo. Vamos logo às notícias. O *führer* está ansioso.

— E tem um bom motivo para isso — disse Kuhlenthal. — Os boatos que você ouviu são verdadeiros. O alvo dos Aliados não é a Sicília, e sim a Grécia.

Dak ficou de orelha em pé — praticamente como um cachorro —, mas manteve a cabeça baixa e continuou trabalhando. Kuhlenthal entregou uma pasta a Von Roenne e se acomodou do outro lado da mesa.

Eles ficaram em silêncio enquanto o coronel folheava os papéis, e Dak viu com o canto do olho que havia fotos também. Curioso como era, não poder examinar aquelas imagens era torturante, como levar um chef de cozinha a um restaurante de primeira linha e impedi-lo de provar a comida.

Sem tirar os olhos do relatório, Von Roenne falou:

— Existe alguma chance de os britânicos saberem que nós vimos esses papéis?

— Nenhuma — Kuhlenthal respondeu, abrindo um sorriso orgulhoso. — Eles vão recebê-los de volta na condição em que estavam, sem jamais descobrir que temos cópias. Eu poderia enganá-los de olhos fechados.

— Os britânicos não são idiotas — repreendeu Von Roenne. — Olhe bem para os meus olhos e me diga se esse major Martin existe mesmo.

O outro se ajeitou na cadeira.

— Posso garantir, senhor. Major Martin é um oficial britânico que se afogou enquanto transportava planos militares confidenciais. Meu relatório é a garantia do sucesso da Alemanha nesta guerra!

Se esperava impressionar Von Roenne com seu discurso, Kuhlenthal deve ter se decepcionado. O coronel apenas resmungou e virou a página.

— Seu relatório diz que os sobreviventes do acidente estão sendo interrogados — ele comentou. — Que interessante.

Dak abriu um sorrisinho. Não havia sobreviventes, já que não acontecera acidente nenhum. Kuhlenthal estava inventando detalhes, na esperança de tornar seu relatório mais verossímil.

Por fim, Von Roenne fechou a pasta e a entregou de volta a Kuhlenthal.

— Muito bem. Tenho certeza de que você vai querer mostrar o relatório a outros oficiais também. Vou mandar meu parecer ao *führer* pela manhã.

Kuhlenthal levantou, mas não saiu da sala. Quando o coronel voltou a atenção a ele, aproveitou para dizer:

— Senhor, o *führer* vai levar sua opinião mais em conta que a de qualquer outro. Ele quer ouvir boas notícias de nós, e não o contrário. Se o relatório estiver correto, vamos conseguir uma grande vitória contra os Aliados.

— O *führer* quer ouvir a *verdade* de nós — corrigiu Von Roenne. — É essa a nossa função, nada mais.

— Sim, coronel.

Kuhlenthal fez sua saudação de despedida, enfiou a pasta debaixo do braço e saiu, fechando a porta.

Assim que ele se retirou, Von Roenne se recostou na cadeira e levou os dedos às têmporas, como se estivesse com uma súbita enxaqueca. Dak considerou isso mais que natural — depois de dez minutos na companhia de Kuhlenthal, sua cabeça também estava doendo.

— Eu sei que você ouviu tudo — Von Roenne murmurou para Dak. — Você diz que sabe muito sobre história. Então me diga: isso é real? Ou é um cavalo de Troia, uma forma que os britânicos arrumaram para nos enganar enquanto invadem a Sicília?

Dak levantou e enfiou as mãos nos bolsos, um pouco em dúvida sobre o que dizer. Ele

desenvolvera uma simpatia por Von Roenne. Se o coronel desse maus conselhos para Hitler, sofreria as consequências. Por outro lado, lembrou que Von Roenne era um nazista, que estava do lado errado naquela guerra, e que, como espião, sua tarefa era ignorar sentimentos e concluir a missão. Se os alemães baixassem a guarda na Sicília, milhões de vidas seriam salvas, e o Cataclismo poderia ser evitado.

— O que devo dizer? — perguntou Von Roenne. — Como a minha escolha vai repercutir na história?

— A história ensina que aqueles que fazem escolhas corajosas viram heróis. — Dak aprumou sua postura. — Nós estudamos a história para aprender quem enfrentou e derrotou os vilões da vida real. Lemos sobre a história para sabermos que também somos capazes de enfrentar decisões difíceis.

A sala ficou em silêncio por um instante. Dak pensou em tudo o que sentiu ao viajar pelo tempo e alterar o rumo da história, muitas vezes mudando radicalmente a maneira como os fatos seriam lembrados. Ele ficou perplexo ao refletir sobre como muito do que sabia — ou pensava que sabia — a respeito da história estaria diferente quando voltasse para casa.

— É um belo discurso — Von Roenne disse baixinho.

— O passado é bem simples para mim — disse Dak. — O problema é saber o futuro.

Foi aí que ele se deu conta. Estudar história não era somente entender o passado. Era uma forma de compreender o futuro também, *seu* futuro. Ela fornecia ferramentas para moldar o futuro. E quando chegasse o momento de decidir, era preciso fazer a escolha heroica, como tanta gente ao longo da história havia feito. Mesmo que o passado pudesse ser mudado, seu futuro ainda seria escrito. Ele precisava moldá-lo, pedacinho por pedacinho.

Com as escolhas certas, o Cataclismo poderia ser evitado. Sera poderia conhecer seus pais, Dak poderia resgatar os seus, que estavam perdidos na corrente do tempo, e Riq... bem, Riq poderia fazer o que bem entendesse.

— “O medo torna o lobo maior do que realmente é” — falou Von Roenne. — É um velho ditado alemão.

A imagem de Adolf Hitler se formou na mente de Dak. Hitler se intitulava “o lobo”. Queria que as pessoas o temessem, para que o medo as influenciasse a fazer a escolha errada.

— A Alemanha precisa deslocar suas forças para a Grécia — Dak disse por fim. — É isso que você deve recomendar.

— Só tem um probleminha — respondeu Von Roenne. — Os papéis do major Martin são falsos. E alguma coisa me diz que você sabe disso.

Dak ficou atordoado, como se tivesse levado uma pancada. Antes que pudesse responder, porém, Von Roenne falou:

— Tem uma luz muito forte entrando pela janela. Acho que alguém deixou o carro com os faróis acesos lá fora. Vá fechar as cortinas.

Dak foi até a janela caminhando devagar, para poder pensar no que diria a seguir. Quando se aproximou da janela, os faróis do carro se apagaram e ele viu algumas pessoas no gramado.

Sera e Riq estavam lá, olhando para cima, com as mãos amarradas junto às costas. Cleo e Anton estavam logo atrás, parecendo ansiosos para cometer um ato de violência. E descendo

do carro estava Tilda. Ela passou a mão pelo cabelo de Sera, o que poderia parecer um gesto maternal, caso a menina não tivesse se encolhido toda e afastado Tilda com o ombro. Quando percebeu que Dak estava olhando, Tilda apontou para ele. Seu dedo indicador fez um gesto para que o menino descesse, e a expressão em seus olhos implacáveis não deixava margem a dúvidas. Se Dak não fosse até lá imediatamente, Sera e Riq virariam picadinho.

Tilda e a máquina do tempo

— VOU BUSCAR AQUELE CHÁ — Dak disse, seguindo em direção à porta.

— Que chá?

— Você pediu um chá umas três horas atrás. Estou indo lá pegar.

Von Roenne o chamou de volta, mas Dak já estava no meio do corredor. Em seguida desceu correndo as escadas e saiu do prédio. Ele atravessou o gramado e parou a uma distância segura do grupo, suficiente para poder falar com todos sem correr o risco de ser capturado.

Riq sacudiu a cabeça quando viu o amigo se aproximando, mas Sera pareceu aliviada. Dak não sabia se tinha feito a escolha certa ao sair do prédio. Ele precisava ajudar os amigos, mas talvez fosse melhor ter elaborado um plano de resgate antes, como surgir do alto, tirá-los das garras dos inimigos e sair voando.

Pensando bem, um plano como aquele exigiria superpoderes, o que era bem difícil de conseguir. Então ele precisaria confiar em sua habilidade de improvisar.

— Crianças intrometidas! — disse Tilda. — Nós estamos muito perto de controlar os dois lados desta guerra. Vocês têm ideia do quanto esta noite é importante para a SQ?

Dak revirou os olhos. Dã, claro que ele sabia.

— Você tem ideia do quanto esta noite é importante para os Guardiões da História? — ele rebateu. — A partir de hoje, começa a decadência da SQ.

Tilda deu risada.

— A SQ está mais poderosa do que nunca, graças a vocês!

Os olhos de Dak se voltaram para Sera, que ainda levava o Anel do Infinito na cintura. Então Tilda não tinha posto as mãos nele... por enquanto.

A mulher foi caminhando até Dak.

— Você vai voltar lá pra dentro agora, junto comigo, e dizer ao coronel Von Roenne que é um espião, e que o major Martin é uma farsa. Se não fizer isso, já sabe o que vai acontecer com seus amigos.

— Não — disse Riq. — Salve a história, não a mim, Dak. Eu sou um Guardiã da História. — Atrás dele, Sera assentiu, e Dak se sentiu muito orgulhoso de ser amigo daqueles dois.

— Todos nós somos Guardiões da História — respondeu Dak. — E não posso ajudá-los agora.

— Ah, pode sim! — Tilda disse furiosa, agarrando o braço de Dak.

Nesse momento, alguma coisa aconteceu. Algo que Dak já havia sentido antes, quando ele e Sera voltaram para o futuro. Foi como se uma descarga elétrica invadissem seu corpo. Desabou no chão, tremendo de frio e quase inconsciente.

Ao longe, ele ouviu Sera gritar. Tilda permanecia ao seu lado como um cão raivoso, gritando para os demais que era só uma Reminiscência, que logo passaria.

Ela estava certa. A dor e os terríveis calafrios já estavam retrocedendo. Dak ainda tremia e tinha a sensação de que o Cataclismo era mais iminente do que nunca. De alguma forma, Tilda tinha razão — a SQ estava em vantagem naquele momento. Ele não sabia como isso era possível. A única certeza que tinha naquele momento fazia seu sangue gelar: sua Reminiscência era a revelação de que a destruição do mundo seria culpa sua.



Quando Dak recobrou os sentidos, estava sendo carregado para dentro no ombro de Anton. Suas mãos estavam amarradas atrás das costas, assim como as de Sera e Riq. Tilda e Cleo caminhavam junto com Anton, uma de cada lado, com Riq e Sera mais à frente. Ele não se lembrava de ninguém ter decidido que entrariam todos juntos, mas ficou contente com isso. Independente do que acontecesse a partir daquele momento, ele queria ter os amigos por perto. No sucesso ou no fracasso, os três estariam juntos.

Cleo os conduziu até um cômodo perto da cozinha, que garantiu estar desocupado àquela hora da noite. Anton pôs Dak no chão e ordenou que Riq e Sera sentassem ao seu lado. Sera encostou o ombro no dele em um gesto de solidariedade, e Riq cutucou suas costelas com o cotovelo. Tê-los por perto o fazia se sentir melhor.

— Vão buscar o coronel Von Roenne — Tilda ordenou a Cleo e Anton. — Mesmo se Dak se recusar a confessar, tenho provas contra ele.

Dak não tinha muito o que dizer em sua defesa. Tilda poderia provar facilmente que ele havia interferido no destino da guerra, e Von Roenne não trairia seu país apenas para ajudá-lo.

Coronel Alexis Von Roenne. De uma forma um tanto estranha, a Reminiscência havia clareado os pensamentos de Dak. Agora ele estava concentrado apenas na missão. De repente, se lembrou da importância daquele nome para a história.

Enquanto Cleo e Anton cumpriam suas ordens, Tilda sentou em uma cadeira com as pernas cruzadas. Ela sacou uma granada e começou a jogá-la de uma mão para a outra, deixando Dak nervoso. Aquilo não era brincado.

— Se isso explodir, você vai morrer junto com a gente — comentou Riq.

— Não me subestime — retrucou Tilda. — Eu sei muito bem como usar uma granada.

Ainda assim, ela parou de brincar com a bomba.

— Na Segunda Guerra Mundial, os americanos criaram uma granada do tamanho de uma bola de beisebol. — Esse fato histórico escapou da boca de Dak como se ele não tivesse o menor controle sobre si mesmo. — Eles achavam que, como todos os garotos americanos sabiam arremessar aquele tipo de bola, não teriam dificuldades para arremessar granadas também.

— Eu nunca joguei beisebol — disse Tilda.

— Que surpresa — murmurou Sera.

Tilda olhou feio para os dois, e em seguida falou:

— Tudo vai ser bem mais fácil se vocês abrirem o jogo para o coronel. Talvez sejam condenados apenas ao campo de concentração, e não à morte.

— Os campos de concentração são uma pena de morte a longo prazo — respondeu Dak.

Tilda assentiu.

— São mesmo. Mas se a SQ assumir o controle da guerra, isso é só o começo. Imaginem as possibilidades.

— Nem mesmo você pode ser tão cruel — Sera falou.

— Tem certeza? — Tilda deu risada. — Quer saber o quanto posso ser cruel? O suficiente para separar uma garotinha dos pais e ficar feliz em saber que ela vai crescer sem eles. Queria que você pudesse conversar com seus pais sobre esse dia, mas acho que nunca vai acontecer.

Dak sentiu que Sera ficou tensa, mas ela se manteve em silêncio.

— Por que você faria isso? — ele questionou. — Se eles eram leais à SQ...

— Eu nunca disse que eles eram leais à SQ! — Tilda interrompeu. — Mas eles estão do nosso lado outra vez, e vocês nunca mais vão vê-los. Pelo menos não com vida.

— É melhor você soltar os pais dela! — gritou Dak. — Ou eu...

— Ou o quê? Vai viajar para alguma outra época? Você não consegue nem salvar os *seus* pais. — O sorriso de Tilda assumiu um aspecto maligno. — Mas eu sei onde eles estão. E não fazem ideia do que está prestes a acontecer com eles. Mas eu sei.

Dak se contorceu todo. Como Tilda podia falar com tanta desenvoltura sobre a viagem no tempo? Ela podia até ter viajado com eles a 1943, mas não era possível que tivesse passado por alguma outra época. No entanto, ela não parecia perdida ou presa ali.

Sera tinha a resposta para esse enigma.

— Você tem seu próprio Anel do Infinito, não é mesmo?

Riq e Dak trocaram olhares, erguendo as sobrancelhas. Sera continuou encarando Tilda.

— Você sabia onde eu tinha escondido nosso Anel e arrombou o armário — disse Sera. — Usou uma mecha do meu cabelo para enganar o detector de DNA, e deve ter ido ao futuro para que a SQ copiasse o nosso dispositivo.

— Na verdade eu prefiro chamá-lo de Anel da Eternidade — corrigiu Tilda. — Mas demorou meses para ficar pronto. A tecnologia era mais complicada do que esperávamos. Ficamos surpresos que uma menina da sua idade consiga operá-lo.

— Nunca subestime uma menina com conhecimentos avançados de ciência — recomendou Sera. — E o mesmo vale para gênios em história, ou em línguas.

Riq entrou na conversa:

— Depois de fabricar seu próprio Anel, você devolveu o nosso. Mas por quê? Você podia ficar com ele e manter a gente preso aqui.

Tilda acenou para Sera.

— Nós queríamos ver qual seria o próximo passo de vocês, segui-los pelo tempo e destruir os Guardiões da História um a um. Infelizmente, nosso plano foi descoberto, por isso teremos

que mudar. A jornada de vocês termina hoje... de forma definitiva.

— Se é assim, acho que não temos nada a perder — Riq falou.

Antes que Dak se desse conta do que estava acontecendo, Riq apoiou as mãos no chão, levantou e disparou em direção a Tilda.

Sera foi atrás. Com as mãos ainda amarradas às costas, ela conseguiu dar um chute e derrubar a cadeira de Tilda. A granada rolou até um canto. Dak tentou levantar, mas suas mãos ficaram presas entre as pernas, o que o obrigou a agachar e sair pulando como um coelho enlouquecido.

Pega de surpresa, Tilda estava caída no chão. Sera ajoelhou sobre os braços dela, imobilizando-a, e Riq arrancou a bolsa da mulher. Depois de saltar mais um pouquinho, Dak finalmente conseguiu estender os braços diante de si e se juntou aos amigos. Riq tirou o novo Anel do Infinito — o Anel da Eternidade — da bolsa de Tilda, o que a fez gritar de raiva. Ela agarrou Riq, deixando um arranhão feio em seu braço, mas ele a segurou e chutou o Anel para Dak.

— Destrói isso! Acaba com essa coisa!

O Anel da Eternidade era feito de metal azul e brilhava quando alguém o segurava. De resto, parecia idêntico ao original. Dak apanhou o Anel de Tilda e correu até um canto da sala, onde começou a batê-lo contra o chão. Ele conseguiu provocar um amassado, e um parafuso ficou bambo, mas o dispositivo era bem resistente. Era só o que faltava. Enfim a SQ conseguira fabricar um produto de qualidade, e logo o que ele precisava quebrar!

Ele ergueu os braços outra vez e atirou o Anel da Eternidade no chão com todas as forças. Dak ouviu o som de vidro se quebrando, mas nesse momento Tilda o agarrou pela garganta. Riq e Sera a puxavam por trás, mas Tilda era mais forte do que parecia, e estava dando conta dos três.

Se Dak pegasse a granada, poderia encaixá-la no dispositivo e atirá-lo longe. Isso com certeza o destruiria. Mas Tilda o estrangulava, e o ambiente ao seu redor começou a escurecer.

— Parem com isso! — ordenou uma voz.

Todos pararam e se viraram para Von Roenne, que estava na porta com Cleo, Anton e dois soldados nazistas.

Dak, Sera e Riq se encolheram do outro lado da sala. Cleo e Anton correram na direção de Tilda, e Von Roenne entrou. Seu rosto estava vermelho, e o peito oscilava de raiva.

— Expliquem agora mesmo o que está acontecendo!

Tilda foi a primeira a falar:

— Essas crianças me atacaram!

— Ah, é? E de quem é essa arma? — Von Roenne abaixou, apanhou a granada do chão e a entregou com cuidado a um dos soldados.

A mulher pareceu ofendida com aquela reação, mas se limitou a dizer:

— Eu estava tentando mantê-los presos aqui enquanto meus amigos buscavam você.

— Presos? — questionou Von Roenne. — Sob qual acusação?

— Espionagem — disse Anton. — Coronel Von Roenne, estamos tentando pegar Dak desde que ele se infiltrou aqui. Ele trabalha para os britânicos.

— Não é verdade! — Dak protestou. Tudo bem, ele era um espião, mas não dos britânicos. Ele trabalhava para os Guardiões da História.

— O outro garoto e a menina são espiões também — disse Cleo. — O menino estava na Grã-Bretanha, trabalhando como tradutor.

— Então traduza isto — Riq respondeu, em um desafio: — *Jus pasmirsti kaip supuvusia surio!*

Dak deu uma risadinha quando seu dispositivo traduziu a frase dita em lituano: “Você fede a queijo podre!”. Apesar de ele considerar isso uma espécie de elogio, Cleo certamente não encararia dessa maneira.

Mas ela ignorou Riq e apontou para Sera.

— E a menina estava na Espanha, tentando convencer seus espiões de que o corpo do major Martin era mesmo o de um oficial britânico.

Von Roenne ergueu uma sobrancelha.

— Ah, eu ouvi falar de vocês. Então trabalham juntos?

— Nós estamos do lado certo da história — disse Dak. — E você?

Sem responder, Von Roenne se virou para Cleo e Anton.

— Vocês capturaram esses espiões. O que querem em troca?

Eles se entreolharam. Anton limpou a garganta para falar:

— Representamos uma organização que existe há centenas de anos, e tem ramificações por todo o mundo. Em troca desses espiões, queremos um encontro com seu *führer*. Ele precisa saber como a nossa colaboração vai funcionar a partir de agora.

— Ah, vocês não são nazistas? — perguntou Von Roenne.

— Nós não temos tempo pra isso! — disse Tilda. — Vamos logo!

Mas Anton já estava falando:

— Somos maiores que os nazistas, mais poderosos. E vamos continuar existindo muito depois de vocês desaparecerem. Nós somos a SQ, e nossa vez finalmente chegou!

A escolha de Von Roenne

SERA FICOU HORRORIZADA COM A IDEIA de a SQ assumir o controle do mundo a partir dali. Sabia que a organização tinha ramificações por toda parte e, com seu próprio Anel do Infinito, Tilda seria capaz de provocar muito mais destruição.

Von Roenne não pareceu muito impressionado com as palavras de Anton.

— Eu não conheço o poder da SQ, mas conheço o nosso. — Ele se virou para os soldados nazistas que o acompanhavam. — Levem esses dois para interrogatório.

Cleo e Anton correram em direção à porta em uma tentativa de fuga, mas os soldados os prensaram contra a parede e os algemaram. Quando foram levados, Sera não sabia qual dos dois estava berrando mais alto.

— Quanto a você... — começou Von Roenne, se virando para onde estava Tilda, mas se interrompeu. — Ora... onde está ela?

Dak, Sera e Riq se viraram. Tilda havia desaparecido, junto com seu Anel da Eternidade. Gotas de um líquido cor de âmbar estavam espalhadas pelo chão — o combustível que alimentava os Anéis. Aonde quer que tivesse ido, ela não chegaria muito longe sem combustível. Mas Tilda definitivamente não estava mais na Alemanha de 1943. E sem dúvida já executava a fase seguinte de seu plano.

Von Roenne estreitou os olhos e fechou a porta atrás de si.

— Vocês não são espiões comuns, certo?

— Nós não somos espiões, na verdade — Riq respondeu. — Somos apenas viajantes, com a missão de pôr a história de volta nos trilhos.

— Ah, lá vem a palavra *história* de novo. E quando você disse que estuda história, quis dizer algo mais, creio eu.

— Considerando a maneira como nos envolvemos com a história, sim, senhor — Dak confirmou.

— Eu conversei com outros oficiais que viram o relatório do major Kuhlenthal. A maioria acredita no que ele diz. Hitler pediu minha opinião, para saber que rumo tomar.

Sera franziu a testa.

— Ele confia tanto assim em você?

— Sim! — Dak respondeu por ele. Havia em seus olhos um brilho que Sera logo reconheceu. Mais um fato histórico tinha sido lembrado. — Ele confia em você, até para

questões de vida ou morte. Você sabe disso, coronel. Hã... ou pelo menos algum dia vai descobrir.

— Como assim? — questionou Von Roenne.

— Agora eu sei por que não conseguia me lembrar de onde conhecia seu nome. É porque você quis ser esquecido. Decidiu fazer o que imaginava ser correto e torceu para que ninguém descobrisse... porque fazer a coisa certa às vezes pode ser muito perigoso.

Von Roenne ficou inquieto.

— Perigoso como?

Dak suspirou.

— Você acredita na Alemanha, mas não em Adolf Hitler, e com certeza não aprova as coisas horríveis que ele vem fazendo. De certa forma, você é um espião também.

— Como ousa...

— Existem vários bons alemães que não aprovam o que está acontecendo aqui. Você é um deles. E existe um movimento secreto para destruir o nazismo por dentro. Você faz parte dele, não?

A expressão de Von Roenne se amenizou.

— Meu único desejo é salvar vidas. Milhares de pessoas já morreram sem necessidade.

Dak caminhou até Von Roenne.

— Assim como você quer salvar vidas, nós queremos salvar a história. Precisamos fazer o que achamos que deve ser feito. Coronel, você tem que fazer a coisa certa com o relatório do major Kuhlenthal.

— A Alemanha precisa deixar a Sicília desguarnecida — Von Roenne murmurou. — Devo convencer Hitler a deslocar nossas forças para a Grécia, mesmo sabendo que os Aliados estão a caminho da Sicília.

— Sim, senhor — confirmou Dak.

— E como vou ser lembrado pela história depois disso? — perguntou Von Roenne. — Pelo jeito você já sabe.

— A história vai dizer que você foi um dos poucos homens a enfrentar o mal sem se acovardar — garantiu Dak. — Você vai ser lembrado como um herói.

Uma batida na porta interrompeu a conversa.

— Coronel Von Roenne — disse uma voz do outro lado —, o *führer* mandou chamá-lo imediatamente.

Von Roenne sorriu para os viajantes do tempo. Em seguida se virou para a porta e falou:

— Diga que já estou indo. Tenho boas notícias.

Sera jamais soube qual foi a expressão no rosto do coronel ao virar para se despedir. A essa altura, os três já haviam partido para mais uma viagem no tempo.

Os acontecimentos na Sicília

SERA, RIQ E DAK EMERGIRAM DA VIAGEM NO TEMPO como se tivessem sido espremidos para fora de um tubo de pasta de dente. Eles ficaram caídos no chão por alguns minutos, recuperando-se da jornada. Aos poucos, Riq percebeu que estavam deitados na areia, e que o som das ondas quebrando na praia não estava muito distante. O clima era agradável e, onde quer que estivessem, o garoto não estava com pressa de ir embora.

— Eu detesto viajar no tempo — Dak comentou. — Alguém mais está com a sensação de que foi pisoteado por um gigante?

— Você está com cara de que foi mesmo — Riq falou com uma risadinha, mas também se sentia daquela maneira. Ele sacudiu as mãos e os pés, para tentar reativar a circulação do sangue.

Sera soltou um gemido e sentou.

— Tive uma ideia, Dak. Vamos voltar para a época em que os seus pais inventaram essa coisa e dizer para eles criarem uma viagem mais *confortável*.

— Conforto. *Esse* é o nosso maior problema — respondeu Dak. Ele rolou pela areia e sentou ao lado dela. — Onde a gente está?

Sera apontou na direção de uma ilha onde era possível ver bandeiras britânicas e americanas tremulando.

— Aquela é a Sicília.

— Ah, é? — Riq se acomodou ao seu lado. — Então os Aliados conseguiram tomar a ilha?

— Em que ano estamos? — Dak quis saber.

— Ainda em 1943 — contou Sera. — Mas alguns meses depois, só pra conferir se Tilda não estragou tudo depois que fomos embora.

Riq levantou e andou até uma lixeira na praia. Havia um jornal amassado lá dentro. Estava sujo de molho, pois fora usado para embalar alguma comida, mas ainda dava para ler, desde que a pessoa fosse fluente em italiano, claro. Riq sorriu. Ele conhecia aquele idioma desde o jardim de infância.

Dak olhou por cima do ombro dele e apontou para a única palavra que entendeu: *Mussolini*.

— Era o ditador da Itália. Isso deve ser interessante.

Riq abriu o jornal sobre a areia, e Dak e Sera puseram pedras nas pontas para que o vento não o levasse. A data no alto da página era 25 de julho de 1943. Riq limpou a garganta e

traduziu a manchete:

— “Após derrota na Sicília, Mussolini é preso e forçado a renunciar.”

— Hitler perdeu seu aliado mais próximo — Dak comentou. — Isso vai ser um tremendo baque para a Alemanha.

Eles continuaram debruçados sobre o jornal enquanto Riq traduzia a matéria. O ataque dos Aliados à Sicília foi descrito como a maior invasão naval da história. A reportagem também sugeria que a derrota da Alemanha fora ainda mais devastadora do que os Aliados esperavam. Como acreditaram na história do Homem Que Nunca Existiu, os alemães moveram a maior parte de suas tropas para a Grécia. Os soldados que permaneceram na Sicília eram, em sua maioria, homens mais velhos, mal treinados e que estavam mais preocupados em comer *fettuccine* do que lutar. No primeiro dia da invasão, mais de cem mil soldados Aliados entraram na Sicília, e seus oponentes não dispararam nem um único tiro antes de se render. Quando os alemães se deram conta do que acontecia e mandaram reforços, os Aliados já tinham tomado a ilha. A Alemanha perdeu uma de suas bases mais importantes na guerra e, para completar, com a deposição de Mussolini, muita gente achava que a Itália passaria para o lado dos Aliados.

A matéria informava que, na Alemanha, todos buscavam um culpado pelo desastre.

— Procura o nome do Von Roenne — pediu Dak.

Riq passou os olhos pelo texto. Ele encontrou o nome de Clauss, o nazista que tentou acompanhar a autópsia do major Martin e que agora sofreria sanções disciplinares. Kuhlenthal passaria pelo mesmo, apesar de ter tentado pôr a culpa em Clauss. Depois desse fiasco, o major com certeza não subiria na hierarquia nazista. Von Roenne era citado de passagem, afirmando que obviamente os britânicos haviam desistido dos planos encontrados com o major Martin.

— Ele está seguro por enquanto — disse Riq. — Hitler não tem como saber que ele mentiu.

— A participação de Von Roenne na guerra ainda não terminou — garantiu Dak. — Ele ainda tem muito mais vidas para salvar. Vai acabar preso antes do fim do conflito, mas morrerá como um herói.

Riq pensou nisso por um instante. Von Roenne sabia o que a história lhe reservava, e não se acovardou. O coronel merecia respeito por isso. Caso um dia precisasse fazer algo assim tão grandioso, Riq esperava ter a mesma coragem para encarar o que viesse pela frente.

De certa forma, ele já tinha feito isso.

— E o que diz a legenda da foto? — Sera perguntou, apontando para a imagem dos tanques alemães em retirada.

Riq leu rapidamente a frase e falou:

— Hitler está desistindo de ataques planejados em outras regiões.

— Aposto que, depois da operação Carne Picada, ele não sabe mais em quem confiar — disse Sera.

— Bom, a história está salva de novo! — Dak exclamou, contente. — Um futuro escritor de livros de espionagem tem uma ideia, que é posta em prática por um pequeno grupo de pessoas trabalhando em um porão, e isso acaba mudando o rumo de uma guerra.

— Isso mudou o rumo da história — comentou Sera. — Nós conseguimos!

— Tomara que tudo continue assim — Riq falou. — A gente não pode esquecer que agora Tilda tem seu próprio Anel.

— Mas não vai conseguir chegar muito longe com o pouco de combustível que tem — argumentou Dak. — Duvido que ela cruze o nosso caminho de novo. — Ele levantou, limpou a areia da calça e acrescentou: — Quem está pronto para a próxima aventura? Pra que época vamos agora?

Sera pegou o SQuare e, depois de apertar alguns botões, ergueu a cabeça e sorriu.

— Pelo jeito vamos reencontrar alguns velhos amigos. Quem está a fim de voltar a Paris?

Epílogo

TILDA CAIU EM CIMA DO OMBRO DIREITO ao concluir a viagem no tempo. Ela sentiu uma pontada bem forte, mas logo lembrou a si mesma de que a dor era para os fracos.

Mais adiante, o Anel da Eternidade estava caído em uma pedra, ainda zunindo. Não era um bom sinal. Dak Smyth, aquele maldito, quase tinha estragado tudo, mas pelo menos ela conseguira chegar até ali. O combustível estava vazando, mas se Tilda mantivesse o dispositivo sempre na vertical, teria o suficiente para fazer o que queria.

Quando apanhou o Anel, viu uma moeda reluzindo no chão ali perto. O dinheiro que ela levava nos bolsos era inútil ali, portanto qualquer coisa que encontrasse seria útil. Cunhada na moeda havia uma imagem da deusa grega Atena, um sinal de que Tilda estava no lugar certo.

Ela sentou, tirou um lençol da bolsa e enrolou em torno de si, escondendo o Anel entre as dobras. Havia vozes se aproximando, e ela não queria despertar suspeitas nos locais.

— Ora, saudações — disse um homem, se aproximando. — Precisa de ajuda?

A mulher que o acompanhava pareceu um tanto perturbada pela aparência da recém-chegada. A princípio, Tilda imaginou que tivesse sido reconhecida, mas lembrou que aqueles dois nunca a haviam visto. A mulher se aproximou, e o casal ajudou Tilda a levantar.

Ela sorriu e agradeceu com a maior simpatia que podia carregar em sua voz áspera.

— Você se machucou? — perguntou o homem. — Podemos te acompanhar até a cidade, se precisar.

— Sim, por favor.

Tilda até se curvou um pouco para parecer mais fraca. Na verdade, ela estava levando o Anel da Eternidade junto ao peito e não queria que ninguém notasse. Pelo menos não aqueles dois.

Por mais humilde que fosse sua postura naquele momento, por dentro Tilda estava praticamente às gargalhadas. Aquela era a maior ironia do mundo, e ela não podia compartilhar com ninguém... ainda.

No entanto, quando Dak voltasse àquela época, ela lhe contaria tudo. E o garoto certamente não acharia a menor graça.

O casal que se ofereceu para ajudar Tilda eram o sr. e a sra. Smyth, os pais de Dak. Eles eram a chave para sua vingança contra os três Guardiões da História, e também a garantia de que teria o controle sobre a viagem no tempo para sempre.

A diversão de Tilda estava só começando.

JENNIFER A. NIELSEN é autora da Trilogia do Reino, cujo primeiro volume, *O falso príncipe*, entrou para a lista de best-sellers do *New York Times*, e da série Underworld Chronicles. Adora chocolate, livros antigos e dias preguiçosos nas montanhas. Nascida e criada no norte de Utah, hoje ela mora com o marido, os três filhos e um cachorro que se recusa a buscar a bolinha.

Copyright © 2013 by Scholastic Inc.

Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com a Scholastic Inc.,
557 Broadway, Nova York, NY 10012, EUA.

INFINITYRING e os logotipos associados são marcas e/ou marcas registradas da
Scholastic Inc.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

TÍTULO ORIGINAL Behind Enemy Lines

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Michael Heath

DESIGN Keirsten Geise

MAPA Jim McMahon © Scholastic Inc.

PREPARAÇÃO Bárbara Prince

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Mariana Cruz

ISBN 978-85-438-0251-0



Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/edoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Sumário

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

1 Cair, levantar e correr

2 O desafio do Guardião da História

3 O segredo de Riq

4 De volta para casa

5 Uma nova viajante

6 O Memorando da Truta

7 O Homem Que Nunca Existiu

8 Os segredos da sala 13

9 A separação

10 A espiã de Clauss

11 A escolha de Riq

12 Fugindo da SQ

13 Os alertas de Sera

14 Nas garras de Tilda

15 A fuga de Riq

16 Cavalo de Troia

17 O pedido de Kuhlenthal

18 As suspeitas de Sera

19 Dak e o lobo

20 O resgate de Von Roenne

21 Pulando da frigideira...

22 ... direto para o fogo

23 O plano vai por água abaixo

24 Tilda e a máquina do tempo

25 A escolha de Von Roenne

26 Os acontecimentos na Sicília

Epílogo

Sobre a autora